

*Acervos Especiais:
memórias e diálogos*

**Brunno V. G. Vieira
Ana Paula Meneses Alves
(Org.)**

**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

**ACERVOS ESPECIAIS:
memórias e diálogos**

Unesp – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Reitor: Julio Cezar Durigan

Vice-reitora: Marilza Vieira Cunha Rudge

Faculdade de Ciências e Letras – Araraquara

Diretor: Arnaldo Cortina

Vice-diretor: Cláudio César de Paiva

Coleção Memória da FCL N. 3

Conselho Editorial Acadêmico do Laboratório Editorial

Luiz Gonzaga Marchezan

Claudete de Sousa Nogueira

Marcia Teixeira de Souza

Fernando Ramalho Martins

Enéas Gonçalves de Carvalho

Normalização

Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras

Diagramação

Eron Pedroso Januskevictz

Capa

Mauricio Salera

Revisão textual

Jessica Romanin Mattus

Marina Bariani Trava

Coleção Memória da FCL

ACERVOS ESPECIAIS: memórias e diálogos

Brunno V. G. Vieira
Ana Paula Meneses Alves
(Org.)

CULTURA
ACADÊMICA 
Editora

Copyright © 2015 by Laboratório Editorial da FCL
Direitos de publicação reservados a:
Laboratório Editorial da FCL

Rod. Araraquara-Jaú, km 1
14800-901 – Araraquara – SP
Tel.: (16) 3334-6275

E-mail: laboratorioeditorial@fclar.unesp.br
Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

Obra disponível em formato impresso e eletrônico
(consultar endereço acima).

Acervos especiais: memórias e diálogos / Organizado por: Bruno V. G.
Ac35 Vieira; Ana Paula Meneses Alves. –
São Paulo : Cultura Acadêmica, 2015.
134 p. ; 21 cm. – (Coleção Memória da FCL, n.3)

ISBN 978-85-7983-721-0

I. Bibliotecas. 2. Bibliotecas -- coleções especiais.
I. Vieira, Bruno V. G. II. Alves, Ana Paula Meneses. III. Série.

CDD 025.8

SUMÁRIO

Apresentação: Os livros e seu destino <i>Brunno V. G. Vieira</i>	7
Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações <i>Andre Vieira de Freitas Araujo</i>	15
História, Memória e Patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais <i>Ana Virginia Pinheiro</i>	33
História e memória por meio de coleções especiais: o caso da Biblioteca da Unesp/FCLAr <i>Ana Paula Meneses Alves</i>	45
UFSCar: Coleções Especiais em uma biblioteca comunitária <i>Vera Lucia Cósia</i>	71
UNICAMP: coleções especiais e obras raras <i>Tereza Cristina Oliveira Nonatto de Carvalho</i>	89
Biblioteca brasileira Guita e José Mindlin - BBM – USP <i>Cristina Antunes</i>	101
Biblioteca Digital e o Programa Memória Social da Unesp <i>Tania Regina de Luca</i>	115
Sobre os autores e organizadores	127

APRESENTAÇÃO

OS LIVROS E SEU DESTINO

Brunno V. G. VIEIRA

É lugar-comum, quando se fala em livros antigos ou em acervos bibliográficos especiais, como é o caso desta obra, virem à mente as palavras emblemáticas de Terenciano Mauro: *habent sua fata libelli* (v.1286), o que, em tradução mais ou menos livre de Rónai (1980, p.77), significa “os livrinhos têm o seu destino”.

O bordão é conhecidíssimo. Tanto que dois dos maiores bibliófilos brasileiros¹ não lhe resistiram. Rubens Borba de Moraes lança mão dele para amaldiçoar o espírito avaro do livreiro Charles Chadenat, cuja rara *Brasiliana* fugiu às mãos dos brasileiros - e, evidentemente, às suas - pelo poder de compra de bibliotecas e bibliófilos europeus (MORAES, 2005, p.119). E José Mindlin (1998, p.395) o estampou como título de um artigo seu sobre a trajetória do Códice Costa Matoso, compêndio do Brasil colonial que trazia informações e documentos sobre a descoberta de ouro em Minas.

A frase, porém, é mesmo fatídica. O livro em que ela se encontra o *De litteris, de syllabis, de metris* (“Sobre as letras, as sílabas e os metros”), criterioso tratado latino de versificação do séc. III d. C. encontra-se praticamente esquecido. Também foi obliterado o verso que aninha a frase. Sim, pobre Terenciano! Ela figurava em um tratado sobre métrica latina escrito em verso e em latim, se é que podemos imaginar o trabalho que deve ter dado fazer isso...

¹ Cujas bibliotecas integram a *Brasiliana* da Universidade de São Paulo que também figura entre as Bibliotecas descritas no presente livro.

Ensaaiaremos, nesta apresentação ao livro *Acervos especiais: memórias e diálogos*, fazer justiça ao destino da obra de Terenciano, aproveitando sua frase e o seu quase desconhecido entorno para introduzir a matéria, o escopo e as singularidades do presente livro, produto da I Jornada sobre Gestão e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Unesp, realizado entre os dias 20 e 21 de maio de 2014 pela Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) da Unesp, câmpus Araraquara, com apoio da Coordenadoria Geral de Bibliotecas (Reitoria/Unesp) e da Direção da unidade.

Destina-se este livro a discutir a gestão e o desenvolvimento de políticas de formação e aprimoramento de coleções especiais, a apresentar ações de preservação e conservação, bem como a estabelecer uma fonte de relatos de experiências sobre acervos especiais em diversos tipos de Unidades de Informação, em especial no âmbito das bibliotecas universitárias públicas paulistas, divulgando e salientando a importância e a raridade destas coleções.

*

Dois versos do autor latino, nos quais se encontra aquela profecia sobre a fortuna dos livros, que abre esta apresentação, serão o bastante para refletirmos sobre questões-chave tratadas nos capítulos que integram o presente volume. Diz Terenciano Mauro:

*Deses et impatiens nimis haec obscura putabit:
pro captu lectoris habent sua fata libelli.*

(MAURUS, vv. 1285-6)

O ocioso -e o ansioso- achará isto obscuro:
ao que capta o leitor, os livros são fadados.

(Tradução nossa)

Contextualizando: esse é o fechamento de um trecho da obra de Terenciano que trata das sílabas em poesia latina. O assunto abordado é a prosódia, ou seja, a acomodação dos sons da língua relativamente ao ritmo, à duração e à intensidade das sílabas. Diante da aridez do objeto, o metricista entende que seu leitor não poderá ser ocioso ou ansioso, sob pena de achar tudo aquilo muito obscuro.

Assim também ao leitor deste *Acervos especiais: memórias e diálogos*, requerem-se um tanto de empenho e outro tanto de paciência.

Virtudes que todos aqueles que lidam com a delicadeza da memória e das páginas endurecidas pelo tempo devem cultivar. Coligimos aqui reflexões e experiências de pesquisadores, gestores e bibliotecários sobre esses fundos bibliográficos considerados especiais.

Aos que trabalham nessas bibliotecas ou aos usuários que as consultam, salta aos olhos o crescente número de livros adquiridos ou doados que ocupam espaços mais ou menos restritos dentro do acervo geral. Diante dessa constatação, é fundamental que reflitamos sobre a definição e o sentido desse tipo de coleções tão largamente incorporadas a nossas bibliotecas universitárias. Quais os critérios vigentes para a classificação de uma obra especial ou de um livro raro? Que indagações o mundo contemporâneo pode exercer sobre critérios de raridade e singularidade dos acervos em questão?

Esses são assuntos tratados nos capítulos 1 e 2 da presente coletânea. No primeiro deles, Andre Vieira de Freitas Araujo, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em seu artigo “Gestão de coleções raras e especiais no séc. XXI: conceitos, problemas, ações”, expõe um ponto de vista crítico sobre a formação dos acervos que aqui nos interessam. Com a experiência de quem trabalhou na antiquíssima - ao menos em termos americanos - Biblioteca do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, e com a peripécia de um leitor/bibliotecário atento às reflexões contemporâneas sobre o tema, Araujo aponta uma série de questionamentos sobre a instabilidade dos significados e conceitos que cercam o trabalho com esse tipo de coleção.

O segundo capítulo é de responsabilidade de Ana Virginia Pinheiro, pioneira dos estudos sobre livros raros do Brasil e reconhecida internacionalmente como bibliotecária *expert* no assunto, professora da UNIRIO e chefe da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, em número e qualidade do acervo, a mais importante desse tipo da América Latina. Pinheiro, em seu artigo “História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais”, apresenta, com toda sua autoridade, os critérios usados nacionalmente na definição e avaliação de coleções especiais, oferecendo de forma clara e embasada os principais elementos técnicos e legais no tratamento desse tipo de acervo.

Por mais que sejam animosos e animados com a profissão, como é requisito dos leitores de Terenciano, os bibliotecários nem sempre sabem como lidar com a crescente demanda de espaço e preparação técnica desses conjuntos de volumes. Nesse sentido, o presente livro fornece algumas experiências práticas de organização e disposição bastante úteis, tanto no que se refere ao tratamento do material quanto aos expedientes e normalizações concernentes à sua anexação. Bibliotecários de quatro expressivas instituições de ensino público do Estado de São Paulo (Unesp, UFSCAR, UNICAMP e USP) detalham a formação e estruturação de coleções de livros raros ou especiais em bibliotecas universitárias.

A anfitriã Ana Paula Meneses Alves faz um relato arguto e pormenorizado sobre as coleções especiais da Biblioteca da FCLAr/Unesp, da qual é Diretora, destacando a importância de seus doadores e fornecendo os preciosos subsídios técnicos utilizados na definição e estruturação dos acervos especiais sob sua responsabilidade. No seu capítulo, ao se fixar no binômio História e Memória, a autora sedimenta os elementos norteadores de sua organização e destaca a importância de detalhe principalmente no trabalho com os acervos do sociólogo Otávio Ianni, de Yedda e Augusto Schimidt e da classicista Gilda Reale, que contêm joias das mais valiosas.

No quarto capítulo da coletânea, intitulado “UFSCar: coleções especiais em uma biblioteca comunitária”, Vera Lucia Cósia, uma das bibliotecárias responsáveis pelo tratamento e disponibilização do “Fundo Florestan Fernandes”, apresenta um rico relato da formação do Departamento de Coleções e Obras Raras e Especiais (DeCORE) da Universidade Federal de São Carlos. Sem dúvida, o criterioso trabalho na descrição do acervo de Florestan Fernandes, um dos mais influentes e reconhecidos sociólogos brasileiros, é um exemplo para empreitadas desse tipo em que pesem o respaldo acadêmico e arquitetônico que teve na estruturação de sua biblioteca. O caráter comunitário da BCo-UFSCAR, cuja utilização também é estendida à comunidade extra-muros, também merece destaque e deveria servir de exemplo para outras Unidades de Informação desse tipo.

Tereza Cristina Oliveira Nonatto de Carvalho, responsável pela gestão das coleções especiais e de obras raras da Universidade de Campinas (UNICAMP), traz o relato mais objetivo e técnico deste

livro. Baseada nos critérios de formação de seu acervo, nacionalmente reconhecidos, a autora oferece um panorama completo abrangendo considerações sobre a raridade dos livros chegando à descrição de suas principais coleções, entre as quais se destaca a do eminente historiador Sérgio Buarque de Holanda.

No sexto capítulo, último dedicado à descrição de acervos, Cristina Antunes da Universidade de São Paulo (USP), expõe em detalhes a riqueza bibliográfica e a constituição física monumental da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin que após a morte do bibliófilo foi doada à USP, que construiu um prédio de arquitetura exemplar para esse tipo de acervo. A autora, curadora da Brasileira desde 2013, teve a felicidade de trabalhar ao lado do mais bem sucedido e afortunado bibliógrafo brasileiro, e ilustra, em rico artigo, seu largo conhecimento sobre o tema apresentando ricas reproduções de exemplares pertencentes ao acervo.

Como as sílabas de Terenciano Mauro, tais repertórios bibliográficos parecem bastante obscuros ao trabalhador ou frequentador de bibliotecas mais habituais. Livros em línguas e ortografias estranhas requerem um manuseio especializado, assim como atenção a particularidades de descrição, já que anotações marginais e todo tipo de intromissão de ilustres leitores, tais como grifos, marcações de página, sinais de interpretação, recortes de jornais e revistas anexados às obras, enfim, tudo o que se insere ou se inscreve no interior desses livros é significativo e deve merecer tratamento especial. A presente coletânea, nesse sentido, lança luz à organização desses acervos, categorizando suas principais necessidades e reportando de modo claro e direto suas fundamentais particularidades.

Esclarecidas as obscuridades, voltemos ao nosso injustiçado Terenciano. Quando o autor latino trata os livros (*libri*) por seu diminutivo (*libelli*) não estaria ele antecipando a leveza e a fácil mobilidade dos suportes digitais que abrigam as atuais bibliotecas? Na verdade, o uso do diminutivo indica um certo ar de modéstia a que os autores romanos se investiam ao tratar de suas obras. A despeito disso, arriscamos acolher esse termo como uma possível profecia, já que haverá lugar também aqui, no derradeiro texto da coletânea, para a formação de bibliotecas digitais. Os novos suportes computacionais permitem uma infinidade de recursos multimi-

diáticos capazes de desafiar o silêncio dos livros em seu formato tradicional. A democratização dos conteúdos diante da urgência de nossa idade em acolher também leitores com necessidades especiais, as mais diversas, impõe desafios e superações bastante concretas já nos suportes digitais.

A historiadora e pesquisadora Tania Regina de Luca fecha este livro com seu texto “Biblioteca digital e o Programa Memória Social da Unesp”. Em seu relato preciso e objetivo, ela detalha a formação desse empreendimento inovador da Unesp que tem investido recursos financeiros e, principalmente, humanos (com participação de alunos de graduação e docentes pesquisadores de renome) na formação de um acervo digital de obras raras e especiais. Pormenores de como foram incorporados no novo formato acervos tão díspares como hemerotecas e partituras musicais apontam os passos firmes percorridos pela Universidade, sob a gestão e supervisão da pesquisadora, rumo a um formato, ao mesmo tempo, demandado e oportunizado pelas novas tecnologias. A parceria com instituições com sólida reputação na conservação de acervos raros e especiais, tais como Biblioteca Mario de Andrade e o Arquivo do Estado de São Paulo, assinala um caminho multi-institucional a ser seguido por outras instituições universitárias.

Passemos à nossa conclusão que se quer um convite à leitura deste livro que agora se abre, retomando Terenciano Mauro. O leitor, que também é bom entendedor, já deve ter percebido, nos versos acima transcritos e por nós traduzidos, a versatilidade do pronome “isto” (*haec*) de nosso autor. Ele se refere ao assunto anterior, mas também remete ao verso seguinte em que se encontra a sua sobrevivente sentença: “ao que capta o leitor, os livros são fadados». Quando Terenciano Mauro restringe o destino dos livros à interpretação dos seus leitores, ele aponta para o caráter de meio e não de fim da sua obra, que também metonimicamente se estende a todos os escritos. Por um lado, os acervos especiais estão sujeitos aos seus leitores e, por outro, à contínua revisão e reavaliação que está sob a égide e a responsabilidade desses mesmos leitores. À medida que esses livros, de que tratamos, servem ao ensino, à pesquisa e à extensão, pilares de nossa Universidade, eles devem refletir os anseios de seu público e acolherem os desenvolvimentos das várias ciências e humanidades

que eles intermediam - e posto que verdades inexistem - sem jamais finalizar.

A transmissão da frase *habent sua fata libelli* sem a primeira metade do verso atinente ao leitor fere a grandeza do postulado de Terenciano. Os acervos especiais não existem em absoluto, ou seja, não são monumentos incontestes de um gestor ou de um grupo de leitores. Esta é duplamente a grandeza do bordão e a do presente livro que expõe um retrato crítico desses acervos. A conjunção dos termos “memórias” e “diálogos”, que compõem seu subtítulo, aponta a convergência entre a salvaguarda e o ensinamento das experiências passadas, ao mesmo tempo que se escancara para o sempre produtivo diálogo com o futuro.

REFERÊNCIAS

MAURUS, T. De litteris, de syllabis, de metris: libri tres. In: KEIL, H. [KEILII, H.]. **Grammatici latini: scriptores artis metricae**. Leipzig: Teubner, 1872. v. 6, p.313-413.

MIDLIN, J. Habent sua fata libelli. **Varia historia** Belo Horizonte, v. 21, p. 395-400, jul. 1999.

MORAIS, R. B. de. **Bibliófilo aprendiz**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

RÓNAL, P. **Não perca o seu latim**. 5. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GESTÃO DE COLEÇÕES RARAS E ESPECIAIS NO SÉC. XXI: CONCEITOS, PROBLEMAS, AÇÕES

Andre Vieira de Freitas ARAUJO

Introdução

A temática proposta para ser discutida neste capítulo permite a ampliação do debate e a troca de experiências sobre a raridade bibliográfica, tão presente nas instituições de informação e de memória. Tal debate deve ser conduzido de forma crítica, de modo que a problematização atravessasse a raridade bibliográfica para além das práticas e dos fazeres.

Não sou especialista em coleções raras e especiais, mas meu interesse pelo tema vem de minhas práticas profissionais em São Paulo, sobretudo como bibliotecário no Mosteiro de São Bento de São Paulo, fundado no séc. XVI. Tal experiência profissional se estendeu ao interesse acadêmico pela história dos meios de transmissão cultural e dos equipamentos culturais e, atualmente, pelos aspectos históricos do tratamento e organização da informação e do conhecimento pelo viés da Bibliografia enquanto disciplina e, principalmente, pela sua vertente denominada Bibliografia Histórica.

Podemos analisar a temática “Gestão e Desenvolvimento de Coleções Raras e Especiais” sob inúmeros enfoques: a questão conceitual da raridade, formação e desenvolvimento de coleções raras e especiais, história do livro e da edição, tecnologia da informação e comunicação, digitalização, memória etc.

Independentemente da abordagem em que estudemos a raridade, é importante que ela esteja fundamentada por **conceitos teóricos**, sem deixar de lado a ideia de que, no fazer científico, conceitos teóricos não são elementos verdadeiros ou falsos: são construções planejadas que desempenham um determinado papel. Portanto, minha exposição faz parte de uma construção que é conjuntural, local e que pretende exercer uma **função reflexiva** ao evento. Se, por um lado, os conceitos teóricos fundamentam nossas práticas, essas, por sua vez, criam outros saberes que podem se transformar em elementos referenciais para uma área do conhecimento.

O objetivo central deste capítulo não é fazer o estado da arte da gestão de coleções raras e especiais, nem mesmo fazer a distinção e aproximação entre o conceito de “raro” e “especial”, mas discutir de forma breve alguns **conceitos** que permeiam a raridade bibliográfica e apontar alguns **problemas** e **ações** que envolvem a sua gestão. No entanto, minha fala será menos um conjunto de **orientações** e **recomendações** do que um conjunto de **ideias** que podem ou não estimulá-los.

Para o alcance do objetivo proposto, organizei este capítulo em três blocos: conceitos, problemas e ações (este último, centrado no contexto das universidades), que estão subdivididos em subseções que nos levarão às considerações e algumas recomendações.

Questões preliminares

A Biblioteconomia dos Livros Raros¹ - uma das disciplinas que fundamentam as pesquisas e as práticas ligadas à raridade bibliográfica - embora seja constituída por conhecimentos oriundos do diálogo com outras áreas, como a História do Livro, Bibliografia e Literatura, enfrenta uma batalha para que possa ocupar o seu lugar no campo dos estudos informacionais, documentais e sociais.

Digo ocupar, mas na verdade seria reocupar um espaço que já esteve mais presente, no passado, no campo da própria Biblioteconomia pela natureza de seus fundamentos e interesses.

¹ Para uma introdução panorâmica e aplicada, ver: Galbraith e Smith (2012).

Esta batalha, que nos é contemporânea e tão próxima, tem início dentro das universidades, no que toca ao ensino e formação do bibliotecário curador de coleções raras e especiais. Questões delicadas e fundamentais, mas que não constituem o foco de minhas discussões.

Desejo olhar mais para uma possível ampliação do objeto de estudo da área, ou seja, para além das coleções raras e especiais em si: seus contextos e forças que são produzidos a partir de suas representações documentárias, usos e apropriações. Para tanto, a discussão teórica parece ser o primeiro passo.

Vivemos um momento crítico das disciplinas humanistas que lidam com a informação e o documento, uma vez que diariamente somos tomados pela avalanche de informações e pela ressonância de uma concepção de informação desprovida de fisicalidade.

Esta concepção parece ter criado sua marca nas disciplinas ligadas ao campo informacional e documental, como é o caso da Biblioteconomia que, nos últimos anos, demonstrou maior interesse e dedicação às tecnologias da informação e comunicação e às práticas de gestão, sob uma perspectiva quase que a-histórica.

Esta questão teria conduzido ao desinteresse pelo estudo da raridade bibliográfica de forma contínua e integrada no contexto da Biblioteconomia (uma vez que a raridade já era objeto da área em suas origens). Os estudos de raridade bibliográfica caminharam nos últimos anos quase que por uma via autônoma e paralela aos demais estudos informacionais e documentais, vide a configuração de publicações e eventos específicos que, raramente, permitem uma discussão mais transversal com os estudos atuais no campo da informação e do documento.

Esta crise existe e está evidente (basta analisarmos a escassez e centralidade de estudos que temos na área da raridade, no Brasil), justamente no momento de desenvolvimento crítico das disciplinas que lidam com a informação e o documento. Este desenvolvimento desembocou, no fim da década de 90, no denominado paradigma social da informação.

Parece-me ser bastante oportuno inserirmos o estudo da raridade neste cenário, de modo a desenvolver o debate sobre o seu papel social e científico. É a integração do contexto social e cultural que dará lugar ao paradigma emergente.

Este paradigma, que emerge de uma ciência que se relaciona com a sociedade em uma via de mão dupla, não pode ser somente o paradigma científico, mas deve também ser o social, segundo Boaventura de Souza Santos (1988), pensador que sustenta quatro teses dedicadas a esse aspecto: a) todo conhecimento científico natural é científico-social; b) todo conhecimento é local e total; c) todo conhecimento é autoconhecimento; d) todo conhecimento científico há de constituir um novo sentido.

No século XXI, o apagamento das coleções raras e especiais ocorrerá se as práticas curatoriais estiverem centradas somente nos paradigmas físicos (relação unilateral documento x “usuário”) e cognitivos da informação (concepção mentalista da informação e dos sistemas de recuperação da informação)².

É a ampliação para o paradigma social que permitirá a **potencialização** das coleções raras e especiais e, conseqüentemente, o **desenvolvimento** e **amadurecimento** das disciplinas que dialogam com a raridade, como é o caso da Biblioteconomia dos Livros Raros.

Sua integração às demais áreas de estudos da Biblioteconomia e mesmo da Ciência da Informação é urgente, uma vez que a produção de documentos efêmeros estabelece novas questões e desafios ao campo da raridade bibliográfica.

Conceitos

Raridade bibliográfica

É inevitável escaparmos da pergunta central acerca do emblema da raridade bibliográfica: o que é um livro raro?

Para Faria e Pericão (2008, p.469), livro raro é:

[...] assim designado por ser detentor de alguma particularidade especial (antiguidade, autor célebre, conteúdo polêmico, papel, ilustrações). Consideram-se geralmente livros raros os incunáveis, as publicações anteriores a 1800, as primeiras edições de obras literárias, científicas e artísticas, as obras com encadernações

² Para compreensão mais sistemática dos paradigmas físico, cognitivo e social da informação, cf. Vega-Almeida, Fernandez-Molina e Linares (2009).

primorosas, as obras que pertencem a personalidades célebres e que apresentam a sua assinatura ou notas e, sobretudo, os exemplares únicos.

Nesta perspectiva, o livro raro receberia este valor a partir da presença de algumas particularidades que o difere do livro “tradicional” ou corrente. Ao lado da tentativa de sua definição há de se considerar os aspectos que “tornariam” um livro raro.

Nathason e Vogt-O’Connor (1993) afirmam que, em sua definição tradicional, um livro raro é aquele que possui um valor maior pelo fato da procura exceder o seu fornecimento. Tal procura se deve a algumas características do livro raro, tais como: importância (ligado ao seu contexto de produção e utilização); escassez (fator decisivo para o estabelecimento de raridade, quando associado a outro critério); idade e imprenta; condição (qualquer deterioração pode diminuir o valor de mercado do livro); propriedades físicas e estéticas; associação (ligada ao seu proprietário) e assunto (fator não determinante para raridade, mas relevante).

Estes fatores, de modo inter-relacionado, podem contribuir para a determinação da raridade de um livro - primeira ação a ser tomada em um processo de gestão de coleções raras.

Por outro lado, todas estas atribuições são conjunturais, temporais e estão sujeitas a processos subjetivos, uma vez que um livro pode ser raro em uma instituição e não em outra; pode ser raro em um determinado momento histórico e não em outro. É neste sentido que a atribuição de raridade não está ligada a uma realidade definitiva, estática e imutável.

Andrade e Cantalino (2003, p.51) colocam em evidência esta característica ao afirmarem que

[...] o conceito de raridade, longe de designar uma realidade definitiva, material, verificável e constatável, é, sobretudo, o resultado de um acordo fundamentalmente discursivo e de caráter retórico, de que participam (ou, pelo menos em tese, deveriam participar) todos os agentes culturais interessados.

Uma vez que o livro seja considerado raro pelo curador, bastaria que se fizesse a sua gestão dentro dos parâmetros ideais do ponto de vista de seu tratamento, preservação, salvaguarda e difusão.

No entanto, a problematização conceitual deve preceder a ação de gestão, justamente pela complexidade que envolve a atribuição de raridade, sobretudo quando esta atribuição advém de um processo discursivo e intencional.

Há situações muito óbvias em que não há como negar a atribuição de raridade a um livro, em função de um consenso cristalizado. Mas o problema passa a existir quando nos deparamos com situações menos óbvias no cotidiano dos gestores de coleções raras, a exemplo das obras que são consideradas raras pelo interesse específico e de cada instituição e não, necessariamente, por atenderem a uma lista de critérios (ANDRADE; CANTALINO, 2003).

Esta atribuição a partir de interesses específicos de cada curador e instituição é que torna a definição do que é raro mutável.

Ora, esta mutabilidade parece não se alinhar à afirmação “este livro é raro”, uma vez que “[...] ao dizermos que um determinado livro ou documento é raro, dizemos algo de caráter objetivo, ou seja, existe uma correspondência factual, material, empiricamente verificável, capaz de confirmar ou recusar valor de verdade a esta afirmação?” (ANDRADE; CANTALINO, 2003, p.53).

O que se coloca aqui é: em que medida dizer que um livro é raro ou não é uma sentença ligada à realidade concreta e mensurável?

Para Andrade e Cantalino (2003), a afirmação “este livro é raro” não pode ser considerada verdadeira ou falsa (em termos correspondentistas), pelo fato de não ser possível verificá-las ou confirmá-las de modo objetivo. Por exemplo, dizer que um livro é escasso é uma manifestação/atitude não objetiva, já que dificilmente isto é verificável e visível. Ainda, dizer que um livro é importante impõe um desafio já que a importância

[...] de algo não diz respeito, pelo menos não de um modo imediato, às qualidades (físicas) ou às relações (também de ordem física: espaço temporais) com outros objetos. O juízo de importância não é, neste sentido, um juízo de realidade objetiva

que se aplique adequadamente à natureza externa. (ANDRADE; CANTALINO, 2003, p.55).

É neste sentido que afirmar “este livro é raro” é um juízo de valor intersubjetivo, mediado pela linguagem e que é capaz de delinear a relação entre a raridade atribuída ao livro e a esfera pública, como bem discutem Andrade e Cantalino (2003).

A importância do trabalho de Andrade e Cantalino (2003) para uma reflexão conceitual sobre a raridade bibliográfica é tamanha, uma vez que propõe uma **crítica epistemológica ao conceito de raridade** e demonstra a insuficiência dos tradicionais instrumentos de “validação” de raridade, a exemplo dos critérios para o estabelecimento de raridade. É inegável a importância desses instrumentos, mas afirmar que eles são suficientes em um processo de gestão é demasiadamente frágil.

Uma vez entendido como um juízo público, a atribuição de raridade é muito mais do que uma ação técnica, individual. É uma **experiência social e cultural**, daí a relação com o início deste texto no que toca aos estudos da raridade estarem situados em relação ao paradigma social da informação.

Paralelamente a esta questão, o fato de o livro raro não possuir uma definição evidente requer que o seu estudo e entendimento se dê a partir de sua compreensão como documento: afinal, o livro raro resulta da história do impresso, do livro e da edição e, como conjunto, reflete a introdução de determinadas técnicas e estética (CAMARGO, 2000).

A dimensão documental do livro raro também está no fato de que o seu reconhecimento, conceituação, aquisição, organização, uso e difusão só são possíveis a partir da atribuição dos significados que são dados a ele, em um tempo e espaço determinados.

Raridade x monumentalidade: um problema para as instituições de memória e curadores

A problematização feita até aqui nos faz repensar o papel dos tradicionais critérios para definição de livros raros dentro de um processo mais amplo de gestão. Também, paralelamente, nos conduz

à reflexão sobre os valores atribuídos a determinadas coleções com base em intencionalidades institucionais.

O que quero colocar em evidência é que a falta de debate conceitual e de reflexão contínua sobre os saberes e fazeres que envolvem a gestão de coleções raras e especiais faz com que instituições e curadores, por vezes, monumentalizem suas coleções, bem como os instrumentos criados a partir dessas.

Um exemplo clássico é o uso alargado, automático e por vezes pasteurizado dos critérios para estabelecimento de raridade da Biblioteca Nacional (BN), em grande parte das bibliotecas de nosso país. Em nosso entendimento, estes critérios devem funcionar como princípios e referências e não, necessariamente, como instrumentos totais, uma vez que as instituições diferem umas das outras e que os significados dados aos documentos podem ser outros.

Outro aspecto a se considerar é que bibliotecas são equipamentos culturais que possuem histórias distintas e colecionam livros e documentos sob motivações diversas. É esta pluralidade que aponta para a necessidade de uma revisão crítica dos instrumentos de trabalho no campo da raridade bibliográfica que são colocados como únicos, tanto do ponto de vista profissional quanto social.

Neste sentido é que se torna arriscado a constante monumentalidade que se faz, no campo da raridade bibliográfica em nosso país, das instituições, dos documentos auxiliares à gestão e mesmo dos curadores. Há vozes institucionais não reveladas que precisam ser expostas.

Utilizo o termo “monumentalidade” da forma mais clássica como tem sido utilizado nas ciências humanas e sociais, a partir da concepção “documento/monumento” de Jacques Le Goff. Vale lembrarmos que monumento não se refere somente a construções arquitetônicas e esculturas, mas a documentos diversos ligados à experiência histórico-social. Para Le Goff (2003, p.537-538),

[...] o documento é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma

coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.

Portanto, todo livro raro possui esta dimensão documental: não é inócuo e também pode passar pelo processo de monumentalidade, seja a partir dos curadores, seja a partir das instituições. O livro raro deve, portanto, ser desmistificado e, ao mesmo tempo, valorizado.

Dentro desta perspectiva, defendemos a ideia de que também os critérios para definição de livros raros devem ter o seu significado desmistificado, uma vez que possuem a intencionalidade de constituir uma imagem das instituições de memória e mesmo dos curadores.

Creio que este princípio da **teoria crítica do documento** é muito frutífero para compreendermos, em níveis mais aprofundados, o modo como as coleções raras e especiais são identificadas, formadas, classificadas, organizadas e disponibilizadas. Se, por um lado, a monumentalidade de determinadas coleções pode ter a intenção de produzir identidades institucionais “mais sólidas”, por outro, esta mesma monumentalidade pode impor o futuro.

Esta monumentalidade pode estar ligada não só às coleções, mas também aos próprios instrumentos de classificação e representação dessas coleções que podem evidenciar mais alguns aspectos e ofuscarem outros.

Problemas

Função documentária e social do livro raro: uma breve nota

Avançando ainda mais um pouco nas forças e efeitos que são produzidos cultural e socialmente pelas coleções raras e especiais, não podemos desconsiderar os seus possíveis significados enquanto **objetos culturais**.

O sociólogo Karl Mannheim (citado por LUND, 2009) salientou a diferença entre objetos naturais e objetos culturais, alegando que estes últimos merecem suas próprias ferramentas analíticas. Para isso,

ele desenvolveu um quadro conceitual com três tipos de significados: objetivo, expressivo e documentário.

Embora o significado objetivo de um objeto possa ser estabelecido de forma relativamente fácil, sem muito conhecimento sobre as circunstâncias que o cercam, o significado expressivo requer mais conhecimento sobre a consciência do artista (no caso de nosso contexto, dos tipógrafos, editores e autores), suas intenções e sentimentos.

Já o significado documentário é o significado que o documento revela involuntariamente, o que pode ser o seu significado em um contexto social mais amplo (LUND, 2009).

Em outros termos, a **interpretação documental** está ligada à **função social do documento**, o que não está explícito nele. No entanto, conforme afirma Lund (2009), à luz das ideias de Mannheim, esta função é demonstrada pela **posição** do documento na construção do mundo social como um todo. Ou seja, a **função documentária** não é expressa, mas demonstrada pela **função social em si**.

É aí que reside a questão principal do primeiro bloco deste texto, voltado às questões conceituais da raridade bibliográfica: é fundamental compreendermos como a função documentária e social das coleções raras são demonstradas e articuladas, seja pelo jogos de linguagem (“este livro é raro”) ou pela possível monumentalidade das coleções, de seus instrumentos de representação/gestão e de seus curadores.

A teoria documental deve ser revisitada de forma enfática no seio da Biblioteconomia de Livros Raros como uma proposta para respostas ao paradigma centrado somente na informação, na sua gestão e recuperação.

Ao passar por sua possível monumentalidade, coleções raras e especiais correm o risco de atenderem desejos pessoais ou institucionais não associados ao caráter público, social e material da informação.

O “caráter público, social e material da informação” no universo da raridade bibliográfica

Para o canadense Bernd Frohmann (2008), um dos teóricos da Ciência da Informação que segue a perspectiva do paradigma social da informação (e mesmo crítica do documento), o caráter público, social e material da informação nomeia uma tarefa importante para os estudos da informação hoje: como conciliar estudos sobre o fenómeno da informação em nosso tempo com os estudos de práticas sociais e públicas.

Acredito que esta tarefa pode ser deslocada para os aspectos que envolvem este Fórum: como conciliar estudos sobre a raridade em nosso tempo com estudos de práticas sociais e públicas?

Esta questão aponta para um problema significativo uma vez que, na contemporaneidade, observa-se uma tensão entre a **abordagem pragmática** (centrada somente nos processos de gestão) e **abordagem social da raridade**, que a meu ver ainda está em seu processo de construção.

Enquanto a primeira tem figurado, há anos, inúmeros estudos, manuais e eventos sobre a gestão de coleções raras e especiais, a segunda parece ser um processo a ser investigado, desenvolvido e amadurecido.

A partir das ideias de Frohmann, arrisco-me a dizer que encontramos uma via de discussão para o campo da raridade bibliográfica, voltada ao social, desde que possamos compreender e nos apropriarmos da dimensão material da informação que percorre o universo da raridade. Esta materialidade não corresponde à fisicalidade, tão cara ao campo do livro raro.

Segundo Frohmann (2008), o conceito de materialidade é muito importante pois liga duas áreas conceituais: informação, por um lado, e práticas públicas e sociais por outro.

Para ele, se normalmente os documentos nomeiam a materialidade da informação e se esta é importante, então os estudos de documentação são importantes para os de informação. Assim, a documentação torna-se a materialização da informação (FROHMANN, 2008).

Frohmann aborda a materialidade da informação a partir de Michel Foucault, fazendo um paralelo com a materialidade dos enunciados. Para Foucault, a materialidade do enunciado

[...] não consiste simplesmente de sua existência no espaço e no tempo. A materialidade é medida pela massa, inércia e resistência. [...] Os enunciados apresentam graus de estabilidade, de acomodação e de resistência à transformação, deterioração ou desestabilização. Sua massa responde pela energia de seu poder de afetar, ou seja, o poder de criar efeitos. (FROHMANN, 2008, p.22).

O ponto central desta questão está no reconhecimento dos efeitos sociais da informação a partir do reconhecimento de sua materialidade (e não fisicalidade, como já chamei atenção). Portanto, no que toca ao tema central aqui discutido, o que nos interessa mais de perto é reconhecer a materialidade das informações estocadas pelas instituições de memória, uma vez que a materialidade do enunciado pode ser analisada pelo grau de sua imersão institucional.

Nesse sentido, coleções raras e especiais parecem materializar diferentes enunciados a partir de sua imersão institucional. E é a partir desta imersão que se observa a monumentalidade dos livros raros e as definições frágeis do que pode ou não ser um livro raro.

Ou seja, além da fisicalidade (ligada ao tipo de papel, encadernação, etc.), as coleções trazem em si a materialidade que ganha massa e energia; portanto, que produz significados e efeitos culturais e sociais.

Tudo isto pode soar demasiadamente teórico e distante da gestão de coleções raras e especiais, mas não é. Estas reflexões podem contribuir justamente para criação de bases teóricas e de uma nova realidade científica que amplie e amadureça as disciplinas que lidam com a raridade bibliográfica.

Ações

Coleções raras e especiais como fontes e objetos para pesquisa científica

As questões colocadas nos blocos um (**conceitos**) e dois (**problemas**) devem e podem delinear as ações ligadas à gestão de coleções raras e especiais. É indiscutível o potencial dessas coleções, no contexto das universidades, para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

No que toca ao ensino, estas coleções podem ser instrumentos para laboratórios de experimentação e reconhecimento dos aspectos conceituais e materiais da raridade.

Tanto na perspectiva particular quanto institucional, coleções são mantidas para atender demandas informacionais ligadas a pesquisas, trabalhos técnicos e atividades de cunho cultural e científico. Mas é na dinâmica da pesquisa científica que as coleções raras e especiais exercem uma dupla função: fontes e objetos.

Como fontes, coleções raras e especiais auxiliam no estabelecimento das principais etapas de uma pesquisa: definição do tema, objeto, problemas, objetivos, justificativa, hipóteses, metodologia e referencial teórico.

Coleções se tornam fontes para pesquisas quando são atribuídas a elas tais características, afinal não há uma “naturalização” das fontes. Como declara Marc Bloch (2002), interrogar as fontes é, antes de tudo, um procedimento inicial e essencial, pois elas não são dadas, mas sim buscadas e determinadas. É este questionamento que circunscreve e que dá estatuto de fonte às coleções, sejam elas raras/especiais ou não.

Se, por um lado, as coleções raras e especiais exercem a função de fontes - quando abordadas a partir de seu conteúdo e dimensão intelectual - elas também podem ser o próprio objeto de pesquisa.

No horizonte da História e, sobretudo, da História Cultural, inúmeras coleções têm sido tema e objeto de pesquisa para se entender, por exemplo, a história das bibliotecas, do livro, da edição, da leitura, das instituições, das mentalidades, etc.

Pensadores clássicos da história do livro (Lucien Febvre, Henry-Jean Martin, Robert Darnton), da leitura (Roger Chartier, Alberto

Manguel, Guglielmo Cavallo) e das bibliotecas (Marc Baratin, Christian Jacob) produziram obras emblemáticas e referenciais para a definição de percursos teóricos e metodológicos que inserem as coleções raras e especiais em um espaço central de debate.

Quantas coleções que constituem as bibliotecas universitárias trazem em suas margens observações e impressões de seus leitores do passado e do presente? Esses mesmos livros ainda dão pistas sobre a gestualidade da leitura de um determinado período.

Por meio dos indícios e das marcas impressas e manuscritas das coleções é possível mapear o seu percurso, considerando sua gênese, desenvolvimento, uso e até mesmo o modo como foi organizada. É nesta direção que a universidade parece encontrar na raridade a sua possibilidade de diálogo.

Considerações

As reflexões aqui realizadas e que perpassaram por conceitos, problemas e ações são fundamentais para compreensão mais aprofundada sobre a realidade atual das coleções raras e especiais e das instituições de memória, bem como a função social e cultural que elas podem exercer nos dias de hoje.

Curadores de coleções raras e especiais precisam considerar o **contexto** no qual os acervos são formados ao desenvolverem suas práticas de seleção, organização, avaliação e difusão da informação, incluindo ainda as práticas de preservação.

Já no campo científico, devemos ter em mente que é a ampliação de estudos sobre as coleções raras e especiais que possibilitará o amadurecimento da área e, mesmo, o desenvolvimento intelectual e profissional dos curadores. Estes estudos dependeriam diretamente de três aspectos, que aqui tentarei sistematizar:

- 1) desenvolvimento de pesquisas em torno de uma **crítica epistemológica ao conceito de raridade**, voltadas, obviamente, aos fundamentos da disciplina Biblioteconomia dos Livros Raros: essas pesquisas nos ajudariam a compreender sua identidade, em uma perspectiva retrospectiva;

- 2) discussão sobre o **objeto de estudo** da raridade de forma mais aberta com as demais Ciências Sociais. Este objeto talvez não seja mais tão naturalizado como nós achávamos. Talvez seja necessário o colocarmos em construção;
- 3) aproximação com as principais categorias e conceitos da Ciência da Informação. A partir dos estudos de Rendón-Rojas (2012), proponho aqui uma adaptação aos estudos da raridade que poderiam mobilizar conceitos referentes a: a) **sujeitos**, tais como: “coleccionadores”, “impressores”, “curadores”, etc; b) **objetos**: “livros raros”, “coleções especiais”, “documentos”, “instituições de memória”; c) **processos**: “geração de estoques raros”, “tratamento da informação para coleções raras e especiais”, “digitalização”, “gestão de coleções raras e especiais”, “catalogação de coleções raras e especiais”, etc.

Os problemas de natureza epistemológica, teórica, histórica e documental, uma vez introduzidos no cotidiano dos pesquisadores da área e dos bibliotecários, permitem uma visão **menos tecnicista** e **mais humanista** das práticas curatoriais, o que possibilita maior alcance social dessas mesmas práticas.

O conjunto dessas percepções nos leva a apreender que a dinâmica da raridade bibliográfica é flutuante, mas que o nosso compromisso científico precisa ser contínuo para melhor mobilização e articulação dos conceitos, problemas e ações, no tempo.

Agradecimentos

Agradeço à Ana Paula Meneses e ao Brunno Vinicius G. Vieira pelo convite, oportunidade e receptividade calorosa e impecável durante a “I Jornada sobre Gestão e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Unesp”. Agradeço ao João Carlos Vieira de Freitas Araujo pela presença no evento e no texto, em mais este momento de estudo, trabalho e amor à vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. H. R. de; CANTALINO, M. das G. N. A raridade como questão epistemológica e política: um novo paradigma para os curadores de acervos especiais. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.123, p.49-58, 2003. Disponível em: <http://planorweb.bn.br/documentos/anais_123_2003.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2012.

BLOCH, M. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CAMARGO, A. M. de A. Obras antigas, preciosas e raras: o livro como documento. In: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Bibliotheca Universatis: livros impressos dos Séculos XV e XVI do acervo bibliográfico da Universidade de São Paulo**. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial, 2000. p.21-28.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S. L.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. de. **A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p.13-36.

GALBRAITH, S. K.; SMITH, G. D. **Rare book Librarianship: an introduction and guide**. California: ABC-CLIO, 2012.

LE GOFF, J. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003. p.525-539.

LUND, N. W. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, New York, v.43, n.1, p.1-55, 2009.

NATHANSON, D.; VOGT-O'CONNOR, D. What makes a book rare? **Conserve 0 Gram**, Washington, v.19, n.1, jul. 1993. Disponível em: <<http://www.nps.gov/museum/publications/conservoogram/19-01.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2013.

RENDÓN-ROJAS, M. Á. Epistemologia da Ciência da Informação: objeto de estudo e principais categorias. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v.3, n.1, p.3-14, jan./jun. 2012.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.2, n.2, maio/ago. 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 jul. 2014.

VEGA-ALMEIDA, R. L.; FERNANDEZ-MOLINA, J. C.; LINARES, R. Coordenadas paradigmáticas, históricas y epistemológicas de la Ciencia de la Información: una sistematización. **Information Research**, v.14, n.2, jun. 2009. Disponível em: <<http://informationr.net/ir/14-2/paper399.html>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: CONVERGÊNCIAS PARA O FUTURO DOS ACERVOS ESPECIAIS

Ana Virginia PINHEIRO

A Biblioteconomia de Livros Raros, à luz da história da produção editorial de livros, tem sua origem na Europa Renascentista, embora não fosse por essa nomenclatura identificada. Renomados autores europeus, notadamente franceses e alemães, discorreram sobre práticas biblioteconômicas aplicadas a acervos de memória – práticas que atualmente estão consagradas como referenciais teóricos e boas práticas da Biblioteconomia de Livros Raros.

Além disso, vários repertórios bibliográficos foram publicados a partir do século XVII, buscando a reunião e a interpretação da produção bibliográfica que constituiria referencial digno de memória. Embora esses instrumentos tenham sido alicerçados no modelo de biblioteca do século XVII, os livros arrolados desde então são aqueles que, hoje, estão abrigados nas coleções que compõem os acervos especiais em bibliotecas de todo o mundo, identificadas, por extensão, como coleções especiais.

Nesse contexto, dois conceitos se fazem urgentes: livro raro e coleção especial.

Livro raro é o item bibliográfico desse modo identificado porque é o único exemplar conhecido, porque é precioso para quem o possui, ou porque é inquestionavelmente raro (PINHEIRO, 2009). A evidente subjetividade desse conceito se justifica porque, geralmente, o sentido do que é raro é subjetivo, dependendo do ponto de vista

de quem analisa as obras que comporão uma coleção de livros raros que é, por isto, especial.

Essa subjetividade está ligada à cultura, à erudição e ao conhecimento da área temática e do livro, sob o ponto de vista de seu conteúdo e de sua materialidade, por quem tem a função de identificar o que é raro.

Um caminho para escapar à dependência imposta pela subjetividade conceitual, que atribui aquela função a uma autoridade reconhecida, mas que nem sempre formaliza seus critérios, é a busca por critérios próprios de raridade que relevem a missão institucional e a formação e o desenvolvimento da coleção, no presente e no futuro.

Nessas circunstâncias, emerge o modelo proposto por Pinheiro (1989) para o estabelecimento de critérios personalíssimos de raridade, definidos conforme a natureza e a história das obras e dos exemplares que compõem determinada coleção de livros raros e especiais, a saber: 1) limite histórico, 2) aspectos bibliológicos, 3) valor cultural, 4) pesquisa bibliográfica, e 5) características do exemplar.

Já o conceito de coleção especial é bem estudado na literatura especializada, podendo referir-se a diferentes formas de registro, segmentadas em coleções distintas, conforme sua materialidade – o conjunto dessas diferentes coleções especiais constitui um acervo especial. Essas coleções são consideradas preciosas por sua raridade, valor monetário, ou sua associação com importantes figuras ou instituições históricas, culturais, políticas, científicas ou artísticas (ASSOCIATION OF RESEARCH LIBRARIES, 2003, tradução nossa).

Coleção especial pode, também, designar os itens mais valiosos de uma biblioteca que, por isto, devem ser reservados em áreas de maior segurança, sob condições mais restritas de acesso e uso (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2009; tradução nossa) – área que pode ser denominada desde sala de tesouro a centro de pesquisas (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2014).

As coleções especiais são caracterizadas por seu valor artfactual ou monetário, pelos formatos físicos que armazenam, pela singularidade ou raridade dos itens, e/ou pelo compromisso institucional com a preservação e o acesso em longo prazo. Tais coleções, geralmente, são instaladas como unidades independentes, separadas do acervo

geral, submetidas a serviços de segurança especializados e a normas que restringem a circulação de seus itens (DOOLEY; LUCE, 2010, tradução nossa).

Enfim, uma coleção especial é o lugar “onde se guardam os livros que, por qualquer razão, merecem o qualificativo de raros”; e é, também, a coleção “[...] que, devido à sua raridade, fragilidade ou importância, está apartada das coleções gerais de uma biblioteca, arquivo ou serviço de documentação [...]” (FARIA; PERICÃO, 2008, p.637, verbete: Reservados).

Para definir critérios de raridade para uma coleção especial, é preciso conhecê-la muito bem. Esse conhecimento é um recurso fundamental para a identificação da coleção, desenvolvido a partir de sua catalogação, mediante análise bibliológica, que é o exame item a item, página a página, para descrever sua materialidade, e de pesquisa bibliográfica, que envolve o levantamento de fontes que citam a obra em estudo, para registrar a importância de sua edição, de seu autor, de seu conteúdo, de sua história.

Ora, a catalogação de um livro que comporá uma coleção especial não é uma atividade simples, definida exclusivamente pelas normas de catalogação difundidas no âmbito da Biblioteconomia.

No Brasil, a Instrução Normativa nº 1/2007, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que “dispõe sobre o Cadastro Especial dos Negociantes de Antiguidades”, com o fim de identificar “bens passíveis de acautelamento como patrimônio histórico e artístico nacional”, em seu Art. 5º, III, determina como “informações mínimas” sobre a descrição de livros antigos e raros, um conjunto de informações sobre **a obra**, de modo a identificá-la, e sobre **o exemplar**, de modo a personalizá-lo – definindo obra e exemplar como íntegros ou não.

O sentido de integridade aplicado, por exemplo, às primeiras edições de um livro raro e antigo que, invariavelmente, foi impresso de modo artesanal e que “[...] sob o ponto de vista do texto são frequentemente inferiores às edições posteriores, dado que muitas vezes o impressor reproduziu tal e qual o texto corrompido do manuscrito que lhe serviu de modelo [...]” (FARIA; PERICÃO, 2008, p.270), remete à noção de diferentes completudes – da obra e do exemplar.

A completude da **obra** não se verifica pela exclusiva conferência de suas páginas ou da sequência de reclamos¹ e assinaturas², que permitem verificar a continuidade do texto; implica o conhecimento do teor do texto, de modo a perceber variâncias, subtrações e acréscimos à tiragem do exemplar examinado – circunstância quase inviável na atualidade, em que a pesquisa retrospectiva é redescoberta, pelos meios acadêmicos e de produção científica, e o texto impresso é quase sempre estudado como fidedigno, inquestionavelmente confiável, embora não haja garantias de que seja autêntico, porque se reconhece a existência da edição bastarda, da edição manipulada, da edição (e não o exemplar) mutilada e outras que se prefere acreditar, não é a edição em mãos.

A constatação da completude de um **exemplar** é tarefa ainda mais complexa porque os múltiplos exemplares de uma edição podem apresentar diferentes estados. Por exemplo, considerando o trabalho artesanal nas edições publicadas até o início do século XIX, podem ocorrer exemplares em ótima resolução e outros não tão nítidos, em função do desgaste dos tipos pelo uso repetido, embora, em princípio, o teor seja igual. Quando isto acontece, a Bibliofilia tende a validar como “mais completos” os exemplares mais nítidos, das primeiras tiragens (*Editio Princeps*). Além disso, exemplares aparentemente perfeitos (condição quase inconcebível para itens centenários, com uma história que pode envolver proibição e potencial destruição), podem ser híbridos, manipulados, completados, “medicados” (MORAES, 1998, p.87).

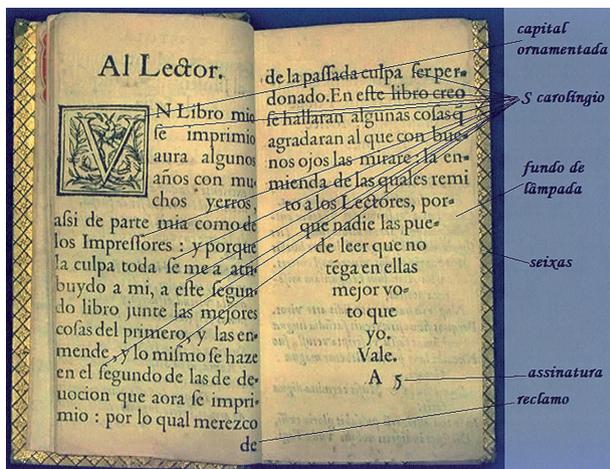
A personalização do exemplar é, portanto, um fundamento que consolida, como “informações mínimas”, **tudo** o que é necessário para descrever um item e alcançá-lo; e essa descrição, no caso de livros, se expressa através do inventário de coleções e da catalogação item a item, página a página, arrolando tanto suas características tipográficas quanto intervenções de mão alheia – caracteres

¹ Reclamo: “Modo de expressar a ordem progressiva das folhas (*Litterae reclamantes*), que consiste em escrever na margem inferior da última página de um fascículo as primeiras palavras do seguinte. (RUIZ GARCÍA apud PINHEIRO, 1995, p.202).

² Assinatura: “marca colocada sob a linha final da primeira página de cada caderno ou meio caderno, indicando sua posição de sucessão para reunião (ordenação) e encadernação.” (ROUYEYRE apud PINHEIRO, 1995, p.138).

tipográficos, disposições textuais, vinhetas, anotações manuscritas, marcas de leitura e de propriedade – tudo o que diz respeito à anatomia do livro (**Figura**).

Figura 1 – Elementos da anatomia do livro.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil com descrição da autora.

O inventário de coleções e a catalogação constituem recursos de preservação e de acesso aplicáveis a obras de significância, de modo a serem conhecidas, identificadas e protegidas, conforme acordos e recomendações internacionais de segurança para obras raras e especiais, também configuradas como obras de arte, e de acordo com a legislação em vigor, a saber:

- Decreto-Lei nº 25/1937, que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional (BRASIL, 1937);
- Lei nº 4845/1965, que proíbe a saída para o exterior de obras de artes e ofícios produzidos no País, até o fim do período monárquico /1965 (BRASIL, 1965);
- Lei 5.471/1968, que dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros (BRASIL, 1968);

- Decreto Nº 72.312/1973, que promulga a Convenção sobre as Medidas a serem Adotadas para Proibir e impedir a Importação, Exportação, Transportação e Transferência de Propriedade Ilícitas dos Bens Culturais (BRASIL, 1973); e
- Decreto Nº 3.166/1999 (BRASIL, 1999), que promulga a Convenção da UNIDROIT sobre Bens Culturais Furtados ou Ilicitamente Exportados, concluída em Roma, em 24 de junho de 1995

Nesse contexto, o bibliotecário de livros raros, além dos procedimentos técnicos biblioteconômicos que lhe cabem, que permitam visualizar a informação intrínseca (o texto escrito, propriamente dito) e a informação extrínseca (o aspecto material do livro), relevando métodos consagrados que possibilitam a descrição e o desvelar do item como conteúdo e como continente, como registro e como suporte, deve abordar o livro como patrimônio bibliográfico. E é esta abordagem, no âmbito da legislação em vigor, que permitirá a inserção da coleção especial, sob a guarda do bibliotecário, no conjunto de bens protegidos pelo Estado.

Tamanha responsabilidade só é admissível no ambiente necessariamente transdisciplinar de uma coleção especial, onde o bibliotecário interage com outros profissionais que, de diferentes formas, interferem na história do livro de coleção especial: conservadores, restauradores, técnicos em microfilmagem e digitalização, encadernadores, pesquisadores – todos os que, de diferentes formas, promovem a ampliação dos domínios técnico e científico da Biblioteconomia de Livros Raros.

A convergência desses conhecimentos necessários para que se configure a catalogação de um item de coleção especial com efetividade, à luz da norma e da lei, levam o bibliotecário ao autoquestionamento sobre sua função e sua imagem como curador, gestor, mediador de acesso ou pesquisador – ou, ainda, se todas essas funções devam se consolidar para delinear sua imagem.

Este último questionamento foi abordado por Schreyer (2006), quando manifestou acreditar que o bibliotecário de livros raros se distingue dos outros bibliotecários por causa das qualidades que deve possuir, das competências que lhe são exclusivas e dos conhecimentos

que deve acumular. Tais qualidades e conhecimentos atribuem caráter de gestão estratégica à custódia de coleções especiais.

Custodiar, no caso, objetiva garantir um futuro para a coleção especial, envolvendo guarda, proteção e vigilância, alicerçadas em políticas estratégicas que favoreçam à tomada de decisão mediante o estabelecimento, por exemplo, de:

- a) prioridades de processamento (definição da obra que será preservada imediatamente e do exemplar precioso que será objeto dessa preservação);
- b) condições de reprodução (por demanda, por iniciativa do bibliotecário, para acesso remoto);
- c) recursos que complementem o restauro, a digitalização e a microfilmagem (descrições bibliográficas exaustivas, com informações detalhadas sobre o item);
- d) soluções para situações de perda (vandalismo, furto e roubo);
- e) ações preventivas ou curativas para situações de risco (sinistros);
- f) definições sobre questões de posse e propriedade (coleções doadas, vendidas ou guardadas por tempo determinado ou não);
- g) condições de acesso às coleções (definição de áreas de guarda, sinalização, normas de trânsito e perfil de usuário);
- h) critérios de armazenamento (normas de guarda, padrões de mobiliário, monitoramento ambiental);
- i) padrões de acondicionamento (embalagens);
- j) métodos de seleção de obras/exemplares para guarda em cofres (definição de cimélios, isto é, os itens mais raros entre os raros);
- k) normas de uso (critérios, treinamento, técnicas de manuseio);
- l) procedimentos técnicos sistêmicos e continuados (inventário, catalogação, higienização); e
- m) serviços e produtos; entre outros procedimentos.

Os procedimentos e recursos indicados são um panorama singelo do que precisa ser feito para que as coleções especiais cumpram sua missão de difusão do conhecimento que registram e suportam.

Diante disso, uma certeza fica evidente: as disciplinas “História do Livro e das Bibliotecas” e “Bibliografia”, de caráter obrigatório para a formação do bibliotecário nas Escolas de Biblioteconomia brasileiras,

são as que habilitam, inicialmente, o bibliotecário para o trato com acervos especiais, com ênfase para coleções de livros raros, no âmbito, respectivamente, da Bibliografia Material e da Bibliografia Literária³.

As deficiências na formação do bibliotecário, para qualificar-se como bibliotecário de livros raros, como gestor estratégico de coleções especiais, no Brasil, podem ser solucionadas mediante apreensão da literatura científica disponível, através do intercâmbio de boas práticas⁴ e, principalmente, de educação patrimonial, centrada no sentido de pertencimento da biblioteca sob sua guarda.

Uma biblioteca é útil se for organizada e administrada como “matéria-prima para” ou “produto da” sociedade, porque

[...] os livros estão condenados a compartilhar o destino das sociedades das quais são uma parte. Quando pensarmos em livros, vamos pensar primeiro em sociedade. Quando nos preocuparmos com o futuro dos livros, vamos olhar mais de perto para a sociedade e suas tendências. (BAUMAN, 2000, p.101).

Quando o elemento motriz dessa organização e administração é a Memória, além de acumular todas as utilidades e desígnios intelectuais e heurísticos que se manifestam, particularmente, através de serendipidade (descoberta pelo acaso), a biblioteca passa acumular livros sob o selo artificial de “patrimônio”, “raridade”, “tesouro”, “obra importante”, dependendo do alcance intelectual e da percepção viabilizada pelo conhecimento científico de seu curador, que se esmera em preservar obras sobre as quais, comumente, tem pouca informação, com o objetivo de “conjurar a angústia da perda e do fim dos tempos” (JACOB, 2000, p.16).

É importante destacar que, muitas vezes, a razão da coleção é aleatória, isto é, juntam-se livros e mais livros, como se fossem obras de

³ A divisão ‘Bibliografia literária’, assumida pelos doutos e literários, e ‘Bibliografia material’, dos livreiros e bibliófilos, foi adotada por Léopold-Auguste Constantin Hesse (1779-1844), em seu *Bibliothéconomie*, publicado originalmente em Paris, 1808 (REYES GÓMEZ, 2010, p.126).

⁴ Boas práticas: conceito consagrado em gestão de tecnologias da informação que implica a institucionalização de práticas desenvolvidas a partir de conhecimentos apreendidos e experiências exitosas, em termos de eficiência, eficácia e efetividade, que podem nortear ou inspirar a formulação de outras práticas, adequadas à realidade institucional.

mesmo significado para o usuário a que se destina a coleção formada e desenvolvida. As coleções especiais desse modo constituídas arrolam itens do acervo básico-histórico, isto é, as obras “fundadoras” das coleções que compõem o acervo da biblioteca, além de itens adquiridos, geralmente, junto a bibliófilos ou a seus familiares, e que representam memoriais de suas vidas e obras. A formação e o desenvolvimento dessas coleções, no entanto, estão associadas à perda de complacência em relação aos leitores, isto é, os conceitos de salvaguarda acabam por se sobrepor ao sentido e à missão de acesso, reconhecido a toda biblioteca qualquer que seja o seu acervo, estabelecendo-se restrições nem sempre justificáveis.

É importante, sob esse aspecto, destacar a ponderação de McGarry (1999, p.114), ao concluir que “[...] há um forte elo recíproco entre maturidade democrática e amplitude dos serviços de bibliotecas e informações.”

Tal enfoque reverbera o sentido de que “[...] toda biblioteca conserva a lembrança das que a precederam [...]. A biblioteca ideal se situa assim na encruzilhada da arqueologia e da utopia arquitetônica, da nostalgia das memórias perdidas e das reconstruções que fazem as cinzas e a terra falar.” (JACOB, 2000, p.17).

O acesso a essas “construções arqueológicas de memórias”, formadas pelas coleções especiais, configuradas como coleções patrimoniais da biblioteca, deixa de constituir utopia se existirem políticas efetivas, que considerem a guarda e o acesso como resultados de políticas de formação e desenvolvimento; porque, na biblioteca ideal, os livros não são guardados e protegidos, como fragmentos memoriais do que essa biblioteca foi, um dia; cada livro partilha a construção de uma coleção argumentativa e controversa, de pensamentos múltiplos, capaz de transcender as fronteiras do tempo, provocando, continuamente, sua própria reconstrução como coleção de caráter especial.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Standards for Ethical Conduct for rare book, manuscript, and special collections librarians...** [Normas de conduta ética para Bibliotecários de Livros Raros, Manuscritos e Coleções especiais]. Chicago, 2014. Disponível em: <<http://www.ala.org/>

Template.cfm?Section=speccollections&template=/ContentManagement/ContentDisplay.cfm&ContentID=8969>. Acesso em: 20 jul. 2015.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Guidelines for the security of rare books, manuscripts and other special collections**. Chicago: American Library Association, 2009. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/standards/securityrarebooks#collections>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

ASSOCIATION OF RESEARCH LIBRARIES. **The Unique role of special collections**; Special collections: statement of Principles; Research Libraries and the commitment to special Collections [A função precípua da coleções especiais; Declaração de Princípios das Coleções Especiais; Bibliotecas de pesquisa e o compromisso com as coleções especiais]. Washington, DC, 2003. Disponível em: <<http://www.arl.org/storage/documents/publications/special-collections-statement-of-principles-2003.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

BAUMAN, Z. Os livros no diálogo global das culturas. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n.142, p.87-101, jul./set. 2000.

BRASIL. Decreto nº 3.166, de 14 de setembro de 1999. Promulga a convenção da UNIDROIT sobre bens culturais furtados ou ilicitamente exportados, concluída em Roma, em 24 de junho de 1995. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 15 set. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3166.htm>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. Decreto nº 72.312, de 31 de maio de 1973. Promulga a convenção sobre as medidas a serem adotadas para proibir e impedir a importação, exportação e transportação e transferência de propriedade ilícitas dos bens culturais. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 1 jun. 1973/retificado em 8 jun. 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D72312.htm>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. Lei nº 5.471, de 9 de julho de 1968. Dispõe sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos brasileiros. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 10 jul. 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5471.htm>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. Lei nº 4.845, de 19 de novembro de 1965. Proíbe a saída, para o exterior de obras de artes e ofícios produzidos no País, até o fim do

período monárquico. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 22 nov. 1965. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4845.htm>. Acesso em: 25 jul. 2015.

_____. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Diário Oficial** [da União], Brasília, DF, 6 dez. 1937. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0025.htm>. Acesso em: 25 jul. 2015.

DOOLEY, J. M.; LUCE, K. **Taking our pulse: the OCLC research survey of special collections and archives**. Dublin, Ohio: OCLC, 2010. Disponível em: <<http://www.oclc.org/content/dam/research/publications/library/2010/2010-11.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. da G. **Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico**. São Paulo: EDUSP, 2008.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Instrução Normativa nº 01, 11 jun. 2007**. Dispõe sobre o cadastro especial dos negociantes de antiguidades, de obras de arte de qualquer natureza, de manuscritos e livros antigos ou raros, e dá outras providências. Brasília, DF, 13 jun. 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/files/Instrucao_Normativa_Negociantes_012007.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2012.

JACOB, C. Prefácio. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Dir.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2000. p.09-17.

McGARRY, K. Armazenamento e recuperação de informações na sociedade. In: _____. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Tradução de Helena Vilar de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999. p.111-142.

MORAES, R. B. de. **O bibliófilo aprendiz**. 3.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/ Livros; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.

PINHEIRO, A. V. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: SILVA, H. de C.; BARROS, M. H. T. C. de (Org.). **Ciência da informação: múltiplos diálogos**. Marília: Oficina Universitária, 2009. p.31-44. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2015.

_____. Glossário de codicologia e documentação. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.115, p.123-213, 1995. Volume publicado em 1998. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_115_1995.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2015.

_____. **Que é livro raro?:** uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

REYES GÓMEZ, F. de los. **Manual de bibliografía.** Madrid: Castalia Instrumenta, 2010.

SCHREYER, A. D. What's so special about special collections librarians? **RBM: a Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage**, New York, v.7, n.1, p. 49-54, 2006. Disponível em: <<http://rbm.acrl.org/content/7/1/49.full.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

HISTÓRIA E MEMÓRIA POR MEIO DE COLEÇÕES ESPECIAIS: O CASO DA BIBLIOTECA DA UNESP/FCLAR

Ana Paula Meneses ALVES

Introdução

Trabalhar com a história, a memória e a cultura são funções da biblioteca universitária assim como as ações já consolidadas para o apoio ao ensino, a pesquisa e a extensão. As bibliotecas universitárias devem fornecer o arcabouço bibliográfico, documental e multimeios que sustentam a academia através dos tempos. Este sustentáculo, para a tríade acadêmica, se faz por meio do seu acervo e de suas ações, que devem mesclar sua história, seu papel educativo-social e o desenvolvimento de produtos e serviços informacionais.

O acervo de uma biblioteca universitária, segundo Pinheiro et al. (2014), exprime a sua origem e identidade, expressa sua história como alicerce na construção da tríade acadêmica, manifesta a missão da universidade, identifica e contextualiza os aspectos positivos e negativos da construção da sua memória

Considerando esta importância, e com o objetivo de contribuir para novas possibilidades de integração de atividades de ensino, pesquisa e extensão, nas relações culturais e literárias, na sua missão de preservar a cultura, as artes e a memória dentro da universidade, muitas bibliotecas voltam-se para suas coleções especiais com um olhar diferenciado. Este olhar traduz duas situações comuns no

contexto destas unidades de informação: por um lado a existência da sua coleção especial como um ativo estratégico em sua missão, ao representar sua importância educacional, histórica e cultural para a universidade e, por outro lado, a preocupação com o desenvolvimento e a salvaguarda destas coleções especiais.

Esta situação pode ser observada na Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara (FCLAr).

A Biblioteca da FCLAr está lotada na maior unidade, unicamente de humanidades, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp. Para compor a macro-estrutura do seu acervo, desde o início da década de 2000, vem trabalhando com o acolhimento de acervos pessoais de notórios estudiosos das áreas de estudo da sua comunidade, bem como com a formação de coleções especializadas conforme a sua temática e relevância para a Faculdade.

Quando nos referimos a coleções especiais devemos compreender que se trata de um acervo específico ou setor, que devido a sua temática, importância, características físicas e/ou diferenciais, encontra-se de maneira distinta ou mesmo fisicamente separado do acervo geral de uma biblioteca (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). Deste modo, uma coleção especial pode ser formada por um acervo pessoal, acervo de obras raras, acervo de determinado tema, memória institucional, acervo de multimeios, entre outros exemplos.

Atualmente, a Biblioteca da FCLAr possui nove coleções especiais, das quais seis são acervos pessoais, dois acervos temáticos e um acervo de obras raras. São eles:

- Acervos especiais: a Sala de Estudos Sociais - Coleção Octavio Ianni; a Sala do Centro de Estudos Portugueses – “Jorge de Sena”; a Sala de Estudos Clássicos - Gilda Maria Reale Starzynski; a Biblioteca Sônia Sterman Ferraz e José Bento Faria Ferraz; a Coleção Yedda e Augusto Frederico Schmidt, e, em processo de organização, a Biblioteca Heleieth Saffioti;
- Acervos temáticos: Sala de Cultura Africana: África-Afrobrasilidades-Diáspora Negra e a Sala de Estudos Pedagógicos.
- Acervo de obras raras: Sala de Obras Raras e Reservadas.

Por meio destas coleções especiais, é possível traduzir seus donos e organizadores, divulgar e preservar a história de importantes personagens nas áreas de atuação da Biblioteca da FCLAr (Educação, Ciências Sociais, Letras, Administração Pública e Economia), bem como contribuir e enriquecer as atividades de ensino, pesquisa e extensão por meio da produção selecionada por estes estudiosos ou com as coleções de temáticas específicas; por fim, é possível observar as escolhas passadas, presentes e delinear o futuro da construção do conhecimento científico e a guarda da memória social dentro da Faculdade e da Universidade.

Mas, a rotina de trabalho com coleções especiais da FCLAr demonstrou a necessidade de um aprofundamento tanto na história da constituição dos acervos, como no planejamento futuro do desenvolvimento destas coleções.

Esta experiência, suas especificidades e urgências, levaram-nos a pensar em alternativas para a troca de experiência, aprendizagem e disseminação do conteúdo destes acervos. Desta necessidade surgiu a proposta da organização da I Jornada sobre Gestão e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Unesp (maio de 2014) e deste livro, como forma de registrar aquele momento ímpar de reflexão e ação em prol do desenvolvimento de coleções especiais e do aprendizado dos seus gestores.

A I Jornada sobre Gestão e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Unesp teve como objetivo principal discutir a gestão e o desenvolvimento de políticas de formação e desenvolvimento de coleções especiais, as ações de preservação e conservação, bem como formalizar um fórum de troca de experiências sobre acervos especiais em diversos tipos de Unidades de Informação, em especial no âmbito das bibliotecas universitárias públicas paulistas, divulgando e salientando a importância e a raridade destas coleções.

Já este capítulo tem como objetivo rever alguns aspectos históricos da constituição das coleções especiais da Biblioteca da FCLAr, apresentar suas características principais e as preocupações que alicerçarão ações futuras.

Iniciaremos por um breve histórico e caracterização da Biblioteca da FCLAr, seguida por alguns aspectos que cercam a constituição de seus acervos especiais

Caminhando pelas trilhas da memória: breve história da Biblioteca da FCLAr e a rota dos seus acervos particulares e temáticos¹

A Biblioteca da FCLAr iniciou suas atividades no ano de 1959, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada como Instituto Isolado Superior do Estado de São Paulo e estava localizada na Rua São Bento, no centro da cidade de Araraquara. Em 20 de agosto de 1958, foi designada extraoficialmente sua primeira bibliotecária, a senhora Nice Menezes de Figueiredo. A contratação definitiva se deu em junho de 1959. Em 31 de dezembro de 1960, de acordo com os documentos redigidos pela bibliotecária, o acervo desta Biblioteca era composto por 2956 obras (4683 volumes), 255 folhetos, 29 mapas, 225 revistas registradas e 26 discos, totalizando 5218 materiais².

Nesta época havia apenas uma Biblioteca para atender a todos os cursos do Instituto. Em 1973, o Instituto e a Biblioteca são transferidos para o Campus Universitário. A criação da Unesp, em 1976 (Lei Estadual nº 952)³, obrigou a reformulação, e fechamento de cursos e remanejamento de professores. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi dividida em duas unidades universitárias: o Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação e o Instituto de Química. Em novembro de 1986, foi inaugurado o atual prédio da Biblioteca e o acervo atendia ao Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação e à Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Com a aprovação do novo Estatuto da Unesp, em 1989, a Faculdade passou a denominar-se Faculdade de Ciências e Letras. Em julho de 1994, a Biblioteca é desmembrada: no piso superior, a Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras; no piso inferior, a Biblioteca da Faculdade de Ciências Farmacêuticas.

Entre os anos de 2010 e 2012 a Biblioteca da FCLAr passou por uma grande reforma e reformulação que estabeleceu a sua estrutura atual, ocupando integralmente o prédio construído em 1986.

¹ Consulte, também, o *web site* da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras (2014): www.fclar.unesp.br/bib.

² Os documentos consultados fazem parte dos arquivos da Faculdade de Ciências e Letras – Biblioteca armazenados no Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM).

³ Vide São Paulo (1976).

Atualmente, a Biblioteca possui uma área total de 4.704,50 m² dividida em dois andares, e sua coleção é formada por aproximadamente 230 mil itens entre livros, periódicos, trabalhos acadêmicos, materiais multimídia, mapas, entre outros. Dispõe de rede sem fio, elevador para pessoas com necessidades especiais (tipo monta carga), tendo como destaque os seguintes espaços: acervo e área de leitura, área administrativa, salas de estudo em grupo, videoteca, auditório (com 25 lugares), sala de reunião, espaço para divulgação de novas aquisições, espaço para leitura de jornais e exposição de revistas, espaço reservado às exposições artísticas e culturais periódicas, espaço com microcomputadores para pesquisas em bases de dados, um laboratório voltado para a inclusão e acessibilidade de pessoas com deficiência, além das coleções especiais que mencionamos anteriormente.

A Biblioteca da FCLAr foi iniciada a partir de acervos pessoais. Segundo relatos da Sra. Nice Menezes de Figueiredo (informação verbal)⁴, primeira bibliotecária do Campus de Araraquara, a biblioteca surgiu a partir de doações dos acervos dos professores da época e, com o tempo, foi enriquecendo sua coleção a partir de outras formas de aquisição.

No início da década de 1990, a questão dos acervos especiais começou a ser mais contundente na Unidade. A Coordenadoria Geral Bibliotecas, órgão responsável pela supervisão técnica da Rede de Bibliotecas da Unesp, adquiriu por compra o acervo pessoal do advogado, jurista e professor Alfredo Buzaid. Este acervo foi desmembrado e distribuído entre algumas bibliotecas da Universidade e uma parte veio para a Biblioteca da FCLAr. Esses livros foram incluídos no acervo geral, conforme decisão técnica e administrativa da época. O mesmo aconteceu com a doação pessoal do sociólogo, crítico literário e professor universitário Antonio Candido por volta do ano de 2003, tratado diretamente com a Biblioteca.

Antes disso, em 2002, iniciaram-se os trâmites da vinda de um dos mais importantes acervos especiais da FCLAr: a Coleção Otavio Ianni. Uma carta redigida pelo próprio sociólogo, e endereçada a

⁴ Relato feito durante a visita da Profa. Dra. Nice Menezes de Figueiredo à Biblioteca da FCLAr em 06 de dezembro de 2012. Há também registros documentais que relatam a história do Campus de Araraquara sob a guarda do Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM).

Direção da FCLAr à época, concretiza a doação e sua expectativa em relação ao acervo a ser doado: “Espero que estes livros, a despeito de usados, possam ser úteis para estudantes, professores e funcionários da Faculdade e outros interessados.” (IANNI, 2002).

Também, em 2003, a família da Profa. Dra. Gilda Reale Starzynski, falecida neste mesmo ano, entra em contato com a FCLAr com o interesse em doar a coleção sobre língua grega e cultura helênica organizada pela docente durante toda a sua carreira. A doação e a instalação do acervo concretizam-se em 2004 e dá início a Sala de Estudos Clássicos da FCLAr.

Em 2005 iniciam-se as transações internas, para a transferência do acervo do Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”, que até este momento estava sob a guarda do Departamento de Literatura da FCLAr. Esta transferência se realiza no ano seguinte e dá início a Sala do Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”, acervo pessoal e temático especializado em língua, literatura e cultura portuguesa.

Dois anos depois, em julho de 2007, a família Sterman Ferraz, herdeira do acervo de Sonia Sterman Ferraz & José Bento Faria Ferraz, iniciam negociações com a direção da Faculdade e da Biblioteca para a doação do acervo do prof. Bento Ferraz, que foi secretário particular de Mário de Andrade, e de sua esposa. O acervo, rico em obras de literatura brasileira, teoria e crítica literária, filosofia, história da arte e música, traduzia-se em uma interessante coleção de humanidades grandemente voltada para as áreas de pesquisa e ensino da FCLAr.

Paralelamente a estas negociações são firmados acordos com o Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN) da FCLAr, juntamente com o Grupo de Trabalho do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (GT-NUPE-ARARAQUARA) para a instalação de uma sala temática voltada à cultura africana. Neste ínterim, também se iniciam as tratativas para o recebimento da Coleção Yedda & Augusto Frederico Schmidt, por meio dos contatos com a herdeira do poeta modernista e, por fim, a organização da Sala de Estudos Pedagógicos, com obras didáticas, voltados para a área de Educação.

As instalações destas novas coleções e a readequação dos espaços das coleções especiais de Obras Raras e Reservadas, já existentes na Biblioteca, coincidiram com a reforma do prédio da biblioteca da

FCLAr, entre os anos 2010 a 2012, sendo que a reinauguração oficial do prédio aconteceu em 14 novembro de 2012.

Ainda, no decorrer do ano de 2012, uma nova negociação começou a ser feita com a família da socióloga e feminista Heleieth Saffioti, personagem de grande importância para a história da FCLAr. A negociação se confirmaria com a assinatura do termo de doação, entre a família e a Universidade, que prevê a instalação da biblioteca pessoal de Heleieth Saffioti no espaço da Chácara Sapucaia, Centro de Cultural da Unesp Araraquara, doado pela socióloga e por seu esposo Waldemar Saffioti. Esta biblioteca será parte integrante da Biblioteca da FCLAr, a primeira fora do Campus, voltada exclusivamente para os estudos de gênero, sociologia da mulher e áreas correlatas das Ciências Sociais afins a estas temáticas.

Já, mais recentemente, no final de 2013, a Biblioteca, com base na análise de professores da área de grego e latim, recebeu a Coleção Haroldo Bruno, professor já falecido da FCLAr e especialista em latim, como parte da Sala de Estudos Clássicos.

A seguir apresentamos um breve detalhe sobre cada coleção especial, decorrente de bibliotecas pessoais e coleções temáticas, instaladas atualmente na Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras.

Da biblioteca particular a particularidades da biblioteca: as coleções pessoais

As bibliotecas pessoais ou particulares marcam o fim da centralização dos acervos sob a guarda da igreja (monastérios, conventos, igrejas, etc.), da realeza e da nobreza (castelos, casas imperiais, etc.) e de instituições educacionais. Sua abertura para a guarda pessoal, individualizada, apresenta-se como uma nova possibilidade de uso e preservação desse material. Tal mudança foi marcadamente favorecida pelo advento da imprensa, a primeira explosão bibliográfica, propiciando que um número maior de obras circulasse e que mais pessoas tivessem acesso a elas.

As coleções pessoais, segundo Cerne (2013), equilibram a “tríade formada pela intimidade entre leitor e livro, o intelecto dispensado sobre as obras no processo de produção científica e a cultura absorvida ou criada em torno delas.” Para o autor a intelectualidade é marcada

pela concepção da biblioteca particular como espaço de produção de conhecimento, de estudo, produção e análise individual, indo além da concepção inicial que restringia as bibliotecas a espaços de leitura. O lado cultural, no processo descrito por Cerne (2013), pode ser observado naquilo que o acervo representa dentro do seu contexto social de desenvolvimento, bem como o que poderá influenciar e direcionar enquanto fonte de pesquisa. Já a intimidade é marcada pela entrada da biblioteca no lar, nas particularidades das casas e na relação de proximidade entre o dono e o acervo que o mesmo constitui, inclusive em quanto a sua coleção pode sobrepujar o próprio dono com o passar do tempo.

Azevedo e Lino (2008, p.226) apresentam, na conclusão do texto que descreve o Inventário da Biblioteca Lélío Gama, uma colocação que resume esta última questão:

Diante de uma biblioteca particular cujo dono morreu, temos a certeza de que os livros são mais fortes e soberanos que nós próprios, mais longevos de fato. O proprietário passa, e eles ficam – quase de maneira irônica, poderíamos dizer – como descendentes daquele que ao longo da vida gestou, alimentou e criou sua biblioteca. Vivo, o colecionador dominava, tinha o poder do acervo; com sua morte, vive em e por seus livros. Estes, então, assumem um papel de prolongamento da memória do ente que concebeu a biblioteca, pois permanece na coleção a essência dele. Ela irá ao longo dos anos perpetuá-lo. Nessa biblioteca restaram os livros com marcas de leitura, as dedicatórias, os papeluchos esquecidos entre as folhas que testemunham momentos vividos, leituras interrompidas e, ainda, os livros mais queridos, outros nem tanto, os esquecidos, os perdidos... Esta biblioteca, então, é um verdadeiro “genoma intelectual” do possuidor. Perquirir os autores que a compõem, sua forma de arranjo, pode significar decifrar o “código genético” de quem a formou.

As bibliotecas pessoais, apesar de representarem seus organizadores ainda são, em determinados contextos, objetos de status social e intelectualidade que perpassam seus donos. Porém, o aspecto da memória e a possibilidade de gerar novos conhecimentos é que são

os grandes atrativos destas bibliotecas para as universidades. Com a Biblioteca da FCLAr não foi diferente. As coleções especiais pessoais foram formadas com o principal objetivo de preservá-los para que cumpram o seu papel na construção do conhecimento.

Vejamos uma breve descrição de cada uma delas:

Sala de Estudos Sociais - Coleção Octavio Ianni (COI)

Octávio Ianni nasceu em Itu - SP, em 1926 e faleceu em São Paulo no dia 04 de abril de 2004. Graduou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), em Ciências Sociais, onde fez também mestrado, com o título *Raça e mobilidade social em Florianópolis* (1957) e doutorado, intitulado *Negros na sociedade de castas* (1960).

Foi professor assistente desta mesma Universidade, na cadeira de Sociologia I, da qual Florestan Fernandes era o titular. Foi também um dos fundadores do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e teve seus direitos políticos caçados pelo AI-5 em 1969.

Voltou a lecionar no Brasil em 1977, na Pontifícia Universidade Católica e na Universidade de Campinas. Exerceu sua profissão no México, na Universidade Autônoma do México; Estado Unidos, nas universidades de Columbia e Dartmouth; Inglaterra, na Oxford University; Espanha, na Universidad Complutense e Autônoma de Madrid e Itália, na Università di Pisa e Università di Sassari (BOTELHO, 2004).

A biblioteca particular do professor Octavio Ianni reserva, para quem a consulta, um grande conhecimento acumulado sobre temas de sociologia. Revela a memória de seus estudos e como ele se relacionava com o mundo, incentivando a reflexão e o repensar de questões da sociedade.

Seu acervo particular foi doado à Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara em 2002, pelo próprio sociólogo. O acervo possui aproximadamente 8.500 obras, entre livros e material de referência, nos idiomas português, espanhol, italiano, francês e inglês, nas seguintes áreas: África, América Latina, Antropologia, Arte, Brasil, Ciência, Comunicação, Ecologia,

Economia, Enciclopédia, Filosofia, Globalização, História, Línguas, Literatura, Marx, Oriente, Psicologia, Questão Racial, Religião, Sociologia e Referência.

A classificação acima é reproduzida nas obras na Biblioteca, seguindo o processo criado pelo sociólogo. Em algumas obras é possível ver anotações do próprio Octavio Ianni, com uma caneta vermelha inconfundível e recortes, que estavam no meio das obras, com assuntos comuns às mesmas, e que foram guardados em bolsões no final dos livros. O acervo além de trazer a memória de seus estudos, revela, por meio de suas anotações e recortes, sua personalidade, seu perfil de estudo e sua intimidade com o acervo.

Sala de Estudos Clássicos - Coleção Gilda Reale Starzynski

Gilda Maria Reale Starynski (1922-2003) era mineira de Itajubá, Minas Gerais, mas viveu em São Paulo, onde exerceu sua vida acadêmica. Licenciou-se em Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) em 1943 e em 1948, fez o curso de Especialização em Língua, Literatura e História Grega.

Em 1949 começa a lecionar no Departamento de Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde também defende sua tese em 1963, intitulada *Aristófanis: as nuvens*. Dedicou-se à atividade didática, pesquisa e tradução de obras da Cultura Grega. Foi diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP em 1982 e 1983 (REALE, 2004).

Antes de falecer, manifestou o desejo de que sua biblioteca fosse doada a uma universidade, tendo se referido particularmente a Araraquara, pela ligação intensa com o Departamento de Linguística desta Unidade. Desta forma, em 11 de setembro de 2003, foi enviada uma carta, de seus filhos Jean e Tadeu Reale Starzynski, à direção da FCLAr, manifestando este desejo. Uma vez firmado o acordo de doação, em 2004 é inaugurada a Sala de Estudos Clássicos - Coleção Gilda Reale Starzynski na Biblioteca da FCLAr.

A doação da professora Gilda foi acompanhada de uma decisão técnica dos profissionais à época de organizar, nesta mesma sala, todo o acervo referente a estudos clássicos da Biblioteca. Deste modo,

ao acervo pessoal da profa. Gilda, devidamente identificado, foram incorporadas outras obras de temáticas afins. Assim, este é um acervo especial, com circulação autorizada, e em crescimento com as constantes aquisições da área de grego e latim. Atualmente, conta com aproximadamente 5000 obras, entre elas a coleção *Biblioteca Clássica Gredos* e a *Les Belles Lettres*, especializadas nas línguas grega e latina, além de obras de referências.

Sala do Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena”

Jorge de Sena nasceu em Lisboa em 1919 e morreu nos EUA em 1978. Exilado, viveu fora de Portugal desde 1959. Primeiro veio para o Brasil residindo aqui até 1965, quando decidiu morar nos EUA onde veio a falecer em 1978. É um dos maiores escritores e críticos da literatura portuguesa contemporânea. Seu interesse intelectual era muito abrangente, possuía conhecimentos sobre arte, literatura e escreveu romances, contos, crônicas, teatros e poesias (LEAL, 1984).

Foi docente de Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis – SP. Em 1961, transferiu-se para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, atuando na área de Literatura Portuguesa. Em 1965 passou a dar aulas na Universidade do Wisconsin (EUA) e, cinco anos mais tarde, na Universidade da Califórnia, onde se manteve até 1978.

Em 1983 foi inaugurado Centro de Estudos Portugueses na Faculdade de Ciências e Letras (SANTOS, 1999). O acervo, especializado em Literatura Portuguesa, possuía algumas obras assinadas pelo próprio Jorge de Sena e Adolfo Casais Monteiro, outro professor/escritor português lotado na FCLAr. Apresenta uma expressiva coleção de obras açorianas, com destaque para o jornal *Correio dos Açores*, além de obras doadas por instituições portuguesas.

Em 2006 o acervo do Centro de Estudos Portugueses – “Jorge de Sena” foi transferido do Departamento de Literatura para a Biblioteca. O acervo tem aproximadamente 2000 obras, conta com materiais especiais, como: *Oito annos de parlamento de Affonso Celso* (1901), *Gente Singular* de Manuel Teixeira Gomes (1909), *O choque das raças* de Monteiro Lobato (1926), além de quadros com caricaturas do escritor, sua escrivaninha e cadeira de trabalho.

Assim como a Sala de Estudos Clássicos, o acervo do Centro de Estudos Portugueses – “Jorge de Sena” também não é um acervo estático e cresce a partir de doações dos docentes da área.

Biblioteca Sonia Sterman Ferraz e José Bento Faria Ferraz

A Biblioteca FCLAr foi escolhida pela família Sterman Ferraz para ser a fiel depositária do acervo pessoal de Sonia Sterman Ferraz e José Bento Faria Ferraz por estar em uma faculdade com cursos de graduação e pós-graduação, na área de Letras e Literatura. A experiência da Biblioteca, com a organização dos acervos descritos anteriormente, também foi um dos fatores que balizou a escolha. Foram doados cerca de 10 mil volumes de obras da literatura brasileira, teoria da literatura e filosofia, juntamente com um arquivo manuscrito, fitas k7 e discos sendo que o objetivo foi propiciar apoio as atuais e as novas pesquisas em todos os âmbitos da Universidade.

Para descrever quem foram Sonia Sterman Ferraz e José Bento Faria Ferraz apresentamos, a seguir, um recorte do texto escrito por um de seus filhos, José Bento Sterman Ferraz:

Mineiro, nascido, como escreveu, às margens do Mandu barrento, na cidade de Pouso Alegre, numa casa da praça Senador José Bento, em 30 de outubro de 1912, esse filho único de Moysés Ferraz da Luz, carimbamba (farmacêutico formado em Ouro Preto no fim do século XIX) e Balbina Ferraz de Almeida Faria (essa uma sobrinha-neta do Senador e Cônego José Bento Ferreira de Mello, senador do Império e fundador de Pouso Alegre). [...] O menino cresceu, estudou no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde conheceu Mário de Andrade, que mudaria sua vida.[...] Mário de Andrade arrumou um emprego no Departamento de Cultura de São Paulo para o Zé Bento e esse, ao correr atrás da documentação necessária para tomar posse daquele emprego público, via sempre uma moça de cabelo encaracolados e negros, que andava lá pelo fim da Rua da Consolação em São Paulo, pelos mesmos cartórios aonde ele ia. Ao entregar a documentação no novo emprego, qual não foi sua surpresa: a moça trabalhava lá. Era de 1937 pra 1938 e Zé

*História e memória por meio de coleções especiais:
o caso da Biblioteca da UNESP/FCLAr*

Bento conheceu Sônia Sterman, com quem viveu até sua morte, em 2005. [...] E quem era Sonia Sterman Ferraz? Filha de Dante (Daniel) Sterman e Poirá (Paula) Grosslerner Sterman, imigrantes judeus que vieram da Bessarábia, hoje Moldávia, uma pequena região localizada no leste europeu que faz limites com a leste e sul com a Ucrânia e a oeste com a Romênia, perto do Mar Negro, na época ocupada pela Rússia. [...] Sonia nasceu em 14 de julho de 1916, depois de Luís e antes de Manuel, Antonio, Pérola, Eva e José e cresceu em São Paulo, na Rua Abílio Soares, no Paraíso, como uma moça de classe média alta. Estudou em ótimas escolas, como o Colégio Rio Branco, onde aprendeu Inglês, Alemão e Francês. Formou-se em Biblioteconomia em 1933 e estudava no Conservatório Musical de São Paulo, tendo sido, também aluna de Mário de Andrade. Moça fina e culta, Sônia e sua família passaram por muitas dificuldades após a séria crise de 1929, quando seu pai perdeu todos os bens ao honrar um compromisso com um agiota italiano, que havia lhe emprestado dinheiro para honrar compromissos com seus fornecedores, pois seus clientes não lhe pagavam. As dificuldades ajudaram a forjar o caráter da mulher séria, de coração mole, companheira fiel, que sempre apoiou José Bento em seus sonhos, enfrentando desafios como falta de recursos, excesso de trabalho, racismo contra judeus, etc. [...] Com o tempo o estudioso autodidata, sempre apoiado pela sua mulher, angariou uma bela biblioteca de alto valor nas áreas de filosofia, história da arte, história da música, folclore brasileiro e, principalmente, literatura brasileira, mais especificamente a modernista. Secretário fiel de Mário de Andrade, Zé Bento guardou em segredo, a correspondência do poeta por 50 anos, como era desejo deixado em testamento por ele. Em 1995, passados 50 anos da morte de Mário de Andrade, Zé Bento disponibilizou, via Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, IEB, todo esse rico material para a pesquisa científica. Da casa de Mário de Andrade havia trazido um quadro do poeta, pintado por Portinari, que doou ao MASP e a máquina de escrever pessoal, que doou ao IEB, desapegado que era de bens materiais. No dia 17 de março de 2005, eu estava numa reunião do Conselho Universitário da USP e fui

tomar um café com Zé Bento. Ele estava ótimo. Duas semanas antes tínhamos ido a Pouso Alegre onde ele almoçou no Capira e reclamou de uma excursão de idosos dizendo “Shii, que cheiro de velhos” e, de lá, a Pirassununga, onde ele almoçou no Bistrô 13, restaurante do José Bento V, o Neto. No dia seguinte, um dia chuvoso (ah!, as águas de março...), passou o dia querendo ir até o apartamento do Mário, localizado a uns 300 m de sua casa, buscar um artigo da Veja, que ele queria ler. No começo da tarde, após almoçar, o tempo melhorou e ele foi até lá. Pegou a revista, levantou-se, disse “ai!” e foi-se. Sem sofrer, sem gritar. Suave, passarinho. Sônia, acometida pelo maldito de Alzheimer, vegetava numa cama, desde 1995. Ela se foi, depois de longa agonia, em 17/10/2007. Eles conviveram de 1936 a 2005, um relacionamento de 69 anos! E tomando o dito por não dito, como diria Vinícius, porque hoje é sábado, existe, sempre a perspectiva do domingo. Porque hoje é sábado.⁵

Coleção Yedda & Augusto Frederico Schmidt

Augusto Frederico Schmidt (1906-1965) foi poeta da segunda geração do Modernismo, já Yedda Schmidt (1912-1996) foi uma grande amante das artes e da literatura. Conviveram com outros importantes autores modernistas, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Em 1931, com o incentivo da esposa Yedda, Augusto Frederico Schmidt fundou a editora Schmidt, que publicaria autores que posteriormente se destacariam no cenário literário brasileiro, como Graciliano Ramos, Vinícius de Moraes, Jorge Amado e Gilberto Freire.

Foi representante do Brasil na Operação Pan-Americana, delegado do Brasil na ONU e embaixador na Comunidade Econômica Europeia. Tornou-se *ghost-writer* do ex-presidente Juscelino

⁵ Resumo do texto “Quem foram Sonia Sterman Ferraz e José Bento Faria Ferraz?” escrito por José Bento Sterman Ferraz, em 2012, na ocasião da reinauguração da biblioteca da FCLAr. José Bento inicia o texto com os seguintes dizeres: “Esta é uma modesta homenagem em seus quatro filhos fazem a José Bento Faria Ferraz, um autodidata, um formador de pessoas, um homem de letras e artes e à sua companheira e esposa, Sonia Sterman Ferraz, que doaram seu acervo bibliográfico à Universidade Estadual Paulista, Unesp, Campus de Araraquara. ”

Kubitschek (1902-1976) e também foi um bem-sucedido empresário em outras áreas.

Já Yedda Schmidt sempre foi uma mulher à frente do seu tempo. Filha de coronel sempre desafiou a família para ter os mesmos direitos dos irmãos. Casou-se com Schmidt em 1936 e foi sua musa inspiradora em diversas criações do poeta. Grande companheira do marido, defendia a não submissão da esposa perante seus esposos e sim uma relação de respeito e proteção mútua. Sob sua tutela e talento para anfitriã, transformou a casa dos Schmidt em um espaço onde ocorreram encontros de importantes artistas e políticos da época.

Yedda foi quem criou a Fundação Yedda & Augusto Frederico Schmidt⁶, com a finalidade de estimular o aperfeiçoamento intelectual e profissional dos jovens, mediante a realização de estudos, promoção de cursos e exposições e acesso a obras artísticas e literárias do acervo pessoal do poeta. Reafirmando seu propósito em dar existência à referida fundação Yedda lavra seu testamento sua disposição de doar o legado constituído pelo casal. Dentre este legado está a biblioteca, doada a Unesp em 2011.

A biblioteca doada possui 3170 obras, documentos pessoais e objetos de decoração que adornam a sala e reproduzem a biblioteca fidedignamente ao espaço que ocupava no apartamento do poeta, na orla de Copacabana, Rio de Janeiro. Dentre as obras há exemplares raros do XVI e XVII, publicações especiais numeradas e dedicadas ao poeta, primeiras edições autografadas e livros de arte. A maioria das obras é da área de humanidades e cerca de 70% da coleção são obras em língua francesa. Os documentos pessoais retratam Schmidt em suas funções de escritor, editor, empresário, embaixador, articulador político e *ghost-writer*.

Biblioteca Heleieth Saffioti

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti nasceu no interior de São Paulo, em uma cidade chamada Ibirá no quarto dia de janeiro de 1934.

⁶ A Biblioteca tem uma parceria com a Fundação Yedda & Augusto Frederico Schmidt para a realização e divulgação mútua de atividades. Consulte o site da Fundação para conhecer seus projetos: www.fundacaoschmidt.org

Estudou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) na década de 1960, iniciando nesta mesma época suas pesquisas sobre a questão feminina. Este, também, foi o tema que sagrou a sua tese de livre-docente defendida em 1967, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, (atual UNESP - Araraquara), orientada pelo professor Florestan Fernandes. Este trabalho foi um marco para os estudos a respeito da posição da mulher na sociedade, sendo posteriormente publicado em livro com o título de *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*, atualmente em uma nova tiragem (MELO, [20--]).

A sua trajetória acadêmica foi embasada no desenvolvimento de estudos e reflexões a respeito da condição feminina numa perspectiva marxista, tornando-se uma das mais importantes pesquisadoras sobre a questão de gênero no Brasil e no mundo. Na década de 1970 retorna a UNESP e posteriormente torna-se pesquisadora do CNPq junto ao Departamento de Psicologia da USP, professora participante da PUC de São Paulo e professora visitante da UFRJ (MELO, [20--]).

No ano de 2005, em função da sua participação no Projeto Mil Mulheres, que tem por objetivo a busca de reconhecimento do papel feminino nos esforços pela paz, foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz, juntamente com outras 49 brasileiras, entre elas Zilda Arns e Luiza Erundina (BERTONI, 2010 apud STEIN, 2011).

Em 2009, a Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, concedeu-lhe o título de Professora Emérita. Em 2012, a Câmara Municipal de São Paulo, criou o Prêmio Heleieth Saffioti, destinado às mulheres e entidades de classe que tenham se destacado no combate à discriminação social, sexual e racial (MELO, [20--]). .

Heleieth foi casada com o químico Waldemar Saffioti e juntos moraram na Chácara Sapucaia em Araraquara, a qual, posteriormente, foi doada pela socióloga a Unesp-Araraquara. O local se tornou o Centro Cultural Profs. Waldemar e Heleieth Saffioti e é famoso por ser o local onde Mário de Andrade escreveu *Macunaima*.

Após seu falecimento em 13 dezembro de 2010, a socióloga Teresa Telarolli, responsável pelo Centro Cultural, fez contatos com a família indicando o interesse da Universidade em receber o acervo pessoal da socióloga e alocá-lo na Chácara Sapucaia. A família aceitou

a proposta e a equipe do Centro Cultural e da Biblioteca da FCLAr iniciaram o projeto de instalação da Biblioteca na Chácara Sapucaia. Esse acervo é uma extensão da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras e tem por objetivo colocar à disposição do público toda a especificidade cultivada pela pesquisadora a respeito dos estudos de gênero, com vocação para se tornar uma das bibliotecas mais importantes do país nesta temática.

Mergulhando na complexidade dos temas: as coleções temáticas

Como dissemos anteriormente, as coleções especiais de determinada instituição podem ser formadas por um acervo ou setor específico, que devido a interesses profissionais, temáticos, históricos, culturais, artísticos, importância e/ou características singulares encontram-se destacadas do acervo geral.

As coleções especiais temáticas da Biblioteca da FCLAr foram organizadas a partir da seleção e manifestação de áreas de pesquisa e ensino da instituição. Já mencionamos que algumas coleções pessoais da FCLAr também possuem a característica temática – a Sala de Estudos Clássicos e a Sala do Centro de Estudos Portugueses “Jorge de Sena” – mas as duas coleções seguintes foram organizadas como forma de facilitar o acesso, a produção de atividades de pesquisa, ensino e extensão e a instituição de um espaço diferenciado, para duas áreas de crescente produção e importância dentro da unidade. São elas: a Sala de Cultura Africana: África-Afrobrasilidades-Diáspora Negra, em homenagem história das populações, grupos, expressões e manifestações culturais africanas e de seus descendentes no Brasil; e a Sala de Estudos Pedagógicos em homenagem a história da educação.

Sala de Cultura Africana: África-Afrobrasilidades-Diáspora Negra

Para descrever a Sala de Cultura Africana apresentaremos um texto escrito pelo coordenador do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN) da Faculdade de Ciências e Letras que elucida como e por que a sala foi planejada:

O Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN) da Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara/Unesp, juntamente com o Grupo de Trabalho do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (GT-NUPE-ARARAQUARA) situado nesta Faculdade desde o ano de 2007, vem constituindo um acervo bibliográfico acerca das populações, grupos, expressões e manifestações culturais africanas e de seus descendentes no Brasil e demais países do mundo porque este é o mote de suas preocupações teórico-acadêmicas. O conceito adotado para a constituição do nosso acervo está voltado para livros, revistas, jornais, CDs e DVDs que estruturarão um espaço ambiente que tenha inclusive referências iconográficas, esculturas, etc que possam dar a dimensão de uma África e de Afrobrasilidade, porém não estilizadas, nem estandartizadas, nem folclorizadas, mas que projetem parte de suas culturas materiais, coletivas e cotidianas.

Neste período, adquirimos cerca de 900 livros e 100 revistas, sendo que aproximadamente 100 livros novos foram comprados com recursos oriundos de projetos junto a diversas instituições, tais como o MEC-SECAD/SESU (2007), 100 livros novos com recursos próprios (2011) e 800 livros e revistas por meio de doações realizadas por pesquisadores e organismos nacionais e internacionais, entre os quais a Casa das Áfricas, o Museu da Escravatura de Angola e a ONU.

O maior de nossos doadores de livros até o momento foi o Prof. Dr. Kabengele Munanga, docente da USP, que em janeiro de 2008 nos doou 673 livros de seu acervo pessoal, entre os quais exemplares raros do século XIX e início do século XX, inclusive grande parte da Coleção Brasileira. Salientamos, todavia, que parte deste material doado pelo Prof. Dr. Kabengele Munanga deverá passar por um processo de restauro a fim de que possa ser adequadamente utilizado por todos os usuários da Biblioteca da FCLAr e desta sala temática em especial.

Estamos em campanha permanente para aquisição de livros, revistas e jornais oriundos dos países africanos, particularmente dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Neste sentido, estamos em contato com pesquisadores, docentes,

*História e memória por meio de coleções especiais:
o caso da Biblioteca da UNESP/FCLAr*

instituições de ensino superior, embaixadas, consulados e fundações destes países e de Portugal, pois desta maneira poderemos ampliar nosso acervo com baixo custo. Além disso, fazemos permutas com as nossas publicações e materiais bibliográficos e culturais para que possamos intercambiar com estas agências e instituições localizadas em território nacional ou no exterior, como já iniciamos com a Fundação Amílcar Cabral (Cabo Verde), Fundação Mário Soares (Portugal), Fundação Eduardo dos Santos (Angola) e com as Universidades Lusófonas de Guiné-Bissau e Cabo Verde.

A importância na constituição deste acervo é enorme para a comunidade da Faculdade de Ciências e Letras, tendo em vista o número de pesquisas que já estão sendo realizadas no interior de diversos núcleos de estudos conduzidos por diferentes docentes e cursos. Vale ressaltar que, no CLADIN-NUPE, existem 32 pesquisas sendo realizadas pelos docentes, alunos de graduação e de pós-graduação, a maioria destes vinculados ao Curso de Ciências Sociais. Contudo, há também discentes de Letras, Pedagogia, Economia e Administração Pública, ou seja, de todos os 05 cursos presentes nesta unidade universitária da Unesp.

A importância desta sala temática pode ser medida imediatamente a sua abertura, na medida em que ela tiver o material catalogado e a disposição para consulta deste público acima mencionado e, ainda, se considerar que seremos também procurados pelos cidadãos, docentes, discentes e pesquisadores vinculados aos municípios vizinhos de Araraquara (a maioria de ex-alunos da FCLAr), bem como por estudantes desta cidade que possui mais 2 universidades, além da Unesp, cuja formação se assenta fortemente nas ciências humanas (UNIARA e UNIP).

Esta situação apontada acima se deve em parte ao interesse que a África e suas populações e países estão adquirindo no cotidiano educacional brasileiro de maneira sistematizada, seja no âmbito do ensino fundamental e médio, mas também no nível universitário, particularmente em função da obrigatoriedade dos professores do país em ministrar conteúdo em suas disciplinas que trate da história e cultura deste continente e da população afro-brasileira, a fim de atender a demanda instaurada pela Lei 10.639/2003.

A existência deste acervo e desta sala temática é importante, pois causarão um impacto positivo de dupla dimensão:

- a) a possibilidade de se mensurar qualitativa e quantitativamente os títulos mais procurados e a frequência de pesquisadores, docentes, discentes estudando neste ambiente;
- b) a visibilidade do tema da sala *ÁFRICA-AFROBRASILIDADES-DIÁSPORA NEGRA* para aqueles que buscam obras de referência para suas pesquisas, sobretudo encontrando nela exemplares de teses e dissertações defendidas por jovens pesquisadores vinculados aos grandes centros de pesquisas e universidades do país, mas que ainda não foram publicadas;
- c) a demonstração de que uma biblioteca, por contemplar uma diversidade de assuntos e temas, deve constituir elementos de diferenciação temática que leve uma mudança na apreensão da realidade social e cultural, de modo a propiciar um impacto positivo no universo educacional, científico e político desta e outras comunidades.

É com este quadro que consideramos o valor simbólico e material da Sala de Cultura Africana: *África-Afrobrasilidades-Diáspora Negra* constituída a partir da seriedade em fazer a pesquisa acadêmica, o compromisso com a realidade social e a demanda histórica e a ousadia em ter na ação científica um lugar para cultivar o tempo e o labor. Será nela que os seus usuários terão um espaço de leitura e de registro cotidiano da experiência do aprender a aprender próprio dos olhos curiosos e atentos do pesquisador.⁷

Sala de Estudos Pedagógicos

A Sala de Estudos Pedagógicos é um espaço que pretende homenagear a história da educação. Foi criada com o intuito de servir de apoio aos alunos e pesquisadores desta área.

O espaço é composto pela junção de todo o acervo de obras didáticas da Biblioteca da FCLAr, utilizadas nas seguintes discipli-

⁷ Texto elaborado pelo Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca - Coordenador do CLADIN/LEAD e Supervisor do NUPE-FCLAr em novembro de 2012 em razão da reinauguração da Biblioteca da FCLAr e inauguração da Sala Africana.

nas: Biologia, Física, Francês, Geografia, História, Inglês, Latim, Matemática, Português, Química, Sociologia. Conta também com cartilhas, folhetos, uma coleção de livros infanto-juvenis oriundos do Projeto Ler, bem como com mobiliário representando uma sala de aula da década de 70.

Observando raridades: a Coleção Obras Raras e Reservadas

A Coleção Obras Raras e Reservadas da Biblioteca FCLAr foi iniciada por obras selecionadas pelo critério cronológico e pela importância das mesmas para as áreas estudadas na unidade. Com o passar do tempo, a coleção foi sendo reavaliada segundo os critérios biblioteconômicos definidos por especialistas⁸ e recentemente foi feita uma revisão nesta coleção segundo as diretrizes do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras (PLANOR), da Fundação Biblioteca Nacional, adotadas pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas da Unesp como referência para todas as bibliotecas, os quais pontuamos a seguir:

- 1 - Primeiras impressões (séc. XV – XVI)
- 2 - Impressões dos séculos XVII e XVIII
- 3 - Brasil – séc. XIX
- 4 - Edições clandestinas
- 5 - Edições de tiragens reduzidas
- 6 - Edições especiais (de luxo para bibliófilos)
- 7 - Exemplares de coleções especiais (regra geral com belas encadernações e ex-libris)
- 8 - Exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias)
- 9 - Obras esgotadas
(BIBLIOTECA NACIONAL, [2000])

Constam na Coleção Obras Raras e Reservadas da Biblioteca FCLAr obras publicadas antes de 1900, edições especiais, a cole-

⁸ Dos quais destacamos de Ana Virgínia Pinheiro, autora da obra *Que é livro raro?*(1989) uma das maiores especialistas brasileiras na área e autora do capítulo “História, memória e patrimônio: convergências para o futuro dos acervos especiais” deste livro.

ção Brasileira, Enciclopédias, como Larousse - Francesa e Italiana, obras individualizadas por dedicatórias, possíveis incunábulo - livro impresso nos primeiros tempos da imprensa com tipos móveis impresso entre 1455 e 1500, etc.; nas línguas portuguesa, italiana e francesa.

Destas obras, 51 foram publicadas antes de 1900 e fazem parte da Biblioteca Digital da UNESP, um projeto no qual foram digitalizadas e disponibilizadas na íntegra, obras selecionadas dos acervos das bibliotecas da UNESP e de suas coleções especiais por meio do Programa de Preservação da Memória Social, criado em 2010, de acordo com as Diretrizes do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI – da UNESP (UNIVERSIDADE..., 2011)⁹.

A Coleção Obras Raras e Reservadas encerra esta breve descrição sobre a coleção especial, decorrente de bibliotecas pessoais e coleções temáticas, sob a salvaguarda da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras atualmente. Partimos, agora, para reflexões futuras sob o tema.

E o futuro...

A revisão histórica da formação das coleções especiais da Biblioteca da FCLAr confirma uma realidade presente no cenário das bibliotecas universitárias brasileiras que trabalham tanto com coleções especiais, como com coleções de obras raras: a carência de projetos e ou políticas de guarda e de profissionais, gestores e/ou curadores, capacitados para salvaguardarem e disponibilizarem da maneira adequada os materiais sob sua tutela, podendo transformá-la em simples repositório e não em um acervo de memória. Pinheiro et al. (2014, p.11) descreve com mais propriedade esta questão:

Diante da importância das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária, que têm o potencial de assumir a função de geradoras de novas pesquisas, acumulando a função anterior de coleção memorial, faz-se necessário elaborar uma estratégia de salvaguarda para sua preservação, garantindo a continuidade do usufruto de seus benefícios por seus usuários reais.

⁹ Mais detalhes sobre o projeto da Unesp estão descritos no capítulo redigido por Tania de Luca nesta obra: "Biblioteca Digital e o Programa Memória Social da Unesp".

Cientes desta carência e buscando adequar esta situação, foi estabelecido um plano de ação. Atualmente, e com base em outros estudos e experiências de outras universidades foi desenvolvida, pela Comissão Técnica e Comissão de Biblioteca da FCLAr, uma minuta para o recebimento de coleções especiais, e repassada a Direção e à Coordenadoria Geral de Bibliotecas para visando a implantação local e possivelmente em toda a rede. A minuta está em estudo no momento. Já o plano de ação da Biblioteca da FCLAr apresenta a seguinte proposta:

1. Diagnosticar o estado atual das suas coleções especiais;
2. Resgatar e registrar a sua história e a história de formação das suas coleções especiais;
3. Instituir um plano de recebimento e desenvolvimento de coleções especiais;
4. Formalizar um fórum de discussão, intra e extra Rede de Bibliotecas Unesp, com apoio de outras bibliotecas e dos cursos de graduação e pós-graduação das áreas de Biblioteconomia e Letras, para discutir a gestão, o desenvolvimento de políticas de formação e desenvolvimento, as ações de preservação e conservação, financiamentos, divulgação e possibilidades de ensino, pesquisa e extensão a partir de acervos especiais.

Como dissemos anteriormente, para nos prepararmos para estas ações, buscamos alternativas para a troca de experiência, aprendizagem e disseminação do conteúdo deste tipo de acervos e esta oportunidade se concretizou com a I Jornada sobre Gestão e Desenvolvimento de Coleções Especiais da Unesp, que realiza a proposta número quatro e que deverá ter outras edições futuramente.

Sendo assim, ao realizar esta atividade, nos pautamos em reflexões como a de Silva (2006, p.93), que ao retratar as bibliotecas como metáforas da memória, determina o que podemos considerar como a missão da biblioteca que tem sob sua tutela acervos especiais:

[...] são também lugares da humanização da cultura, lugares em que a memória não apenas está guardada, mas de onde a memória se desprende para circular entre os leitores. A Biblioteca, qualquer

biblioteca, é o lugar que abriga a palavra e que acolhe e torna possível a narrativa da história da humanidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, F. C. de; LINO, L. A. S. O Inventário da Biblioteca Lélío Gama: recuperação da memória e relevância para estudos afins. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v.128, p.219-230, 2008. Volume publicado em 2010. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_128_2008.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2015.

BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS. **Coleções especiais**. 2014. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/#!/biblioteca/colecoes-especiais/>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. **Critérios de raridade [e] Catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN: séculos XV e XVI**. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <<http://planorweb.bn.br/documentos.html>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

BOTELHO, A. Octavio Ianni: a sociologia como vocação. **Achegas.Net**, Rio de Janeiro, n. 17, 2004. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/dezessete/botelho_ianni_17.htm>. Acesso em: 01 out. 2013.

CERNE, T. Bibliotecas particulares: Intimidade, intelecto e cultura. **Revista Biblio**: cultura informacional, Rio de Janeiro, 19 set. 2013. Disponível em: <<http://biblio.info/bibliotecas-particulares/>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

IANNI, O. [**Correspondência**]. Destinatário: Prof. Dr. José Antonio Segatto [Diretor da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP]. São Paulo, 22 fev. 2002. 1 correspondência.

LEAL, A. M. G. **Jorge de Sena: a modernidade da tradição**. 1984. 267 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

MELO, H. P. de: **Heleieth Saffioti (1934-2010)**: socióloga, professora, escritora e pensadora feminista. [20--]. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1144214>. Acesso em: 19 jul. 2014.

PINHEIRO, A.V. **Que é livro raro?** Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

PINHEIRO, A. V. et al. O histórico da biblioteca como instrumento de gestão e salvaguarda das coleções de livros raros e especiais na biblioteca universitária brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Trabalhos...** Belo Horizonte: SNBU: UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/trabalhos/index.php/sn_20_bu_14/sn_20_bu_14/paper/view/549>. Acesso em: 10 dez. 2014.

REALE, E. Gilda Maria Reale Starzynski. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n.14, 2004. Memorial. Disponível em: <<http://www.nptbr.mae.usp.br/wp-content/uploads/2013/05/Memorial.pdf>>. Acesso em 10 dez. 2014.

SÃO PAULO (Estado). **Lei n. 952, de 30 de janeiro de 1976**. Cria a Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” e dá providências correlatas. São Paulo, 1976. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1976/lei-952-30.01.1976.html>>. Acesso em: 01 set. 2014.

SANTOS, G. (Org.). **Jorge de Sena em rotas entrecruzadas**. Lisboa: Cosmos, 1999.

STEIN, L. et al. Homenagem a Heleieth Saffioti. **REDD: Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 3, n. 2, jan./jul. 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/viewFile/4432/3931>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

SILVA, T. E. da. Bibliotecas: metáforas da memória. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Ciência da Informação**, Florianópolis, n.21, p.85-94, 1. sem., 2006.

UNIVERSIDADE conclui primeira etapa de digitalização de obras raras. **Unesp Informa**, São Paulo, v.2, maio 2011.

UFSCar: COLEÇÕES ESPECIAIS EM UMA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Vera Lucia CÓSCIA

Nunquam de manu et oculis tuis recedat liber

“Que nunca o livro fique longe de tua mão e de teus olhos.”

São Jerônimo¹

Introdução

No Brasil, apenas recentemente as coleções especiais passaram a ser vistas como um material bibliográfico diferenciado, que exigia um tratamento técnico específico nas Bibliotecas. Tais coleções resgatam a memória intelectual da sociedade, perpetuando o saber por meio do registro e disponibilização das criações humanas tanto bibliográficas como pictóricas, dentre outras.

Contudo, antes de prosseguir, é necessário considerar o que é uma Coleção Especial. Segundo Nardino e Caregnato (2005, p. 383), “[...] as coleções especiais são obras que se destacam de alguma maneira, por certas peculiaridades, independentemente da época em que foram criadas. Sendo assim, elas constituem uma boa fonte de pesquisa e conhecimento.” Neste ponto, é importante ressaltar que as coleções especiais bibliográficas apresentam ampla variedade de gêneros, quais sejam: mapas, ilustrações, teses, selos, latas de cerveja,

¹ Na lista de referências consulte: Saint Jérôme (2003, p.123).

canecas, óculos de época, mascotes, troféus e chaveiros, entre outros itens colecionáveis que, por seu grande volume, se tornam coleções.

No que tange à coleção de livros – material de estudo desse trabalho –, é possível afirmar que se trata de um espaço de publicações no mercado editorial que se diferencia das publicações comerciais. São obras de grande valor literário ou artístico, com riqueza de detalhes ilustrativos e pictóricos. Podem também se tornar especiais pelo fato de terem pertencido ou sido manuseadas por algum personagem ilustre, ou ainda por possuir uma dedicatória ou autógrafo deste. Em contrapartida, as coleções especiais podem resultar, mais abrangentemente, de uma gama de formas e suportes, tornando-as um misto de registros de informação.

As Coleções Especiais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) surgiram da necessidade de se reunir fisicamente coleções que se destacam tanto por suas especificidades quanto por seu projeto editorial diferenciado e rico, como consta no texto do Manual SABI, da UFRGS, o qual se assemelha muito à condição do acervo especial da UFSCar:

Existem ainda, obras consideradas especiais, que não devem ser registradas como raras. Estas, conforme o interesse da biblioteca, poderão merecer um tratamento diferenciado, formando uma coleção à parte, inclusive sendo armazenadas junto ao acervo raro (em geral melhor protegido), por exemplo, as representativas dentro da área de conhecimento, obras de e sobre a Instituição, obras oriundas da coleção particular de antigos professores, etc. (UFRGS, 2014).

É pertinente, ainda, considerar os comentários advindos de textos disponíveis no site da Biblioteca Nacional, que orientam a formação de muitos acervos: “[...] muitas vezes uma obra não é considerada rara isoladamente, mas o fato de pertencer a um fundo faz com que se torne rara, pelo seu conjunto e pela sua história.” (BIBLIOTECA NACIONAL, 2014).

Dessa maneira, são relatadas nesse texto as políticas adotadas para o estabelecimento e o tratamento das coleções especiais, bem como a estruturação do DeCORE – Departamento de Coleções de

Obras Raras e Especiais da Biblioteca Comunitária da UFSCar. A intenção destes relatos é colaborar com outros colegas bibliotecários em suas decisões quanto ao tratamento técnico das coleções especiais, considerando-se que grande parte dos gestores das Bibliotecas brasileiras vivenciam essa situação, ou seja, contam com um número significativo de obras diferenciadas, mas não estão certos de como tratá-las.

Além disso, a democratização do acesso aos registros digitais, efeito inevitável da globalização e da efervescência de redes sociais, resultou em digitalizações em larga escala, suprimindo o interesse e a curiosidade das pessoas. Tornar as coleções especiais acessíveis contribui positivamente para a formação de cidadãos conscientes de que a preservação dos registros colabora com a manutenção da memória cultural de um povo. Cabe às instituições públicas e privadas, detentoras desses registros, estabelecer políticas de preservação e divulgação, tendo como meta o acesso à cultura.

Considerações históricas e coleções especiais no Brasil

Há alguns séculos, em razão do analfabetismo, a iconografia substituiu o texto escrito. Utilizava-se a linguagem visual para representar o mundo. Entretanto, a evolução intelectual e a necessidade humana culminaram em importantes invenções. No século XV, a invenção dos tipos móveis para a imprensa e a primeira Bíblia impressa são exemplos de eventos importantes que colaboraram para a disseminação da aprendizagem em massa, e contribuíram imensamente com o mundo moderno.

O desenvolvimento da imprensa, por Johann Gutenberg (1397–1468), possibilitou a popularização e a edição de livros ao longo dos tempos, tornando-os menos proibitivos financeiramente para os plebeus. Dessa forma, o conhecimento passou a ser socializado e a informação passou a ser veiculada, diminuindo os índices de analfabetismo. É possível destacar, daquela época, a produção dos “Missais” ou “Livros de missa”, os quais passaram a compor o cotidiano das casas de famílias, tornando-se preferidos e inseparáveis das damas em suas idas aos cultos.

O berço das coleções especiais no Brasil, segundo Mindlin (2004, p.104), “[...] remonta ao século XVI, trazido pelos jesuítas em 1549. Chefiados por Manoel da Nóbrega trouxeram livros para os colégios que fundaram em diversas partes da Colônia, embora sempre em escala insuficiente.” Outros registros interessantes são os que narram a história do Brasil colônia: trata-se de obras centenárias de artistas holandeses como Albert Ekhout e Frans Post que foram contratados, no século XVII, pela família real portuguesa para retratar e catalogar a flora, fauna e etnia brasileiras. Atualmente esses registros estão disponíveis na web, enriquecendo textos e tornando as pesquisas muito mais atraentes.

O ano de 1808 foi um marco na área das coleções especiais, tendo em vista a vinda da família real portuguesa ao Brasil. D. João VI trouxe sua “Real Bibliotheca” que deu origem à atual Biblioteca Nacional, estabelecida por meio de decreto no Rio de Janeiro – RJ, à qual, posteriormente, foram incorporadas coleções significativas e de grande valor como, por exemplo, a coleção Barbosa Machado, entre outras.

No Brasil, as coleções especiais passam por um processo de consolidação. Inúmeras instituições possuem esse tipo de acervo, embora os espaços físicos designados para o depósito não sejam os mais adequados. Essas instituições públicas ou privadas, guardiãs de bibliotecas, abrigam uma variedade de objetos, além de livros e periódicos. Faltam, no entanto, a muitas dessas instituições, estudos, publicações e critérios práticos para o recebimento consciente de coleções especiais, motivo pelo qual poucas coleções estão reunidas sob a ótica das suas especificidades, nem apresentam critérios claros para o seu estabelecimento.

A falta de infraestrutura faz com que as coleções especiais sofram em razão da existência de alguns equívocos durante a sua organização, quais sejam:

- serem armazenadas indevidamente, o que ocasiona a perda de muitos exemplares;
- não contarem com área de acesso apropriada, impedindo o acesso a portadores de necessidades especiais;

- não contarem com condições físicas adequadas, sem controle de temperatura e umidade;
- não contarem com segurança e vigilância, fazendo com que muitos exemplares sejam manuseados indevidamente, mutilados e furtados;
- não contarem com mobiliário próprio para exposições, fazendo com que os exemplares fiquem vulneráveis à exposição da luz, calor, furto e armazenagem indevida, de forma que os volumes tenham sua estrutura forçada para sua abertura;
- não contarem com uma política de conservação, com rotinas para higienização e desinsetização periódicas estabelecidas por profissionais especializados fazendo com que muitas obras sejam atacadas e consumidas por insetos e roedores;
- não contarem com um programa para educação do usuário, fazendo dele um elo importante na cadeia de preservação do acervo.

O Departamento de Coleções de Obras Raras e Especiais (DeCORE)

Em 1995, ocorreu a inauguração da Biblioteca Comunitária da UFSCar, em São Carlos (SP), como um projeto pioneiro no país, por se tratar de uma Biblioteca universitária que tem como meta atender a academia, bem como a comunidade são-carlense e região, democratizando o espaço físico, disponibilizando seu acervo, serviços e produtos. Tais esforços sempre visaram atender a Comunidade Universitária e Científica, alunos do Ensino Fundamental e Médio, Comunidade em Geral e Grupos Especiais de Usuários.

Na UFSCar, são utilizados os critérios recomendados pela Biblioteca Nacional para a definição de obras especiais ou raras. O espaço físico está distribuído em 9.000 m², em seis níveis, abrigando a Biblioteca Comunitária, o Teatro Florestan Fernandes – com capacidade para 420 lugares –, três Auditórios para atender as demandas de cursos e palestras, além de Área de Convivência.

O DeCORE reúne as obras mais antigas do acervo da unidade, e está localizado no Piso 5 da Biblioteca Comunitária (BCo) da UFSCar, em área de 450,00m². Com horário de atendimento das

08:00 às 18:00 horas, de segunda à sexta-feira, tem como meta atender às demandas dos pesquisadores nas áreas de Ciências Sociais, Educação, Literatura e disciplinas relacionadas. Atende também a comunidade de São Carlos e região. Os contatos poderão ser estabelecidos pelo e-mail decure.bco@gmail.com e telefone +55(xx)16 3351-8428.

Na Biblioteca Comunitária da UFSCar, há dez coleções especiais. Trata-se de bibliotecas de particulares famosos que foram adquiridas por meio de compra ou doação, ou aquelas transferidas do acervo geral para compor o DeCORE. A primeira coleção a compor a sala foi a Biblioteca particular do escritor e jornalista Luís Martins, adquirida por compra no ano de 1995. Famoso radialista, Luís Martins foi um dos maridos da pintora brasileira Tarsila do Amaral. Este acervo é composto por muitas obras de arte, entre elas um álbum de ilustrações com dedicatória de Tarsila.

Entre as medidas adotadas para a formação das coleções especiais, promoveu-se a junção de bibliotecas de autores famosos, a fim de proporcionar aos usuários o acesso às obras clássicas da literatura mundial e às obras autografadas por autores e pessoas famosas. Além disso, a reunião de obras sobre um tema específico teve o intuito de socializar e desmistificar o jargão da inacessibilidade à obra especial e rara. Nessa perspectiva, foram reunidas nesse espaço físico, coleções temáticas que estavam dispersas no acervo geral, como a coleção Brasileira e a Rui Barbosa.

A quarta coleção disponibilizada no DeCORE foi a Biblioteca particular do Sociólogo e Deputado Federal Prof. Dr. Florestan Fernandes, adquirida em 1996. Juntamente com a Biblioteca, a família cedeu o arquivo pessoal de Florestan, que hoje compõe o Fundo Florestan Fernandes (disponível em <http://www.bco.ufscar/fundoflorestanfernandes>). Também foram cedidos os objetos museológicos e pessoais de Florestan que compõem seu pequeno museu, e que se encontram nas seis séries do Fundo Florestan Fernandes, dentro das sub-séries “Objetos tridimensionais/museológicos”.

Inevitavelmente alguns questionamentos rondam o imaginário daqueles que visitam ou escutam falar do Fundo Florestan Fernandes: Por que a Biblioteca do Prof. Florestan se encontra em São Carlos, tendo em vista que ele nasceu em São Paulo, foi professor na USP -

São Paulo, Deputado Federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e morreu na mesma cidade? Porém, não há mistério. Florestan foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, o PT, vindo a se candidatar e se eleger por dois mandatos (1986 e 1990). A UFSCar deveria homenageá-lo com o título *Honoris causa*, na gestão do Reitor Prof. Dr. Newton Lima Netto, mas Florestan faleceu em agosto de 1995, não havendo tempo hábil para tal. Logo, a UFSCar homenageou Florestan dando seu nome ao Teatro anexo à Biblioteca.

Organização física e técnica da Biblioteca Florestan Fernandes

Para a organização de uma biblioteca tão específica, foi necessária primeiramente a realização de um estudo para conhecimento e compreensão da composição do acervo, o que foi feito pelo Prof. Dr. João Roberto Martins Filho, do CECH da UFSCar. Em razão da grande especificidade do acervo, a equipe composta por bibliotecários da BCo-UFSCar optou, em 1995, pela organização fixa do livro na estante. Essa organização é recomendada para acervos fechados, como o de Florestan, nos quais o acesso é direcionado por um bibliotecário e não são permitidas novas inclusões.

Para isso, a equipe de bibliotecários esteve no apartamento de Florestan em São Paulo, onde estavam reunidas as obras, com a intenção de organizar e transferir o acervo para a UFSCar. Todo o acervo foi dividido em salas, como determinado pelo Prof. Dr. João Roberto e, em seguida, foi enumerado, fotografado, encaixotado e trazido para a UFSCar, juntamente com as estantes. Na UFSCar, os livros foram recolocados nas estantes, recebendo um código composto pelo número da sala, número da estante, número da prateleira e número sequencial dentro da prateleira.

Vale também lembrar que foram realizados estudos sobre a coleção, a partir de 1998, quando passamos a integrar a equipe da BCo. Tais estudos possibilitaram conhecer e definir itens que valorizaram a coleção, tais como a riqueza encontrada nas dedicatórias a Florestan, o que nos levou a inserir em campo específico da base de dados o seu texto completo, local, data e quem ofertou.

Um segundo estudo foi realizado para avaliar a importância das anotações feitas por Florestan em seus livros. Elas revelam a

sistemática de Florestan para registrar as informações nas obras que usaria futuramente. Essas informações são compostas por sinais mais diversos possíveis (parênteses, barras, reticências, ponto de exclamação, dentre outros), os quais foram denominados como “símbolos”. Outras anotações, como aquelas escritas às margens das páginas foram denominadas como “marginálias”.

Todas as obras passaram por avaliação e, em caso positivo, tiveram a inclusão de tais expressões em seu registro na base de dados. Desta forma, a coleção foi enriquecida, tendo em vista que ao pesquisador apresenta-se um conjunto de obras comentadas por Florestan, e à Biblioteconomia e Ciência da Informação um conjunto de obras raras, por tratar-se de obras únicas com manuscritos de Florestan.

Gestão das Coleções Especiais na BCo da UFSCar

O DeCORE conta com um acervo constituído em sua maioria por obras contemporâneas, entre elas obras especiais e algumas raras. Dessa forma, teve-se como norte para o estabelecimento de raridade e especialidade, as diretrizes estabelecidas pela Biblioteca Nacional (BN) – RJ, intitulada “Critérios de raridade empregados para a qualificação de obras raras” a saber:

1. Primeiras impressões (séc. XV – XVI);
2. Impressões dos séculos XVII e XVIII;
3. Brasil – séc. XIX;
4. Edições clandestinas;
5. Edições de tiragens reduzidas;
6. Edições especiais (de luxo para bibliófilos);
7. Exemplares de coleções especiais (regra geral com belas encadernações e ex-libris);
8. Exemplares com anotações manuscritas de importância (incluindo dedicatórias);
9. Obras esgotadas.

Baseados nesses critérios, identificamos no DeCORE algumas obras que podemos classificar como muito especiais tendo em vista

que nosso acervo é relativamente “jovem”. Assim sendo, descrevemos as características de algumas obras que julgamos pertinentes:

- As obras mais antigas das coleções da BCo, de autoria de Francisco de Sá de Miranda (1481?-1558), intituladas *Obras do doctor Francisco de Sá de Miranda* publicadas em 1784, em dois volumes, que por sua cronologia insere-se entre as impressões dos séculos XVII e XVIII. Encontram-se junto à Coleção Luís Martins (LM);
- Fascículos da *Revista Ilustrada* um dos primeiros periódicos nacionais, datados de 1876, junto à Coleção Luís Martins (LM);
- Obras com dedicatórias em todas as Coleções, destacando-se as de autoria de Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade junto à Coleção Luís Martins (LM);
- Obras numeradas, com dedicatória, como o álbum com ilustrações das obras de Tarsila do Amaral junto à Coleção Luís Martins (LM);
- Obras intituladas *As meninas e Porão e sobrado*, renegadas pela escritora Lygia Fagundes Telles por considerá-las escritos iniciais de sua produção intelectual, com pouca maturidade. Tais obras encontram-se junto à Coleção Henrique Luis Alves (HLA), lembrando que essa coleção é composta exclusivamente por primeiras edições, constando em grande parte delas, dedicatórias do autor;
- Edição de cunho político, sem autor, na Biblioteca Florestan Fernandes (FF);
- Grande número de obras com marginálias manuscritas por Florestan Fernandes, as quais estão diretamente relacionadas às suas pesquisas acadêmicas e registradas em seu arquivo pessoal, tecnicamente denominado Fundo Florestan Fernandes (FFF);
- Exemplar da obra especial de grande dimensão, numerada, intitulada *Flowers of the brazilian forests* de autoria da inglesa Margaret Mee, publicada no ano de 1968 em Londres. Essa obra teve o patrocínio do Duque de Edimburgo;
- Edição do *Código Civil Brasileiro* datado de 1948, com sinais e marginálias junto à Coleção João Roberto Martins (JRM);

- Coleção Brasileira, como conhecido, dedicada ao Brasil, com exemplares significativos sobre nossa história, geografia e história. Dentre eles *Viagens pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*, de Auguste de Saint-Hilaire, publicada em 1938 com tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa, dentre outras obras.
- Série Ouro, onde se encontram reunidas obras publicadas recentemente, que trazem belíssimas fotografias e ilustrações feitas por famosos, destacando-se os três volumes da obra *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender (1817-1818)* publicada no ano de 2000 por Robert Wagner e Julio Bandeira, com transcrição e tradução da *Pequena Autobiografia* de Thomas Ender.
- Coleção Ficção Científica (FC) com destaque à obra *Matrix*, que deu origem ao filme de mesmo nome.

Enfim, essas são algumas das muitas obras que podemos destacar no acervo.

Prosseguindo, lembramos que em 2009 foi estabelecido o Planejamento Estratégico da BCo e, dentre os eixos definidos, contamos com o Eixo 1, denominado “Políticas de Desenvolvimento de Coleções”. Assim sendo, passamos a contar com as diretrizes para a definição dos exemplares ou coleções que seriam incorporados pela BCo, como seguem:

- Obras xerocopiadas não são aceitas;
- Livros didáticos e apostilas de cursos preparatórios para vestibulares não são aceitos;
- Algumas obras especiais não são emprestadas (Coleção Luís Martins, Florestan Fernandes);
- As obras com empréstimo restrito não são digitalizadas, nem xerocopiadas (prestamos o serviço de extração de fotografia de até 10% do total de páginas e envio do arquivo via e-mail);
- Avaliação prévia das coleções (*in loco*), além do conteúdo, as condições físicas dos volumes, forma de armazenagem, etc.;
- Em caso de aceite da coleção, é colocado ao proprietário que a BCo poderá repassar a outras unidades ou instituições

exemplares que estiverem em duplicata ou se o conteúdo não constar da lista de cursos e disciplinas oferecidas pelos cursos da UFSCar;

- O processamento técnico é diferenciado em razão das obras especiais não receberem carimbo, etiqueta, etc., com exceção das obras emprestáveis, entre elas as da “Série Ouro”, que recebem um pequeno selo dourado no formato de círculo, sinalizando que a obra é armazenada no DeCORE.
- Em relação à descrição das obras especiais, por se tratar de um acervo contemporâneo, utilizamos o manual de catalogação *Anglo-American Cataloging Rules*, conhecido como AACR2, o qual explicita os níveis de descrição. No entanto, para pesquisa das obras raras utilizamos o acesso a bases de dados específica como os Catálogos de Obras Raras da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), da Biblioteca do Congresso Norte-Americano (Washington, EUA), das Bibliotecas Nacionais de Portugal, Londres e França. Utilizamos também obras de referência compostas por bibliografias sobre livros raros e outras publicações em nível internacional para descrição destas, como o *International Standard Book Description (Antiquarian)* – ISBD(A), editado pela IFLA, e o *Descriptive Cataloging of Rare Books – DCRB*, editado pela Library of Congress. Quanto ao *software* para gerenciamento da Base de Dados, foi estabelecido primeiramente o *MicroIsis* e mais recentemente o *Personal Home Library* (PHL). No momento está em fase de aquisição o novo *software* Pergamum, bastante utilizado por bibliotecas universitárias.

Breve histórico do DeCORE

A COLESP – Sala de Coleções Especiais (antiga denominação) foi criada em 1995 com apenas 01 coleção, a Sala Luís Martins. A partir de 1996, foram inseridas novas coleções, entre elas a Coleção Florestan Fernandes, composta por Biblioteca, Museu e Arquivo Pessoal. Incorporou-se também ao acervo outras coleções, como a Brasileira, a Rui Barbosa, a Revista Ilustração Brasileira,

a Henrique Luis Alves, a João Roberto Martins, a Série Ouro, a Ficção Científica e a Ulysses Fernandes Nunes. Em 2012, foi finalmente criado o DeCORE – Departamento de Coleções de Obras Raras e Especiais.

Serviços prestados

- Treinamento de estagiários;
- Empréstimo/Devolução de obras (filipeta);
- Espaço para Estudos;
- Visitas agendadas;
- Consulta ao Fundo Florestan Fernandes;
- Reprodução de documentos (até 10% do total), por meio de fotografia enviada ao usuário por e-mail;
- Orientação quanto ao manuseio e cuidados com livros e documentos – projeto de Extensão “Pesquise Já”;
- Preservação documental: higienização, planificação, reparo, tombamento, digitalização, descrição, inserção na base de dados e acondicionamento de documentos do Fundo Florestan Fernandes (FFF) conforme padrões arquivísticos;
- Organização de Exposições Temáticas, dentre outros.

Previsões

Há previsão para incorporar o acervo sobre Cinema, doado pelo cineasta aposentado José Inácio de Melo Souza, de São Paulo, composto por aproximadamente 700 exemplares sobre o tema, os quais se encontram em perfeitas condições físicas.

Considerações finais

É possível afirmar que, embora no Brasil a cultura de valorização de livros antigos e especiais não seja eminente, pertence aos bibliotecários a tarefa de adotar políticas de preservação nas coleções especiais. Tornar todo esse material acessível é essencial. No entanto,

é de suma importância que critérios de acesso, manuseio, tratamento e conservação dessas coleções sejam estabelecidos.

Diante da experiência adquirida na UFSCar, é possível afirmar que a valoração das coleções tem início no processo de avaliação. Este é um momento de extrema importância, pois se for realizada de forma indevida pode desclassificar uma obra especial ou rara em razão de não conhecermos os critérios para sua definição, como por exemplo, as primeiras edições. Citando esse critério temos a afirmativa de Camargo (1992, p. 1):

As primeiras edições são, frequentemente, mais raras que as subsequentes. A afirmação é válida tanto para os livros antigos como para os contemporâneos, o que nos leva a questionar o critério puramente cronológico para demarcação de um acervo de obras raras nas bibliotecas públicas, como é costume.

Somente a antiguidade, porém, não deve ser o parâmetro para o estabelecimento da raridade de uma obra; há, portanto, uma série de itens que devem ser considerados. Outro fator é a valorização das obras especiais pela equipe a qual a manuseará e a acondicionará devidamente, tendo em vista as necessidades muito especiais que alguns exemplares exigem em razão da sua fragilidade.

Faz-se necessário transmitir ao usuário o quão preciosas são as coleções e cada volume que as compõem. Tivemos por vários anos a experiência de entregar ao usuário, no ato do empréstimo, uma simples filipeta, a qual solicitava empenho em não perdê-la e, se possível, devolvê-la no próprio departamento, no Piso 5. Após algum tempo observamos que alguns usuários devolviam as obras embaladas em sacos de papel ou plástico, sinalizando para nós o seu zelo. Observamos também que não houve “subtração” de exemplares, o que confirma que os usuários passaram a ter consciência do valor dessas coleções. Assim sendo, a valoração das coleções tem que partir primeiramente da equipe, a qual será automaticamente transferida ao usuário.

**Fotografia 1 – Atividade do Projeto de Extensão “Pesquise já”
premiado pelo Conselho Regional de Biblioteconomia – SP em 2013.**



Fonte: Acervo pessoal.

**Fotografia 2 – Exposição temática sobre a Semana de
22 com a exposição de obras autografadas dos autores.
Mário de Andrade, Tarsila do Amaral entre outros.**



Fonte: Acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Divisão de Obras Raras. Planor. **Critérios de raridade [e] catálogo Coletivo do Patrimônio Bibliográfico Nacional - CPBN: séculos XV e XVI**. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. 1 CD-ROM.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Critérios de raridade**: empregados para a qualificação de obras raras. Disponível em: <www.bn.br/planor/documentos/criterioraridadedoraplanor.doc>. Acesso em: 15 set. 2014.

CAMARGO, A. M. de A. **Obra rara**: critérios para definição. 1992. Trabalho apresentado na Mesa Redonda Obra rara: critérios para definição, política de preservação e mercado, realizada na Biblioteca Mário de Andrade em 8 de outubro de 1992, São Paulo, 1992.

MINDLIN, J. **Uma vida entre livros**: reencontros com o tempo. São Paulo: EDUSP: Companhia das Letras, 2004.

NARDINO, A. T. D.; CAREGNATO, S. E. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. **Em questão**, Porto Alegre, v.11, n.2, p.381-407, jul./dez. 2005.

SAINT JÉRÔME. **Correspondance**: lettres CXXI-CXXX. Texte établi et traduit par Jérôme Labourt. Paris: Les Belles Lettres, 2003. Tome VII.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL [UFRGS]. **Manual SAbi**. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/documenta/manuais-sabi/registro-bibliografico/campos-9xx/930-indicacao-de-obra-rara>>. Acesso em: 15 set. 2014.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ANDRADE, D.; VERGUEIRO, V. **Aquisição de materiais de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013.

CÓSCIA, V. L. Um pouco das coleções especiais da Biblioteca Comunitária da UFSCar. **Versão Beta**. São Carlos, v.8, n.53, p.77-88, 2009.

DIAS, G.; SILVA, T. E.; CERVANTES, B. M. N. Políticas de informação nas bibliotecas universitárias: um enfoque no desenvolvimento de coleções. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.11, n.1, p.39-54, jan./abr. 2013.

DIAS, M. M. K.; PIRES, D. **Formação e desenvolvimento de coleções e serviços de informação**. São Carlos: EDUFSCAR, 2003.

EVANS, G. E. **Developing library and information center collection**. 4.ed. Englewood: Libraries Unlimited, 2000.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. **Dicionário do livro**: terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao tratamento técnico, etc. Lisboa: Guimarães, 1988.

FIGUEIREDO, N. M. **Estudo de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

_____. **Desenvolvimento e avaliação de coleções**. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

_____. **Metodologias para promoção do uso da informação**: técnicas aplicadas particularmente em bibliotecas universitárias e especializadas. São Paulo: Nobel, 1991.

FONSECA, E. N. **Introdução à biblioteconomia**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2007.

HOUAISS, A. **Elementos de bibliologia**. Reimpressão fac-similar. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

LANCASTER, F. W. **Avaliação de serviços de bibliotecas**. Tradução de Antonio Agenor Brinquet de Lemos. Brasília: Brinquet de Lemos, 1996.

MACIEL, A. C.; MENDONÇA, M. A. R. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência, 2000.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. **Diccionario de bibliología y ciencias afines**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez: Piramide, 1989.

MIRANDA, A. C. C. A política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas especializadas. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.17, n.1, p.87-94, jan./abr. 2007.

MORAES, R. B. **O bibliófilo aprendiz**: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras antigas ou modernas. 3.ed. Brasília: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.

MORAES, R. B. A. de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: Secretaria Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979.

PINHEIRO, A. V. **Que é livro raro?** uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1989.

ROMANI, C.; BORSZCZ, I. (Org.). **Unidades de informação**: conceitos e competências. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

SANT'ANA, R. B. Critérios para a definição de obras raras. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v.2, n.3, p.1-18, jun. 2001.

VERGUEIRO, W. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. Brasília: Brinquet de Lemos, 1995.

_____. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: Associação Paulista de Bibliotecários, 1989. (Coleção Palavra-Chave, n.1).

WEITZEL, S. R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

UNICAMP: COLEÇÕES ESPECIAIS E OBRAS RARAS

Tereza Cristina Oliveira Nonatto de CARVALHO

Introdução

A Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em sua missão de pesquisa, ensino e extensão, vem procurando suprir sua comunidade interna e externa, com instrumentos capazes de criar e de disseminar o conhecimento na ciência, na tecnologia, na cultura e nas artes. Por meio do ensino, da pesquisa e da produção científica, tecnológica e cultural, a universidade tem contribuído para o desenvolvimento social e econômico.

O Sistema de Bibliotecas da UNICAMP (SBU) é formado por vinte e sete Bibliotecas Seccionais nas áreas de Humanidades, Tecnológicas, Exatas e Biomédicas, cuja missão é prover o acesso, a recuperação e a preservação da informação, de maneira a contribuir para a educação universitária e para o desenvolvimento da sociedade em geral.

A Biblioteca Central, além da responsabilidade de estabelecer e dinamizar uma política de informação, desenvolve atividades de processamento técnico do material bibliográfico e de prestação de serviços, referenciais para atender as necessidades de informação e pesquisa da sua comunidade acadêmica do país e do exterior. Além do caráter de atualização do acervo, que atenda as necessidades acadêmicas de graduação e pós-graduação, também tem como ocupação ser depositária do acervo raro e especial, das diversas áreas do conhecimento, a fim de preservá-los para as gerações futuras.

Histórico do Acervo

O acervo especial e raro, pertencente à Biblioteca Central Cesar Lattes desde 1984, foi formado a partir da compra da biblioteca particular do historiador Sérgio Buarque de Holanda (CARVALHO; VAL; BRUNO, 2002), e está sob a responsabilidade da Diretoria de Especiais e Obras Raras, responsável em avaliar, adquirir, organizar, prover acesso, divulgar e preservar esses acervos que servirão como suporte aos programas de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos pela Universidade.

Atualmente, aproximam-se dos 80 mil volumes, entre livros, separatas, teses, periódicos, microfichas, etc., divididas em vinte coleções. Essas coleções, por força da singularidade ou da raridade dos itens, da sua forma física, do conteúdo, dos assuntos ou outro significado especial, são distintos do acervo geral da Biblioteca e recebem um tratamento diferenciado em relação à gestão, acondicionamento, catalogação, consulta, preservação e conservação.

Segundo Neumann (1995, p. 590): “[...] em geral essas coleções adquiridas pela Universidade são mantidas em sua unidade, com os nomes dos antigos proprietários preservando as características de cada conjunto e suas diferenças.” Faz parte das Coleções Especiais as bibliotecas particulares que pertenceram a historiadores e literatos – além do já citado Sérgio Buarque de Holanda, temos também os acervos de Aristides Cândido de Melo e Souza, Paulo Duarte, Alexandre Eulálio, José Albertino Rodrigues, Eugênio de Toledo Artigas, Oswaldo Peckolt, Theodor Peckolt, Peter Eisenberg, Brito Broca, Cornélio Pena e Cicognara. Somam-se ainda as coleções Novo Mundo, Iconográfica, Primeiras Edições, História em Quadrinhos e Oficina do Livro “Rubens Borba de Moraes”.

Objetivos

Objetivo geral

Disponibilizar amplamente os acervos raros e especiais a toda comunidade acadêmica, promovendo a sua longevidade e ampla acessibilidade com o uso de meios eletrônicos que propiciem um

tratamento técnico adequado, visando divulgar e recuperar não só o acervo, mas também tornar públicas a vida e a produção intelectual destes pesquisadores, oferecendo acesso aos conteúdos de alto valor histórico, cultural e intelectual e contribuindo, assim, para a construção da memória.

Objetivos específicos

- Assessorar a Coordenação do SBU, Sistema de Bibliotecas da UNICAMP, quanto à tomada de decisão em assuntos relacionados ao recebimento de coleções especiais e obras raras;
- Preservar e disponibilizar os acervos da Área de Coleções Especiais e Obras Raras, por meio da seleção, organização, processamento técnico, divulgação, preservação e acesso;
- Identificar obras raras, através de critérios nacionais e internacionais, e realizar a análise bibliológica de obras raras;
- Dar suporte à pesquisa de obras raras e especiais, locais e à distância;
- Realizar exposições temáticas;
- Oferecer treinamentos de encadernação e tratamento de conservação preventiva em itens bibliográficos.

Usuários

Os usuários dessas Coleções são formados por pesquisadores, alunos de graduação, pós-graduação, docentes pertencentes ao quadro da universidade e de outras instituições nacionais e internacionais, pessoas com conhecimento bastante especializado em seus campos de estudo, notadamente na área de Humanidades.

Coleções Especiais e Obras Raras na UNICAMP

Coleção de Obras Raras

Reúnem livros e periódicos raros, aproximadamente quatro mil obras, que são identificadas e transferidas das coleções especiais e do acervo geral da Universidade. A temática principal é a Brasileira, livros

sobre o Brasil escritos por viajantes dos séculos XVI ao XIX, além de narrativas de viagens, História Colonial e Imperial do Brasil. A natureza dos materiais das coleções compreende documentos únicos, escassos, raros, com valor no mercado livreiro, tanto como artefato quanto de significado histórico. De acordo com Pinheiro (1989), o limite histórico, os aspectos bibliológicos, o valor cultural, a pesquisa bibliográfica e as características do exemplar são aspectos a serem considerados na definição da raridade de um livro.

Segundo Val e Carvalho (2006), dentre as preciosidades existentes, destacam-se: *Manuscrito do Século XV; Delle navigationi et viaggi*, de Giovanni Battista Ramusio (século XVI); *Histoire de la mission des peres capucins em l'isle de Maragnan ...*, de Claude d'Abbeville (século XVII), *A voyage to the Pacific Ocean de James Cook* (século XVIII), além dos viajantes como Nieuhoff, Spix and Martius, Saint-Hilaire, Maria Graham e Koster, entre outros.

Quadro 1 – Temas por século do acervo de obras raras

SÉCULOS	TEMÁTICA
SÉC. XV	Cantos gregorianos (manuscrito em pergaminho, ilustrado com iluminuras).
SÉC. XVI	BRASILIANA (narrativas dos primeiros viajantes, primeiras descrições do Brasil), religião, poesia.
SÉC. XVII	BRASILIANA (viajantes), histórias de missões, expedições científicas, história natural, guerra com os holandeses, conquistas e descobertas.
SÉC. XVIII	BRASILIANA (viajantes), jesuítas, pirataria, história e política, colonização, literatura, história natural, conquistas e descobertas.
SÉC. XIX	BRASILIANA (viajantes, expedições científicas, exploração e corografia das províncias), história (monarquia, rebeliões, abolição da escravidão, Império, República, Guerra do Paraguai), questões de limites de fronteiras, história natural (indígenas), política (relatórios provinciais), gramática, almanaques, periódicos, América Latina).
SÉC. XX	BRASILIANA, tiragens reduzidas, edições esgotadas, obras citadas em repertórios, exemplares especiais, com marcas de propriedade, anotações manuscritas e/ou dedicatórias de pessoas célebres.

Fonte: Bruno, Val e Carvalho (2002).

Coleções Especiais

Coleções especiais em universidades é uma tendência que tem se firmado nas últimas décadas. Como a função das universidades é, além do ensino e a pesquisa, a de reunir fontes primárias de informação (documentos históricos) e obras escassas, isto é, processar obras muito procuradas e difíceis de serem encontradas, o que vêm de encontro aos objetivos das instituições de ensino superior. A missão desses acervos é distinta das demais por causa da natureza dos materiais dessas coleções: trata-se de documentos únicos, escassos, raros, muitas vezes fragilizados, com significado histórico e valor no mercado livreiro, ou valor como artefato. Tais causas afetam diretamente a aquisição e administração desses materiais. A aquisição envolve compras especiais ou negociações com proprietários do acervo, que formaram a coleção ou a herdaram, geralmente por um longo período de tempo, devendo ser conservada para as futuras gerações (BRUNO; VAL; CARVALHO, 2002).

Na Universidade, essas coleções são constituídas por acervos que pertenceram a renomadas personalidades do meio científico ou de destacada atuação na vida acadêmica. Por isso, são consideradas especiais em decorrência do valor do conjunto em seu todo, tendo em vista a trajetória de quem as reuniu, a importância de seu conteúdo ou, ainda, as características de raridade de exemplares que a integram.

- Coleção Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982)
Intelectual brasileiro de renome internacional, historiador, crítico literário, professor de História da Civilização Brasileira na USP.
Acervo: 10 mil volumes na área de Ciências Humanas (História, Literatura e Ciências Sociais) 80% das obras de autores nacionais contêm dedicatórias a SBH. Os livros possuem grifos e anotações marginais.
- Coleção Alexandre Eulálio (1932-1988)
Crítico literário, professor do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem / UNICAMP.

Acervo: 12 mil volumes em Literatura e Artes. Formado por inúmeras e preciosas edições autografadas pelos autores; além de obras na área de História da Arte.

- Coleção Aristides Cândido de Mello e Souza (1885-1942)
Doad a UNICAMP / BC em 1989, pelos filhos, sendo um deles o crítico literário e intelectual Antônio Cândido.
Acervo: 3.500 volumes em Literatura Brasileira, Francesa e Portuguesa. 60% das obras de literatos brasileiros contêm dedicatórias a Antônio Cândido.
- Coleção Peter Eisenberg (1940-1988)
Historiador norte-americano e brasilianista, professor do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH / UNICAMP.
Acervo: 5.500 volumes em História e Ciências Sociais, principalmente sobre Escravidão e Trabalho Livre.
- Coleção José Albertino Rodrigues (1928-1991)
Doad a UNICAMP / BC, em 1992 pelos filhos.
Sociólogo, professor da Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR.
Acervo: 2.083 volumes. Núcleo da coleção abrangendo as áreas de: Trabalho, Sindicato e Economia.
- Coleção Novo Mundo
Doad a UNICAMP / BC, em 1992 pela editora Mapfre, Espanha, por ocasião dos “500 anos do Descobrimento da América”.
Acervo: 243 volumes sobre História da América.
- Coleção de História em Quadrinhos
Gibis das décadas de 60 a 90.
Acervo formado por 8980 gibis, em 160 coleções, com concentração na década de 60.

- **Coleção Cicognara**
Coleção adquirida com recursos FAPESP em 2002, através do projeto temático: Biblioteca Cicognara – A Constituição da Tradição Clássica.
Acervo de 3614 títulos sobre História da Arte nos séculos XV-XIX. Encontra-se em formato de microfichas.
- **Coleção Cesar Lattes (1924-2005)**
Físico e professor do Instituto de Física Gleb Wataghin / UNICAMP.
Acervo: 1.830 volumes, com livros de Física, Matemática, Literatura, (Obras de referência – Enciclopédias).
- **Coleção Mauricio Knobel (1922-2008)**
Médico psiquiatra e professor emérito da UNICAMP.
Acervo: 1370 volumes na área de psiquiatria, psicanálise e psicologia.
- **Coleção Oficina do Livro “Rubens Borba de Moraes”**
A Oficina era uma associação civil, de âmbito nacional e sem fins lucrativos, que tinha por finalidade trabalhar em prol da recuperação e preservação da memória cultural, manifestada através da palavra escrita.
Acervo de aproximadamente 40 mil volumes.

Materiais e Métodos

As ações desenvolvidas na área são: seleção/aquisição, tratamento da informação, divulgação, preservação e acesso.

Seleção/Aquisição

Toda proposta de aquisição de coleções particulares, sugerida pela Universidade deverá ser instruída, segundo a Instrução Normativa DGA nº 51, “[...] que define conceitos, abrangência e estabelece procedimentos para aquisição e recebimento de acervos bibliográficos particulares” (BRUNO; VAL; CARVALHO, 2002), onde constam:

- Avaliação de mérito de acervo particular (livros, folhetos e periódicos) de um grande intelectual brasileiro, reconhecido pela sua contribuição dentro de uma determinada área, pela natureza decisiva de suas pesquisas ou de um campo de estudo de particular importância ou gênero literário. A importância da coleção em nível local e nacional, para a pesquisa e o currículo da instituição, ou para projetos cooperativos;
- Avaliação de itens raros,
- Avaliação de estado de preservação e de custos para conservação, além de espaço físico em condições adequadas e mobiliário específico.

Tratamento da Informação

O setor de Obras raras identifica volumes, páginas, pesquisa marcas ou sinais que caracterizam os volumes raros ou únicos. Gera notas especiais, cataloga e integra ao acervo raro. As pesquisas são feitas através de fontes bibliográficas especializadas existentes na própria coleção de obras raras que também são raras, pouco conhecidas e não são facilmente encontradas. As notas de catalogação de um livro raro são consideradas muito importantes, pois facilitam o trabalho do bibliotecário e oferecem detalhes que satisfazem o interesse bibliográfico do pesquisador.

Pesquisa de raridade

Análise segundo critérios adotados e busca de citações em repertórios de obras raras. Os principais autores de repertórios adotados são: Sacramento Blake, Inocencio, Graesse, Brunet, José Carlos Rodrigues, José Honório Rodrigues, Ramiz Galvão e Rubens Borba de Moraes (VAL; CARVALHO, 2006).

Seleção e identificação de obras raras

O SBU adota os seguintes critérios de raridade: Incunábulo; Materiais impressos até 1720; Materiais impressos na América Latina até 1835; Materiais impressos no Brasil até 1841; Originais;

Obras esgotadas; Primeiras edições de autores literários renomados; Edições especiais, reduzidas, clandestinas, distribuídas pelo autor, de luxo, privativas; Exemplares especiais, com marcas de propriedade, anotações manuscritas e/ou dedicatórias de pessoas célebres.

Outros critérios de raridade, esses institucionais, foram incluídos na avaliação de raridade do SBU:

- Porta-fólios com lâminas soltas; Miniaturas; Folhetos e panfletos; Materiais impressos de movimentos literários ou políticos; Publicações de história local.

Divulgação

A divulgação é feita por meio de folders, exposições e mídias, com o intuito de mostrar o valor histórico, artístico e cultural do acervo e suas especificidades. Participação nos eventos da Universidade, como: Programa Ciência e Arte nas Férias, Universidade de Portas Abertas (UPA), Congresso de Leitura do Brasil (COLE), Programa de Excelência no atendimento ao Cliente (PEAC), Oficina de Ingressantes.

Preservação

A influência de coleções tradicionais, da mesma maneira, pesa em decisões para o desenvolvimento de coleções e para preservação. Coleções historicamente importantes incorporam com frequência um certo número de raridades, de forma que deve ser considerada a necessidade de preservação de suportes, bem como da informação. Como regra geral, essas áreas merecem esforços especiais para sua manutenção. (HAZEN, 2001, p. 12).

O acervo de Coleções especiais e obras raras é composto basicamente por suporte em papel, que requer cuidados especiais de conservação. Para tanto, existe, na Área de Coleções Especiais e Obras Raras da Biblioteca Central, um mini laboratório responsável por avaliar as condições do material bibliográfico, realizando neles intervenções técnicas (pequenos reparos) quando necessário. Os

instrumentos utilizados são específicos para a área, e os materiais empregados em todos os processos são especiais e de reconhecida procedência. Todo o processo de tratamento é realizado por técnicos capacitados e treinados.

Para que os usuários tenham acesso a esses materiais valiosos, muitas vezes há necessidade de copiá-los em outros formatos, o que requer o uso de equipamentos especiais de preservação, uma vez que a fragilidade e o valor da obra requerem atenção quanto ao manuseio e segurança.

Acesso

Devido à natureza diversificada dos materiais e do seu estado de conservação, são aplicadas regras mais rígidas para o uso de alguns itens das coleções especiais.

As condições de consulta e pesquisa são informadas através do Regulamento para uso das Coleções Especiais. O leitor deve ser registrado na sua primeira visita e concordar com o Regulamento. As obras solicitadas são consultadas somente na sala de leitura pois, devido às características peculiares, o acervo não é circulante, ou seja, não há empréstimo entre bibliotecas. As consultas às obras desses acervos são monitoradas por funcionários que trabalham na área.

Resultados

Ao longo dos 30 anos de existência da área de Coleções Especiais e Obras Raras, esses acervos têm proporcionado: suporte à pesquisa da UNICAMP; acesso à informação armazenada e gerada pela universidade; e maior visibilidade aos acervos do SBU, compartilhando-os com toda a comunidade interna e externa.

Considerações finais

Cabe às instituições governamentais salvaguardar nossos bens culturais. A Universidade, inserindo-se no papel de preservacionista e difusora da memória nacional, pode oferecer meios para a criação

de serviços de coleções especiais e obras raras. As instituições detentoras desses acervos buscam tratá-los da melhor maneira possível dentro das suas limitações, no que diz respeito à carência de recursos humanos e financeiros. Embora a gestão de acervos especiais e raros ainda seja uma questão pouco trabalhada em nosso país, os gestores buscam reconhecer o seu valor e a responsabilidade que tem com a questão da preservação, pois reconhecem que esses acervos especiais são importantes para consulta à comunidade. Além disso, constitui-se mais um recurso informacional de extrema importância para a Universidade, pois contribui, por meio da disseminação do conteúdo informacional, de forma decisiva para a produção de novos conhecimentos nas áreas afins, estimulando a pesquisa e, conseqüentemente, o resgate da memória.

REFERÊNCIAS

BRUNO, S. L.; VAL, M. R. da S. R.; CARVALHO, T. C. O. N. de. Política de organização de acervos raros e especiais da área de Coleções Especiais e Conservação da Biblioteca Central da UNICAMP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO; ENCONTRO NACIONAL DE ACERVO RARO, 6., 2002, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2002. 1 CD-ROM.

CARVALHO, T. C. O. N.; VAL, M. R. S. R. do; BRUNO, S. L. A Biblioteca de Sergio Buarque de Holanda. **Ethnos do Brasil**, São Paulo, v.1, n.2, p.17-20, set. 2002.

HAZEN, D. C. Desenvolvimento, gerenciamento e preservação de coleções. In: HAZEN, D. C. et al. **Planejamento de preservação e gerenciamento de programas**. Rio de Janeiro: Projeto de conservação preventiva em bibliotecas e arquivos: Arquivo Nacional, 2001. p.7-15.

NEUMANN, V. C. Bibliotecas particulares de intelectuais brasileiros: um tesouro desconhecido: descrição de situação da Universidade Estadual de Campinas (Brasil) e na Catholic University of América (Estados Unidos). **Revista Interamericana de Bibliografia = Inter-American Review of Bibliography**, Washington, v.45, p.585-603, 1995.

PINHEIRO, A. V. da P. **Que é livro raro?** Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença edições; Brasília: INL, 1989.

VAL, M. R. da S. R.; CARVALHO, T. C. O. N. de. Identificação e divulgação do acervo raro da Biblioteca Central Cesar Lattes/UNICAMP. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS: INTEGRAR, 2., 2006, São Paulo. **Resumo dos trabalhos apresentados...** São Paulo: FEBAB, 2006. p.335.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN BBM – USP

Cristina ANTUNES

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP), criada em janeiro de 2005, para abrigar a coleção brasileira reunida ao longo de 80 anos pelo bibliófilo José Mindlin, e doada à Universidade de São Paulo por Mindlin e sua mulher, Guita. É formada por um expressivo conjunto de livros, folhetos e documentos, impressos e manuscritos, que totaliza, aproximadamente, 32.200 títulos reunidos em cerca de 60 mil volumes – a maioria deles raros e especiais, razão pela qual a BBM não é uma biblioteca circulante. As obras contidas na BBM abrangem diversas áreas dos estudos brasileiros, tais como literatura, história, relatos de viagens, livros científicos e didáticos, além de incluírem também obras de referência e periódicos. Inaugurada em março de 2013, a Biblioteca situa-se em um edifício especialmente construído para alojar seu acervo e contendo toda a estrutura necessária para o seu pleno funcionamento.

Fotografia 1 – Visão da BBM



Fonte: Acervo particular.

Fotografia 2 – Rampa de acesso da BBM



Fonte: Acervo particular.

O que é uma biblioteca brasileira?

De acordo com Rubens Borba de Moraes, uma coleção brasileira reúne livros sobre o Brasil, escritos por autores estrangeiros, impressos dentro e fora de nossas fronteiras, bem como livros de autores brasileiros, impressos no Brasil e no exterior.

As vertentes da Biblioteca

A Biblioteca abriga obras de História (incluindo Escravidão, Guerra do Paraguai, Província Cisplatina, Guerra de Canudos, Maçonaria, Imigração, Questões de limites, Jesuítas e outras ordens religiosas, Legislação, entre outras), Viagens, Literatura, Índios, História natural (incluindo Botânica, Zoologia e Agricultura), Medicina, Arte (incluindo Arquitetura e Fotografia), Sociologia, Folclore e Música, além de obras de referência e sobre conservação, encadernação e restauro.

Estas obras formam vários conjuntos expressivos, como por exemplo:

- A produção da Tipografia do Arco do Cego (José Mariano da Conceição Veloso);
- Obras da Imprensa Régia e de todas as primeiras tipografias brasileiras;
- Legislação (decretos, alvarás, cartas régias);

- Jornais e revistas desde o século XIX até os dias de hoje;
- Almanagues de vários estados brasileiros;
- Obras de jesuítas e outras ordens, incluindo catecismos, sermões, etc.;
- Documentação referente à Província Cisplatina;
- Obras sobre a Guerra do Paraguai;
- Obras sobre a Escravidão;
- Obras sobre a Imigração;
- Obras sobre a Maçonaria;
- Obras sobre Índios;
- Obras sobre as exposições universais;
- Obras sobre Culinária;
- Agricultura, botânica, zoologia;
- Literatura brasileira desde o século XVIII até os dias de hoje.

Tipos de documentos da Biblioteca

O conjunto das obras da Biblioteca constitui diferentes tipos de documentos que, a grosso modo, podem ser agrupados nas seguintes categorias:

- Manuscritos históricos: o mais antigo deles é o *Regimento que levou Christovão de Barros quando foi por Capitão Mór de tres Naus que forão pera o Brasil [...]*. (BARROS, 1566), com um alvará do Cardeal Dom Henrique, ordenando a ida de três navios em auxílio de Estácio de Sá, para defender a povoação do Rio de Janeiro; outro exemplo de manuscrito de fundamental importância é o *Roteiro geral com largas informações de toda a Costa que pertence ao estado do Brasil, e a descrição de muitos lugares dessa especialmente da Bahia de todos os Sanctos*, de Gabriel Soares de Souza, escrito em 1587 (SOUZA, 1587);
- Originais de obras literárias manuscritas ou datiloscritas: um exemplo de obra manuscrita são os dois volumes das *Obras do Padre Antônio Vieira* (VIEIRA, 17-); um exemplo de obra datiloscrita são os originais de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (20-);

- Edições de tiragens limitadas e numeradas;
- Folhetos;
- Periódicos (jornais e revistas);
- Correspondência;
- Fotografias avulsas e álbuns;
- Edições correntes raras ou não.

O livro *Itinerariū portugallensīū*, de Fracanzano Montalboddo, datado de 1508, é a obra mais antiga da BBM. Trata-se de uma coletânea de viagens cuja primeira edição saiu em italiano em 1507, contendo a primeira referência à viagem de Cabral ao Brasil. O livro teve muito sucesso, com várias edições publicadas até 1521. A Biblioteca tem a primeira edição em latim, publicada em Roma em 1508 e a edição mais completa em italiano, publicada em 1521, com o título da edição original: *Paese nuovamente ritrovavati* (MONTALBODDO, 1521).

Figura 1 – Montalboddo – *Itinerariū portugallensīū*



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Um outro exemplo de edição bastante rara existente na Biblioteca é o primeiro livro europeu sobre o Brasil, que vem a ser a obra de

Hans Staden, aventureiro mercenário alemão, que foi prisioneiro dos índios tupinambá durante nove meses. Publicado em Marburg, em 1557, tem o título de *Warhaftig Historia vnd beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, [...]*, traduzido como *História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos [...]*.

Figura 2 – Hans Staden – *Warhaftig Historia*



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Nosso exemplar do livro de Hans Staden tem duas características especiais: a primeira é a sua encadernação em couro de porco com enfeites em relevo, que é contemporânea ao livro e com a data gravada na capa; a segunda é que o livro está encadernado com três belos romances de cavalaria alemães do século XVI, que não são considerados obras da “Brasiliana”.

Figura 3 – Três romances de cavalaria encadernados com o livro de Hans Staden



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

O primeiro romance contém uma narrativa e aventura de viagem em vários países; o segundo contém a história de um aventureiro e conquistador na Venezuela e Colômbia; e o terceiro narra a história de um soldado que foi feito prisioneiro pelos turcos por 30 anos. A Biblioteca também possui uma outra edição desta obra de Staden, feita em Frankfurt, no mesmo ano de 1557. No entanto, como o tipógrafo não possuía as pranchas das xilogravuras de Staden, a obra foi ilustrada com as gravuras da viagem de Varthema ao Oriente, sem qualquer relação com o Brasil ou com nossos índios.

A Biblioteca Rubens Borba de Moraes

Importante intelectual e o mais destacado estudioso da bibliografia sobre o Brasil, Rubens Borba de Moraes deixou em testamento sua biblioteca de 2.300 obras ao casal Mindlin após seu falecimento, em 1986. Para José Mindlin, o bibliófilo deixou sua biblioteca Brasileira composta por livros, documentos e manuscritos, que cobrem um período que vai desde o século XVII até meados do século XX. Entre outras coisas, a coleção contém as principais obras da Imprensa Régia, bem como obras do Arco do Cego, de literatura brasileira, de medicina, de legislação portuguesa e brasileira,

sermões e orações e também algumas obras editadas por Rubens no século XX. Além disso, como o bibliófilo participou da Semana de Arte Moderna, seu acervo possui também as primeiras edições do Modernismo brasileiro, com dedicatórias. Praticamente todos os livros estão encadernados, muitos deles com fabulosos exemplos de encadernações coloniais e imperiais brasileiras, como podemos ver abaixo:

**Figura 4 – Encadernações imperiais da
Coleção Rubens Borba de Morais**



Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

As instalações da BBM

Os livros estão acondicionados em 3 andares que chamamos de anéis – apesar de eles serem quadrados –, e podem ser vistos a partir do térreo, onde fica situado o saguão da biblioteca. São armazenados em estantes de metal sem portas, instaladas no interior dos anéis, e que obedecem aos seguintes critérios:

- Todas as portas de acesso são ativadas por controle biométrico (acesso restrito apenas aos bibliotecários e curadores);
- Todos os ambientes são climatizados;
- A umidade relativa gira em torno de 50 a 60%;
- A temperatura varia entre 20-22 graus;
- Todos os vidros têm filtros de UV;
- A iluminação nos anéis é de 50 lux;
- Há *breezes* no vão central do teto para a filtragem da luz solar;
- Cada andar dos anéis possui 4 esterilizadores de ar.

**Fotografia 3 – Visão dos
anéis a partir do térreo**



Fonte: Acervo particular.

**Fotografia 4 – Visão do
interior dos anéis**



Fonte: Acervo particular.

Os livros em grandes formatos estão acondicionados na mesma sala, contígua aos anéis, onde trabalham os bibliotecários, e que contém estantes especiais nas quais os livros *in folio* são guardados, na posição vertical ou em prateleiras deslizantes na horizontal. Por esta sala, tem-se acesso aos três andares de anéis e ao subsolo, onde se encontra a Reserva Técnica. Contando com elevador privativo, além das escadas, trata-se de um ambiente cujo acesso é restrito e controlado por meio de cartões magnéticos. Sua climatização obedece aos mesmos índices dos anéis, diferindo somente na intensidade da iluminação.

**Fotografia 5 – Estantes
verticais de grandes formatos**



Fonte: Acervo particular.

**Fotografia 6 – Estantes
horizontais deslizantes**



Fonte: Acervo particular.

A Reserva técnica e o Arquivo da BBM

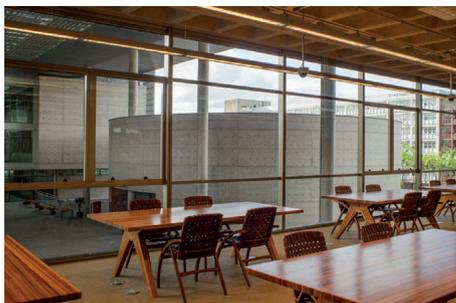
A BBM possui uma reserva técnica com área suficiente para armazenar mais 90.000 volumes. Nesta reserva técnica também estão abrigados, em estantes deslizantes, os nove fundos de arquivo existentes na BBM, a saber: Cunha de Leiradela; Francisco de Assis Barbosa; João Etienne Filho; José Mindlin; Guita Mindlin; Rubens Borba de Moraes; Zila Mamede; Erthos Albino de Souza; e Vicente do Rego Monteiro.

O usuário da BBM

O usuário da BBM geralmente tem o perfil do pesquisador especialista ou do aluno de pós-graduação, seja brasileiro ou estrangeiro; já os alunos de graduação compõem à Biblioteca em menor número.

A consulta das obras do acervo é feita exclusivamente na Sala de Leitura Rubens Borba de Moraes, ambiente que é monitorado por câmeras focalizadas em todas as mesas e que conta com a presença permanente de uma bibliotecária ou assistente. Os livros são retirados dos anéis pelas bibliotecárias e encaminhados ao pesquisador, sempre em número máximo de três obras por vez.

Fotografia 7 – Sala de Leitura Rubens Borba de Moraes



Fonte: Acervo particular.

O Gerenciamento de riscos

Nossa política de segurança e proteção do acervo da Biblioteca envolve o controle de acesso ao edifício e ao acervo físico, dentro e fora das áreas de guarda das obras. Isso é feito mediante as seguintes ações:

- equipe de segurança 24 horas;
- sistema de monitoramento por câmeras de todo o edifício;
- controle de acesso ao interior do edifício feito por seguranças e recepcionistas;
- controle de elevadores e portas por cartão magnético, com níveis diferenciados de acesso;
- controle biométrico restrito nas entradas dos anéis onde está localizado o acervo;
- controle de incêndio com sensores de detecção e sistema de tubo seco.

Política de Preservação e Conservação da Biblioteca – Salvaguarda X Acesso

Vemos a preservação como um conjunto de medidas e estratégias administrativas, políticas e operacionais que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais do acervo. Por sua vez, a conservação viria a ser o conjunto de melhorias do meio ambiente e dos meios de armazenagem e proteção que visam retardar a degradação dos materiais do acervo.

Para o desenvolvimento de um programa de preservação e gerenciamento do acervo, é fundamental que o gestor, seja ele bibliotecário ou curador, tenha:

- conhecimento detalhado do acervo, da história do livro e das bibliotecas e do que é um livro raro;
- conhecimento técnico referente à área de preservação e dos mecanismos de ação dos chamados agentes de deterioração.

As principais ações que desenvolvemos na BBM para implementar uma política de conservação envolvendo atividades que evitem, retardem e minimizem a degradação do acervo são:

- implantação de um laboratório de conservação preventiva e pequenos reparos;
- acondicionamento adequado dos diferentes tipos de materiais;
- higienização do acervo;
- orientação aos usuários e funcionários sobre o manuseio do acervo;
- monitoramento das condições climáticas e ambientais as áreas de acervo e das áreas internas e externas do edifício.

Além disso, as principais ações para implementar uma política de preservação garantindo, ao mesmo tempo, o acesso, a salvaguarda e a sobrevivência do acervo, minimizando os riscos, são:

- implantação de um laboratório de digitalização;
- criação de uma Biblioteca Digital;
- pesquisa, avaliação, análise e diagnóstico do acervo, a fim de fundamentar a negociação para prover sua integridade e desenvolvimento.

Conclusão

Uma biblioteca de obras raras e especiais dentro da universidade não tem a mesma missão que uma biblioteca universitária, embora também deva prover informação e acesso ao conhecimento. Difere das coleções gerais por ser constituída de obras que, em princípio, não podem ser adquiridas, substituídas ou descartadas.

Seus acervos datam de épocas remotas, mas o compromisso de mantê-los acessíveis a usuários no tempo presente e, por extensão, projetá-los no futuro, torna a tarefa de gerir essas bibliotecas complexa, delicada e até mesmo conflitante, embora fascinante.

A Biblioteca, conforme reza seu regimento, tem o compromisso de conservar, divulgar e facilitar o acesso de estudantes, de pesquisadores e do público em geral ao seu acervo, além de promover a

disseminação de estudos sobre assuntos brasileiros por meio de programas e projetos específicos, tornando-se um órgão de integração de diversas iniciativas acadêmicas e de interesse intersectorial e transdisciplinar.

Em vista disso, era fundamental promover a institucionalização da BBM, providenciando-se uma série de medidas e procedimentos, ainda em fase de finalização, tais como: a fixação de normatizações para o atendimento ao usuário da biblioteca; a instauração de protocolos para o laboratório de conservação; o estabelecimento de protocolos para o laboratório de digitalização; a definição de protocolos para o uso dos espaços expositivos; e, por fim, a promoção de discussão para a criação de um Regulamento Interno e para a revisão do Regimento Interno da BBM.

O desafio de inserir a BBM no mundo acadêmico-cultural, tornando a biblioteca um ambiente de discussão, pesquisa e convivência, nos levou a fomentar a pesquisa no acervo através dos programas de Chamada de Pesquisadores e do Edital de Residência em Pesquisa (ver informações no site); ampliar o acesso digital ao acervo proporcionando maior número de obras digitalizadas e com melhor qualidade; e assegurar a continuidade dos programas de eventos com a realização de Exposições nas Salas Multiuso e BNDES, dos Colóquios Mindlin, de Cafés Acadêmicos, além de uma agenda chamada “Música na BBM”, desenvolvida em parceria com a OSUSP (Orquestra Sinfônica as USP), com concertos semanais ao meio-dia das quintas-feiras.

Consulta ao acervo físico da BBM:

www.dedalus.usp.br

Informar palavra ou expressão	
Campo para busca	Todos os campos ▼
Palavras adjacentes?	<input checked="" type="radio"/> Não <input type="radio"/> Sim
Base para busca	Biblioteca Brasileira Mindlin ▼

Consulta ao acervo digital da BBM:

Biblioteca Brasileira Guita e José **Mindlin**

www.bbm.usp.br

Digite sua busca	Acervo Digital ▼	Buscar
------------------	------------------	--------

www.dedalus.usp.br dedalus.usp.br

REFERÊNCIAS

BARROS, C. de. **Regimento que levou Christovão de Barros quando foi por Capitão Mór de tres Naus que forão pera o Brasil [...]**. Lisboa: [s.n.], 1566. Manuscrito.

MONTALBODDO, F. **Paese nuovamente ritrovavati per la navigazione di Spagna in Calicut. Et da Albertutio Vesputio Fiorentino intitolato Mondo Novo**. Veneza: Zorzo de Rusconi, [1521].

_____. **Itinerariū portugallensiū e Lusitania in India & in de in Occidentem & demun ad aquilomem**. [S.l.: s.n., 1508].

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. [S.l.: s.n, 20-]. Datiloscrito com correções manuscritas.

SOUZA, G. S. de. **Roteiro geral com largas informações de toda a Costa que pertence ao estado do Brasil, e a descrição de muitos lugares dessa especialmente da Bahia de todos os Sanctos**. Madrid: s.n, 1587. Manuscrito.

STADEN, H. **Warhaftig Historia vnd beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, [...]**. Marpurg: Andress Kolben, uff Fastnacht, 1557.

_____. **Warhaftig Historia vnd beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, [...].** Frankfurt am Mayn: Schnurgassen zum Krug, [1557].

VIERA, A. **Obras do grande Padre Antonio Vieyra da Comp. de Iesu.** Lisboa: s.n., [17-]. 2 v. Manuscrito.

BIBLIOTECA DIGITAL E O PROGRAMA MEMÓRIA SOCIAL DA UNESP

Tania Regina de LUCA

Em fins de 2008, depois de longas discussões em todos os órgãos colegiados, a Unesp estabeleceu o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que explicita a missão da instituição, sua visão de futuro e desafios, bem como objetivos e ações a serem implementadas em diferentes dimensões: ensino de graduação e de pós-graduação, pesquisa, extensão, gestão. No ano seguinte, constituiu-se a Comissão Permanente do PDI, com objetivo de contribuir para tornar efetivos os anseios da comunidade, tal como consignados no documento. Organizaram-se, então, os primeiros Programas PDI, sob a responsabilidade das diferentes pró-reitorias.

É importante ter presente o que se entende por programa, uma vez que se trata de termo consagrado e que há muito é utilizado na instituição. A formulação de um Programa PDI prevê, como passo inicial, um diagnóstico cuidadoso, capaz de indicar o(s) desafio(s) que deve(m) ser enfrentado(s), sempre tendo em vista a missão que a instituição deseja cumprir. É essa análise que subsidia o estabelecimento de um conjunto de ações, com suas respectivas metas, tendo em vista enfrentar a questão e, se não resolvê-la por completo, caminhar no sentido de minorar seus efeitos deletérios. É importante que os resultados sejam acompanhados, de modo a permitir a avaliação permanente da pertinência das medidas adotadas e, se for o caso, proceder a correções de rota e mesmo rever o diagnóstico inicial,

sempre tendo em vista obter os melhores resultados dos recursos aportados nos diferentes programas.

A metodologia adotada inspira-se nas práticas de governos e instituições internacionais. No caso brasileiro, é tarefa do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão elaborar procedimentos desta natureza, razão pela qual o órgão disponibilizou no seu sítio a publicação intitulada *Indicadores de Programas: Guia Metodológico* (BRASIL, 2010) que, de forma esquemática, sintetiza os conceitos delineados acima, conforme se observa na figura abaixo:

Figura 1 – Conceituação de programa



Fonte: Brasil (2010, p.18).

Foi justamente em 2009, momento em que eram organizados os primeiros Programas PDI, que chegaram à Comissão solicitações provenientes do Centro de Documentação e Memória (CEDEM/São Paulo), do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP/Assis), do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (CEDAPH/Franca) e do Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical Florestan Fernandes (CEMOSi/Presidente Prudente), os dois primeiros já integrados à estrutura administrativa da Unesp e os últimos ainda sem pertencer ao seu organograma, mas que prestam relevantes serviços no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão em suas unidades. Ao lado de necessidades específicas, em comum havia a demanda por aquisição de equipamentos (digitalizadoras, computadores), licenças de softwares, preocupação com a preservação e organização de acervos físicos, bem como sua disponibilização e guarda em meio digital. Contudo, iniciar a digi-

talização de coleções significa, antes de tudo, garantir espaços em páginas e servidores, ter *storages* e cópias de segurança, selecionar materiais e estabelecer rotinas, enfim delinear um projeto de longo prazo e assegurar recursos.

A Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB), por sua vez, igualmente tinha em vista ações semelhantes de digitalização, uma vez que as bibliotecas da universidade dispõem de um rico conjunto de obras, editadas antes de 1923, ou seja, que já estão livres de direitos autorais pelas leis vigentes. Entretanto, nem todos os livros estavam incorporados à base de dados, o que implicava no desafio de proceder à catalogação um conjunto significativo e avaliar sua relevância para compor uma biblioteca digital.

Cabe lembrar que a preservação de documentos, independente do suporte e natureza, conta com regras estabelecidas pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARq) e que a universidade deve ter em vista quando se trata de levar a cabo suas próprias iniciativas nesse campo. Para enfrentar esses desafios, complexos e diferenciados, foi instituído o Programa PDI Preservação da Memória Social, que deveria delinear uma política de preservação, além de oferecer suporte aos centros de documentação. Vinculado diretamente à Vice-Reitoria da Unesp, o Programa é gerido, desde fevereiro de 2011, por Comissão Permanente, que acolhe propostas da comunidade, sugere e coloca em prática ações nesse campo. No presente texto, a ênfase recai apenas sobre as ações relativas à Biblioteca Digital, uma vez que o escopo do Programa é mais bem mais amplo.

Desde as primeiras reuniões, ficou evidente que a Unesp tinha várias iniciativas importantes de digitalização, a exemplo dos esforços empreendidos pelo CEDEM que, de maneira artesanal, fotografava documentos e os disponibilizava para seus consulentes, ou dos efetuados pelo CEDPH (Franca), então o único a dispor de uma potente máquina de digitalização e desenvolver parcerias com a comunidade local.

A comissão começou por disponibilizar equipamentos de pequeno e médio porte para os Centros, de forma a atualizá-los minimamente do ponto de vista tecnológico, e traçar estratégias para a composição do acervo da Biblioteca Digital. Alguns parâmetros básicos foram estabelecidos. Em relação às bibliotecas, iniciou-se um processo de

levantamento das obras livres de direitos autorais, de modo a se estabelecer uma lista completa de tudo o que foi editado antes de 1923. De fato, o que se obteve foram resultados parciais, pois em várias bibliotecas havia um rol importante de obras aguardando catalogação. É certo que as aquisições mais recentes, diretamente ligadas às atividades de ensino e pesquisa, acabavam por receber maior atenção, o que fez com que o material retroativo ficasse à espera de descrição. Em algumas situações, tratava-se de doações, recebidas há bastante tempo e que permaneciam ao largo do catálogo.

Frente a essa situação, que não comportava solução de curto prazo, optou-se por trabalhar com a lista disponível e desenvolver ações conjuntas com a CGB para, de fato, incorporar à base de dados todos os livros existentes nas bibliotecas, para o que foram destinados recursos em Programa PDI, específico da CGB, uma vez que a Coordenadoria julgou essencial resolver o problema das salas, cantos e quartos nos quais jaziam pilhas de livros à espera de leitores.

Ainda no que concerne aos livros, encontra-se no CEDEM a biblioteca que pertenceu a Lívio Xavier (FERREIRA, 201-), importante intelectual, advogado, jornalista, militante de esquerda e bibliófilo, adquirida pela Unesp em 2002 e composta de 4038 volumes, não disponíveis para consulta e tampouco descritos no catálogo da universidade. Foram identificados 441 títulos livres de direitos autorais, muitos dos quais primeiras edições de obras filosóficas e literárias, que permaneciam praticamente inacessíveis. Esse conjunto foi catalogado, o que significa que se tornou público, ou seja, pode ser localizado por qualquer consulente que acesse a base de dados das bibliotecas, e foi digitalizado.

Entretanto, há uma grande distância entre alterar o suporte e formar uma biblioteca digital. A diversidade do material disponível, que vai da Botânica à Filosofia, da Odontologia à História, implicava em organizá-lo em coleções, de modo a lhes conferir sentido. Cada coleção assim formada é única, no sentido de constituir um conjunto específico, cujas obras ganham sentido justamente porque são relacionadas de uma maneira particular. Disponibilizar é certamente importante, mas é preciso fazê-lo de modo a constituir unidades de sentidos, que configurem, de fato, uma Biblioteca Digital.

Tendo em vista esse desafio, as obras digitalizadas, sejam as provenientes das bibliotecas da Unesp ou as que pertenceram a Lívio Xavier, estão sendo organizadas em coleções. Aqui fica evidente a particularidade do meio digital, que permite manter os livros do bibliófilo como um conjunto e, ao mesmo tempo, distribuí-lo por outras coleções, pluralizando as entradas e ampliando as opções de escolha dos consulentes.

É certo que delinear as coleções e estudá-las está muito além do escopo da comissão gestora, uma vez que demanda o olhar e a participação de especialistas. Assim, a solução foi recorrer a editais públicos, dirigidos aos professores da universidade, que têm por meta a análise acurada das obras passíveis de digitalização, sua organização em conjuntos e a justificação da relevância não só do todo, mas também de cada um dos títulos. Veja-se, por exemplo, o caso dos Dicionários e Gramáticas, espalhados pelas várias bibliotecas da UNESP e que foram digitalizados e integralmente disponibilizados. Trata-se de obras publicadas entre 1793 e 1922, de grande valor para a história das línguas, a Linguística e a Lexografia, dotadas de verbetes individuais, escritos por especialista, que evidenciam a importância e representatividade do que se oferece ao público no sítio (PROGRAMA..., 201-).

O envolvimento não se limita aos professores, uma vez que o edital abre a possibilidade de o docente contar com a participação de um aluno de graduação, aspecto que merece destaque, uma vez que não se perde de vista o processo de formação dos estudantes. Assim, se o objetivo final é o acesso, em outros termos, a extensão para a sociedade de acervo bibliográfico, o processo prevê a produção de conhecimento e a formação, num círculo virtuoso, em consonância com os objetivos e missão inerentes à universidade.

O trabalho relativo aos livros por certo deverá se estender por vários anos, até que se tenham organizado e dado o acesso a todas as obras pertencentes às bibliotecas da Unesp. Mesmo depois de finda esta etapa, sempre será possível propor outros recortes e novas coleções, sem esquecer que novas obras poderão ser incorporadas, tendo em vista a liberação de direitos autorais.

Graças ao acordo selado com o Arquivo do Estado de São Paulo, foi possível disponibilizar os noventa e cinco volumes que compõem

os *Documentos interessantes para a história e costumes de São Paulo*, pertencentes, em sua maioria, à biblioteca do campus de Franca. Trata-se de uma das mais importantes coleções de documentos administrativos para os estudiosos da História do Brasil colonial e da História de São Paulo, que agora estão acessíveis por meio de busca integrada, graças ao trabalho desenvolvido pela professora Denise Moura (UNESP/Franca) e seus alunos de graduação, que participaram da concepção e do processo de desenvolvimento do sistema (MOURA, 201-). Esse material, juntamente com o acervo da Fazenda Lajeado, estação experimental de café cuja documentação, que inclui relatórios oficiais de pesquisa e produção, aquisições de maquinários, fotos, boletins agronômicos, boletins e relatórios do Ministério da Agricultura, além de documentos avulsos de diversas procedências, pertencente à UNESP (ACERVO..., 201-), constituem a rubrica História de São Paulo que, como se observa, reúne materiais de natureza bastante variada.

Ainda tendo como foco o Estado de São Paulo, a Biblioteca Digital acolheu a rubrica Mapas de São Paulo que, no momento, é constituída pelo *Atlas de sensibilidade ambiental ao óleo* (DIAS-BRITO et al., 2014), trabalho desenvolvido por grupo de professores do Departamento de Geografia de Rio Claro, composto por 128 cartas que analisam diferentes segmentos do litoral paulista.

Exceção feita ao Cedem, os Centros de Documentação não possuem livros, razão pela qual as atividades estão concentradas nos acervos de periódicos que tanto o Cedap (Assis) quanto o Cedem possuem. Para dar início a esse trabalho de organização de uma hemeroteca no interior da Biblioteca Digital (HEMEROTECA, 201-), decidiu-se abrir uma frente intitulada periódicos paulistas que, como o nome bem indica, reúne o que foi publicado no Estado de São Paulo e que pertencem, estão sob a guarda ou foram adquiridas da Biblioteca Nacional (que autorizou sua disponibilização), além de alguns títulos pertencentes à Biblioteca Mário de Andrade que, por meio de acordo, permitiu a digitalização de microfilmes de jornais paulistas e sua divulgação no sítio da UNESP (PERIÓDICO..., 201-).

Ainda no interior de jornais paulistas, mas com a especificidade de ser formada por títulos publicados em São Paulo em língua

estrangeira, a hemeroteca disponibiliza uma primeira coleção, da comunidade alemã, composta pelos jornais *Germania* (1880-1922), *Deutsche Zeitung* (1906-1919) e *Deutscher Morgen* (1932-1941), porta voz do nazismo no Brasil, pertencentes ao Instituto Martius-Staden (GERMANIA..., 201-). A parceria com o Instituto e a disponibilização dos títulos contou com o reconhecimento oficial dos responsáveis pelo Ano da Alemanha no Brasil, cujo selo pode ser utilizado no sítio da Biblioteca Digital. Além do interesse para os que estudam a imigração, tão importante para o Estado e a cidade de São Paulo, e as questões identitárias, o material também é relevante para pesquisadores e estudantes dos cursos de Letras e Literatura, além de interessar aos que se debruçam sobre a conturbada década de 1930 e os anos iniciais da Segunda Guerra.

A hemeroteca contempla coleções únicas, como a intitulada *Canto Libertário*, doada ao Cedap (Assis) em 1992 por Jaime Cubeiro e Edgard Rodrigues, dirigentes do *Centro de Memória Social*, composta de jornais, revistas, boletins, informativos e outras publicações periódicas, produzidos por correntes de pensamento libertário, nacional e internacional, desde as primeiras décadas do século XX, perfazendo um rico conjunto, agora acessível para os interessados na história das esquerdas, do movimento operário e do pensamento político (CANTO..., 201-). Cabe ressaltar o envolvimento dos alunos, coordenados pela Professora Zélia Lopes da Silva, que contam com bolsas para participar de todas as fases do projeto, passando pela digitalização e descrição do material, o que contribui para a formação e o conhecimento de procedimentos que envolvem a preservação e também a análise de documentos históricos. O Cedap, atualmente instalado em prédio adequado e com todas as condições de infraestrutura, recebeu significativos aportes da Fapesp e conta com equipamentos dos mais modernos e sofisticados para digitalização de material em suporte papel e microfilme.

A hemeroteca também abriga a coleção completa de publicações da universidade: *Jornal da Unesp*, *Unesp Ciência*, *Unesp Informa* (PUBLICAÇÕES..., 201-), num trabalho conjunto com a Assessoria de Imprensa da instituição. Esse material tem sido de fundamental importância para outra ação do Programa Preservação da Memória Social, que está, com a participação de alunos e a coordenação da

Professora Telma Campanha de Carvalho Madio (Unesp/Marília), organizando, identificando e catalogando todo o acervo iconográfico produzido pela universidade, passo essencial para futuras análises sobre a sua trajetória.

Já a rubrica música, reúne a coleção do maestro Furio Franceschini (1880-1976), adquirida pela UNESP em 1979, é composta por partituras para canto coral, para órgão e orquestra, manuscritos como composições, arranjos e transcrições, métodos para estudo de órgão, improvisação e acompanhamento, além de textos didáticos sobre análise musical, contraponto, harmonia. O material que está livre de direitos autorais foi disponibilizado no sítio, juntamente com um trecho do áudio em formato MID, gravado em teclado digital, o que foi possível graças ao apoio obtido junto à Fapesp (SOBRE..., 201-).

Dar acesso a esse material exige um longo trabalho. Há aspectos ligados à preservação das matrizes, produzidas em conformidade com as normas do CONARQ,¹ arquivos pesados e que precisam ser armazenados em *storages* de grande porte e contar com cópias de segurança. A comissão obteve a permissão para depositar o material no GridUnesp, que se constitui numa das maiores estruturas dessa natureza na América Latina, o que permite ter segurança em relação à sua preservação contínua. Feita a digitalização e armazenada a matriz, é preciso produzir uma versão em qualidade menor, de modo a disponibilizá-la no sítio. Aliás, foi necessário criar, na página da universidade, um espaço para a Biblioteca Digital e também decidir quanto à forma de disponibilização do conteúdo. Da utilização inicial do *Digitool*, programa caro e, por ser *software* proprietário, nem sempre adequado às necessidades e cujas adequações demandavam custo adicional e longo tempo, passou-se para o *D Space*, sem custos, com possibilidades de alterações pelos próprios usuários e que tem sido

¹ Como bem esclareceram Freitas e Knauss (2009, p.12): “A Lei Federal nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados, estando amparada no preceito constitucional que consta do parágrafo nº 2, inciso V, artigo nº 216 da Constituição de 1988, que determina à administração pública a gestão da documentação produzida pelo governo, sendo sua responsabilidade franquear a consulta. O artigo nº 26 desta mesma Lei Federal cria o Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ. Assim, fica identificado o órgão responsável pela definição de normas técnicas e pelo estabelecimento de diretrizes para o funcionamento do Sistema Nacional de Arquivos visando à gestão e a preservação de documentos.”

utilizado pelas bibliotecas desse gênero em todo o mundo. Entretanto, antes de colocar o material no sítio, é preciso produzir metadados, de modo a permitir a recuperação da informação. Cumpridos esses aspectos, que poderiam ser considerados mais técnicos, adentram-se em questões acadêmicas, relacionadas à organização de coleções, o que exige a participação de especialistas.

A Biblioteca Digital da Unesp está em fase de implantação e, como se procurou evidenciar, a comissão responsável pelo projeto já estabeleceu algumas das diretrizes básicas que envolvem ações desta natureza, sejam elas técnicas, muitas das quais estão regradas pelo CONARQ, ou intelectual. No que se refere ao último aspecto, importa destacar que a decisão de trabalhar com coleções, independente do tipo de material incorporado à biblioteca. Essas são entendidas como conjuntos dotados de sentidos, que precisam ser explicitados e justificados, uma vez que não se trata apenas de digitalizar, aliás, o aspecto mais fácil de ser resolvido, tendo em vista a capacidade crescente das máquinas e sua impressionante rapidez. A paciente tarefa de produzir os metadados e de organizar o que é produzido em suporte digital constitui-se no real desafio.

Outro aspecto importante é a incorporação de docentes e discentes da universidade, num esforço coletivo para colocar à disposição, de todos os que acessam o sítio da Unesp, o rico material que a instituição possui em suas bibliotecas e centros de documentação. Ao dar a conhecer esses acervos, além de cumprir a importante função social de democratizar o acesso ao conhecimento, abre-se a oportunidade de se produzir novas pesquisas e conhecimentos, sem esquecer a relevante contribuição para a formação dos discentes que participam do projeto, integrando ensino, pesquisa e extensão.

É fato que a constituição de uma biblioteca é uma aventura, as escolhas, os arranjos dos materiais, a forma de dividi-los e organizá-los dependem dos seus responsáveis. No seu instigante *A biblioteca à noite*, Manguel (2006, p.163) assinala que “[...] o que torna uma biblioteca um reflexo de seu proprietário não é apenas a seleção dos títulos, mas a trama de associações implícita na seleção.” Para as instituições, constituídas enquanto bem público e que estão muito além do âmbito privado, a mesmo autor lembra que “[...] não é absurdo supor que [...] a identidade de uma sociedade ou de uma nação possa

ser espelhada por uma biblioteca, por uma reunião de títulos que, em termos práticos ou simbólicos, faça às vezes de definição coletiva.” (MANGUEL, 2006, p.241). É o que se espera da nascente Biblioteca Digital da Unesp, que siga como fruto do trabalho de muitos, plural, diversa e polifônica, uma aposta que se abre para o futuro.

REFERÊNCIAS

ACERVO histórico: fazenda Lageado. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. [S.l.: s.n., 201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/114>>. Acesso em: 14 maio 2014.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos - SPI. **Indicadores de programas**: guia metodológico. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://ape.unesp.br/pdi/execucao/guiametodologico.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2014.

CANTO libertário. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. [S.l.: s.n., 201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8051>>. Acesso em: 18 maio 2014.

DIAS-BRITO, D. et al. Atlas de sensibilidade ambiental ao óleo. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. Rio Claro: Unesp, 2014. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26089>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

FERREIRA, A. C. Livio Xavier: sobre o acervo. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. São Paulo: Unesp, [201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/42>>. Acesso em: 12 maio 2014.

FREITAS, C.; KNAUSS, P. Usos eletrônicos do passado e política de arquivos. **Patrimônio e Memória**, Assis, v.4, n.2, p.3-16, jun. 2009.

GERMANIA, Deutsche Zeitung e Deutscher Morgen: três jornais em língua alemã publicados em São Paulo. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. [São Paulo]: Unesp, [201-].

Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8047>>. Acesso em: 18 maio 2014.

HEMEROTECA. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. [S.l.: s.n., 201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/>>. Acesso em: 13 maio 2014.

MANGUEL, A. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MOURA, D. A. S. de. Documentos interessantes: sobre o acervo. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. Franca: Unesp, [201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/57>>. Acesso em: 12 maio 2014.

PERIÓDICO Paulista. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. [S.l.: s.n., 201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/2>>. Acesso em: 18 maio 2014.

PROGRAMA de Preservação da Memória Social. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. [São Paulo]: Unesp, [201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26029>>. Acesso em: 12 maio 2014.

PUBLICAÇÕES Unesp. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. [S.l.: s.n., 201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/115>>. Acesso em: 18 maio 2014.

SOBRE o acervo Furio Franceschini. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Biblioteca Digital Unesp**. [São Paulo]: Unesp, [201-]. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/81>>. Acesso em: 18 maio 2014.

SOBRE OS AUTORES E ORGANIZADORES

ANDRE VIEIRA DE FREITAS ARAUJO

Professor do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CBG-FACC-UFRJ), onde leciona as disciplinas: “História do Registro da Informação”; “Teoria e Gestão de Livros Raros” e “Preservação e Conservação de Suportes Informacionais”. Doutorando em Ciência da Informação e Mestre em História Social pela USP e Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Unesp. Pertence ao quadro diretivo da Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP - Biênio 2015-2016), ocupando atualmente o cargo de secretário. Como bibliotecário, desenvolveu trabalhos em instituições e projetos diversos, ligados à organização, preservação e difusão de acervos históricos, dos quais se destaca a Biblioteca do Mosteiro de São Bento de São Paulo, fundada em 1598. Foi bibliotecário consultor em projetos da Fundação Telefônica (Projeto “Coleção Sino Azul”), Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM), Biblioteca de São Paulo (BSP), Mídia-teca da Mediapost Angola e Centro de Documentação e Memória do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco (CEDOC-SINDMETAL). Foi docente no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-SP), Centro Universitário Assunção (UNIFAI-SP) e Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Atua nas áreas de Bibliografia (História e Teoria), Bibliografia Histórica, Organização do Conhecimento (Aspectos Históricos e Epistemológicos), Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação, História Social do Conhecimento, História do Livro e das Bibliotecas, Livros Antigos e Raros, Políticas de Preservação Documental, Bibliotecas e Arquivos Beneditinos.

E-mail: armarius.araujo@gmail.com

ANA PAULA MENESES ALVES

Doutoranda em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus Marília em regime de cotutela com a Universidade de Granada - Espanha. Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos. Possui graduação em Biblioteconomia também pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus Marília. Atualmente é Diretora Técnica de Serviço da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras - Unesp - Campus Araraquara atuando e pesquisando sobre os seguintes temas: gestão de unidades de informação, serviço de referência e informação, acervos especiais, competência informacional, aspectos éticos da produção científica.

E-mail: anameneses@fclar.unesp.br

ANA VIRGINIA PINHEIRO

Bibliotecária e Documentalista da Fundação Biblioteca Nacional brasileira (desde 1982), onde chefia a Divisão de Obras Raras; e Professora Adjunta da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO, desde 1987), onde leciona as disciplinas “História do Livro e das Bibliotecas”, I e II, e “Organização e Administração de Bibliotecas”, é Mestre em Administração Pública (FGV/EBAPE). De seus trabalhos publicados, destacam-se os livros “Que é livro raro?” (1989, esgotado) – que lhe valeu o Prêmio Biblioteconomia e Documentação, do Instituto Nacional do Livro, “Catálogo dos quinhentistas portugueses da Biblioteca Nacional” (2004), e “A ordem dos livros na biblioteca” (2007, esgotado); além de entrevistas, palestras, artigos e ensaios técnicos, como “Livros Raros de Biblioteconomia” (2013, versão digital), “Catalogação de livros raros” (versão digital, 2012; versão impressa, 2014), “Cimélios flamengos que atravessaram o mar” (duas edições belgas, em português e flamengo, 2009; e uma edição brasileira, 2015), “Musas errantes: tesouros da Antiguidade Clássica” (2015), e “Leitura e Poder” (2015). Dedicar-se a estudos sobre Biblioteconomia de Livros Raros, gestão de acervos bibliográficos de memória e colecionismo bibliográfico, envolvendo a avaliação intelectual e patrimonial de bibliotecas.

E-mail: ana.pinheiro@bn.gov.br

BRUNNO VINICIUS GONÇALVES VIEIRA

Doutor em Estudos Literários pela Unesp, instituição onde atualmente leciona temas relacionados à Língua e Literatura Latinas, no nível de graduação e pós-graduação. No momento, é vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e Presidente da Comissão de Biblioteca. Desenvolve projetos na área de Letras Clássicas com ênfase na recepção e tradução de textos greco-romanos em contexto lusófono. Como pesquisador, é vice-líder do Grupo de Pesquisa Linceu - Visões da Antiguidade (CNPq) e possui vínculo como pesquisador com outros três grupos de pesquisa. Recebeu apoio financeiro FAPESP em 2009 para desenvolver o projeto de pesquisa José Feliciano de Castilho e a tradição clássica no séc. XIX, que contou com viagem de estudos para o Rio de Janeiro para pesquisas na Biblioteca Nacional e na Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura. Além de inúmeros artigos publicados, é co-organizador do livro *Permanência Clássica: Visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana* (Ed. Escrituras, 2011); traduziu os cinco primeiros cantos da *Farsália* de Lucano (Editora da Unicamp, 2011); e, como integrante do Grupo Odorico Mendes, colaborou nas anotações das *Bucólicas* (Ateliê, 2008) e das *Geórgicas* (no prelo).

E-mail: brunnovvieira@fclar.unesp.br

CRISTINA ANTUNES

Graduada em Educação pela (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), com cursos de especialização em Ciência da Informação pela UCLA – Universidade da Califórnia em Los Angeles e em Paleografia pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP). Publicou “Uma livraria do outro lado do Atlântico: Biblioteca José Mindlin” in *Revista do Livro* (Lisboa: Centro de Estudos de História do Livro e da Edição, 1999); *Memórias de uma guardadora de livros*, (Florianópolis, Escritório do Livro; São Paulo: IMESP, 2004); “Brasiliana: Published Works and Collections” in *Brazil in the Making: Facets of National Identity* (Carmen Nava (ed.); Ludwig Lauerhass Jr. (ed), Los Angeles: Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2006). Organizou a edição de *Histórias no varal: Três cordéis de romance e aventura* (Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2014). Publicou tam-

bém a transcrição paleográfica e tradução de *São Paulo de Edmond Pink*, (São Paulo: DBA Books, 2000); *As Excelências do Governador: O panegírico fúnebre a D. Afonso Furtado, de Juan Lopes Sierra (Bahia, 1676)* (São Paulo, Companhia das Letras, 2002); além da transcrição paleográfica do *Diário de uma viagem da Baía de Botafogo ao sul do Brasil (1810), de William Henry May*. (Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006); *Compromissos de irmandades mineiras do século XVIII* (Claro Enigma / Instituto Cultural Amílcar Martins, 2007); *Estatística da imperial província de São Paulo* (São Paulo: EDUSP, 2009). Traduziu várias obras, entre elas os dois volumes da *Bibliographia Brasiliana*, de Rubens Borba de Moraes, em parceria com Jesualdo Correia e Elisa Nazarian (São Paulo: EDUSP, 2010). Responsável pelo acervo da Biblioteca José Mindlin desde 1981 e, a partir de 2013, curadora da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin na Universidade de São Paulo.
E-mail: crisantunes@usp.br

TANIA REGINA DE LUCA

Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1981), mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1989) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1996). É professora Livre Docente em História do Brasil Republicano (2009) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: Historiografia, História Social da Cultura, História da Imprensa, História dos Intelectuais, construção dos discursos em torno da nação e do nacionalismo. Atualmente desenvolve pesquisa sobre a imprensa, entre as décadas finais do XIX e os primeiros decênios da centúria seguinte. Pesquisadora principal no projeto temático “A circulação transatlântica dos impressos. A globalização da cultura no século XIX”, financiado pela Fapesp.
E-mail: trdeluca@uol.com.br

TEREZA CRISTINA OLIVEIRA NONATTO DE CARVALHO

Possui graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos, SP. Especialização

em Organização de Arquivos e Desenvolvimento Gerencial para Universidades Públicas ambos pela UNICAMP. Atualmente é Diretora técnica de Coleções Especiais e Obras Raras da Biblioteca Central Cesar Lattes/UNICAMP. Atuando principalmente na formação e desenvolvimento de coleções bibliográficas especiais. Participa de grupos de trabalho para avaliar tecnicamente acervos bibliográficos e documentais de interesse para a Universidade.

E-mail: tereza@unicamp.br

VERA LUCIA CÓSCIA

Mestra em Ciência, Tecnologia e Sociedade, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Possui Especialização em Organização de Arquivos pelo I.E.B./USP. É Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Escola de Biblioteconomia e Documentação da Fundação Educacional São Carlos. Ministra cursos e palestras sobre Conservação de acervos tanto documentais como bibliográficos. Organiza Bibliotecas Pessoais/Particulares utilizando conceitos e técnicas da Conservação Preventiva. Atuou como Bibliotecária chefe do DeCORE (Departamento de Coleções de Obras Raras e Especiais) da UFSCar de julho de 1998 a maio de 2014 onde coordenou os serviços de tratamento e disponibilização do “Fundo Florestan Fernandes”. Nomeada recentemente como Chefe do DeDI - Departamento de Desenvolvimento Institucional da SPDI - Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional da UFSCar, desenvolve atividades para atender as demandas do MEC junto ao Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo da Administração Pública Federal - SIGA, do Arquivo Nacional, tendo sido nomeada como Depositária do Acervo Acadêmico - DAA da referida instituição. Coordena as atividades de conservação de documentos arquivísticos da Fazenda Santa Eudóxia junto ao Projeto “Critérios e Metodologias para realização do inventário sobre o Patrimônio cultural rural paulista” da FAPESP, sob coordenação da Prof^a. Dr^a. Luzia Sigoli Fernandes Costa do DCI da UFSCar.

E-mail: vlc@ufscar.br

SOBRE O VOLUME

Coleção Memória da FCL, N. 3

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 10 x 19,1 cm

Tipologia: Garamond 12/13,5

Miolo: Pólen Bold 90 gr/m² (miolo)

Capa: Cartão Supremo 250 gr/m² (capa)

Tiragem: 150

Para adquirir esta obra:

STAepe – Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão

Laboratório Editorial

Rodovia Araraquara-Jaú, km 01

14800-901 – Araraquara

Fone: (16) 3334-6275

E-mail: laboratorioeditorial@fclar.unesp.br

Site: <http://www.fclar.unesp.br/laboratorioeditorial>

